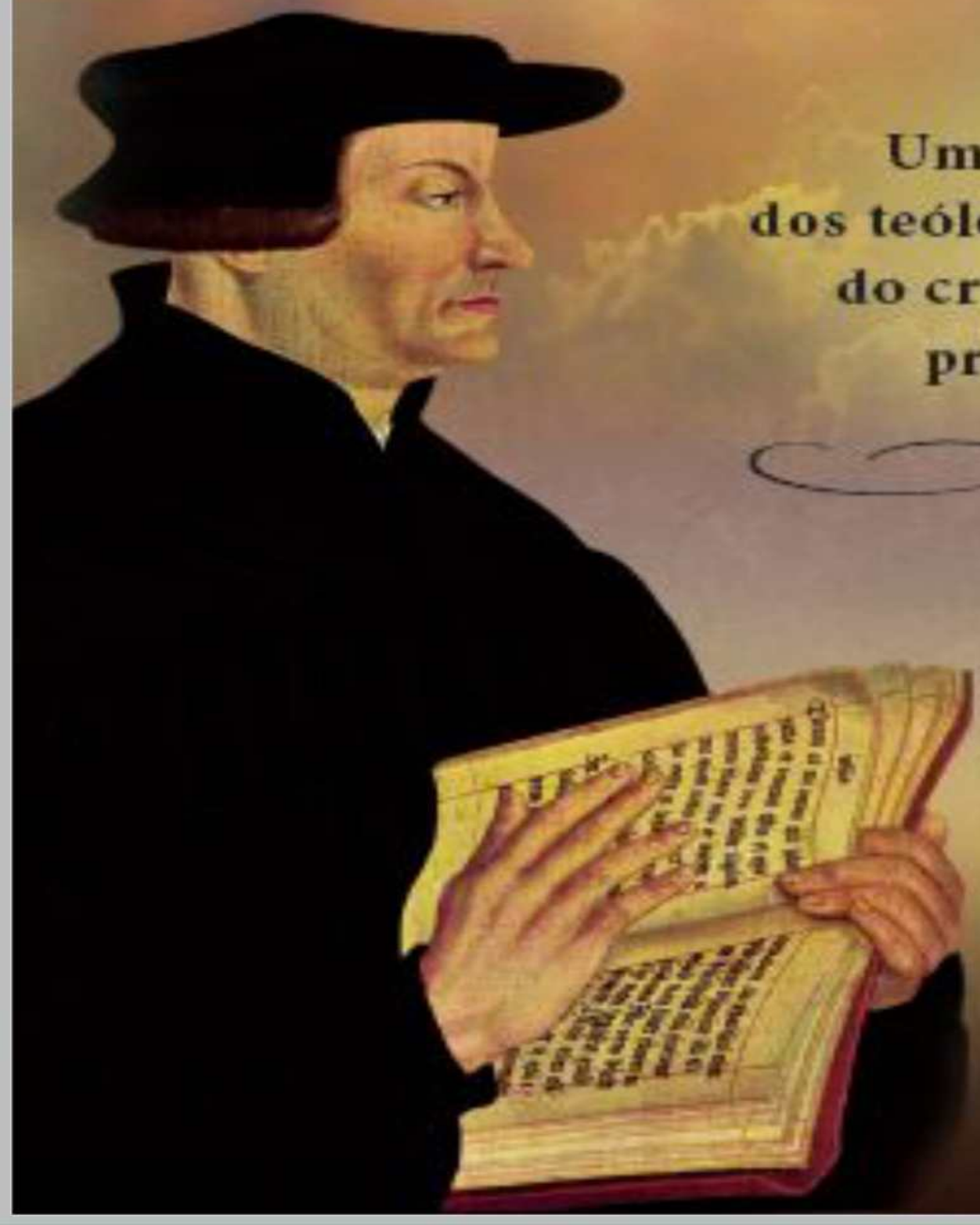
Que se assentem os teólogos



Uma análise dos teólogos sob a luz do cristianismo primitivo

DAVID W. BERCOT

Que se assentem os teólogos

Uma análise dos teólogos sob a luz do cristianismo primitivo

David W. Bercot

Primeira edição

www.LMSdobrasil.com.br
São Paulo - SP
LMS
2018

QUE SE ASSENTEM OS TEÓLOGOS
Uma análise dos teólogos sob a luz do cristianismo primitivo
David W. Bercot

Traduzido do inglês: *Will the Theologians Please Sit Down*. Traduzido com permissão expressa da Scroll Publishing Co. Todos os direitos reservados. O copyright© da edição original em inglês é mantido pela **Scroll Publishing Co., 22012 Indian Spring Tr., Amberson, PA 17210 EUA. Fone: 717 340 7033 – www.scrollpublishing.com.**

A não ser que se indique o contrário, todas as citações bíblicas foram tiradas da versão Corrigida Fiel de João Ferreira de Almeida. Usado com permissão da Sociedade Bíblica Trinitariana.

Impresso no Brasil pela

Literatura Monte Sião do Brasil

Caixa Postal 241

Av. Zélia de Lima Rosa, 340

18550-970 Boituva – SP

Fone: (15) 3264-1402

email: LMSdobrasil@gmail.com

www.LMSdoBrasil.com.br

Tradução e revisão: Bravo Translations

Capa: Joseph Mast

ISBN: 978-85-64737-35-8

Copyright © 2018 Literatura Monte Sião do Brasil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Proibida a reprodução do conteúdo por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Agradecimentos

O autor deseja expressar profunda dívida de gratidão a Frank Grossklaus, de Duesseldorf, Alemanha, que sugeriu o título deste livro e a Thierry Fender de Genebra, Suíça, que pensou em ideias junto com ele. Também agradeço esses irmãos por cunharem o termo “doutrinianismo”.

-1-
“Doutrinianismo” versus cristianismo

Caspar Zacherl tremia de medo ao ser levado para o tribunal algemado. Olhou em volta, procurando olhares de simpatia, mas não encontrou nenhum. Em vez disso, deu de cara com vários de seus inimigos — habitantes da cidade com quem já havia discutido. Caspar estudou em desespero a expressão facial do juiz, em busca de indícios de simpatia, mas a única coisa que viu foi um semblante duro. Caspar tinha certeza de que enfrentaria a morte certa.

Foi no ano de 1562, na cidade de Waiblingen, no sudoeste da Alemanha. A acusação: heresia. O cenário já fora testemunhado inúmeras vezes na Europa por no mínimo mil anos. A maioria desses julgamentos contra heresia até então fora realizada pelas autoridades católicas romanas. No entanto, as autoridades que Caspar enfrentou eram luteranas. Os tempos haviam mudado, mas a natureza da cristandade não.

Caspar mal conseguia conter a tremedeira quando chegou sua vez de comparecer diante do juiz. As acusações foram lidas. Ele era acusado de heresia — mais especificamente, de pertencer a um grupo conhecido como os anabatistas. Quando lhe deram a oportunidade de apresentar sua defesa, Caspar negou com toda ênfase a alegação.

— Sou um bom luterano — protestou. — Nunca tive nada que ver com essas pessoas repugnantes!

Então as autoridades apresentaram a causa contra Caspar. Um a um, vários dos habitantes da cidade subiram à tribuna e testemunharam contra ele. Várias pessoas o descreveram como um homem invejoso, sempre cobiçando o que os outros tinham. Quase todas as testemunhas disseram que Caspar era extremamente brigão, entrando em discussões e disputas frequentes com os

outros. Destacaram que o haviam ouvido xingar em público diversas vezes. Algumas testemunhas relataram que ele quase sempre levava uma faca ou espada consigo quando saía de casa. A cidade inteira o odiava.

Quando as testemunhas terminaram seus relatos,Caspar tinha a certeza de que seria declarado culpado. Ele sabia que não podia negar a veracidade daquilo que as pessoas haviam falado. Olhando bem dentro dos olhos de Caspar, o juiz limpou a garganta e começou a dizer:

— Após ouvir todas as evidências apresentadas pelas testemunhas, este tribunal considera o réu, Caspar Zacher...

Caspar engoliu seco, aterrorizado diante da perspectiva de ouvir a próxima palavra do juiz.

— ... inocente.

Ele mal podia acreditar no que estava escutando.

O juiz prosseguiu, a fim de explicar sua decisão:

— As testemunhas são unânimes em afirmar que você é um homem invejoso e brigão. Com frequência, xinga em público e anda pela cidade portando armas. É absolutamente desagradável e odiado por seus conterrâneos. Felizmente, porém, está claro que você não é um daqueles detestáveis hereges, os anabatistas. Pois sua vida é exatamente o contrário da que eles levam. Eles nunca o aceitariam. Você é exatamente o que diz ser, um cristão ortodoxo.[1]

Foi um dia feliz para Caspar Zacher, mas negro para o cristianismo. Um homem foi absolvido de heresia por viver uma vida ímpia!

Em que havia se transformado a igreja de Cristo, a ponto de uma vida santa ser associada à heresia e uma vida pecaminosa estar ligada à ortodoxia? De fato, muito havia acontecido com a igreja de Cristo, pelo menos no que diz respeito ao corpo visível de professos

cristãos. Aquilo que ocorreu por ser resumido em poucas palavras: o cristianismo tinha se tornado “doutrinianismo”.

A transformação do cristianismo

Quando o cristianismo estava surgindo, o foco era em Jesus Cristo e em seu reino — não na teologia. Para ficar claro, existem doutrinas fundamentais que os cristãos sempre consideraram essenciais à fé. De algum modo, porém, as coisas vistas como essenciais cresceram de umas poucas frases para uma longa lista de princípios teológicos, muitos deles desconhecidos dos primeiros cristãos.

No princípio, os cristãos entendiam que a essência do cristianismo era um relacionamento obediente de amor e fé com Jesus Cristo. Não era qualquer relacionamento, mas um que produzisse frutos genuínos para o reino. O cristianismo era, sobretudo, uma religião formada por pessoas pobres e sem instrução. Não havia seminários, nem faculdades de teologia.

Mas então algo aconteceu: os teólogos tomaram conta da igreja. Assim que isso ocorreu, a ênfase logo mudou dos frutos espirituais para a teologia “ortodoxa”. Não demorou muito e uma vida piedosa passou, muitas vezes, a levar as pessoas a suspeitarem de heresia.

O mais interessante é que a ordem que Jesus deu com mais frequência a seus seguidores consistia de apenas uma palavra: “Segue-me”. Jesus confrontou a classe de teólogos de sua época anunciando um reino que seria mais bem compreendido por iniciantes na esfera intelectual do que por acadêmicos cultos.

Em contrapartida, quando os teólogos cristãos assumiram o poder no quarto século, o foco mudou de “segue-me” para “estuda-me”. Teólogos eruditos afirmavam ter visão e entendimento especiais das Escrituras. Esperava-se que o restante da igreja ficasse assentado, aceitando o que os teólogos lhes diziam que as Escrituras significavam. Dar fruto do reino não era mais tão importante. O essencial era aceitar as doutrinas “corretas”.

Os teólogos *versus* o reino

Foram as autoridades religiosas, em primeiro lugar, que se opuseram ao reino de Deus nos dias de Jesus e assim tem sido desde então. Quando uso o termo *teólogo* neste livro, estou me referindo à elite da academia e seus discípulos que se posicionam como os intérpretes oficiais das Escrituras. Não critico nem condeno, de maneira alguma, os cristãos que desejam aprender tudo que Deus nos revelou sobre si, Jesus Cristo, a humanidade, a salvação, a vida após a morte e uma série de outros assuntos espirituais. Em vez disso, minha crítica se dirige aos elitistas que reivindicam para si o direito de interpretar as Escrituras, ao passo que o negam aos outros. Volta-se também para os acadêmicos arrogantes e para as autoridades eclesiásticas que imaginam compreender melhor o Novo Testamento do que os cristãos que viveram perto da época dos apóstolos.

Desde que assumiram o poder, tais teólogos têm guerreado contra os verdadeiros filhos do reino. Ao longo de muitos séculos, lutaram contra eles usando o fogo e a espada. Agora, lutam contra os filhos do reino com palavras.

Todavia, de muitas maneiras, a guerra de palavras tem sido mais eficaz do que a guerra de fogo e espada. Muitos cristãos do reino[II] se deixam intimidar pelos valentões teológicos de hoje. Adotaram por completo a teologia de seus ex-perseguidores. Têm medo de pregar ou ensinar na escola dominical sem consultar os comentários, livros de referência e Bíblias de estudo feitos pelos teólogos — por medo de dizer algo “errado”.

Em consequência, os teólogos estão destruindo o cristianismo do reino de dentro para fora com eficácia. Aliás, eu não ficaria surpreso se os cristãos do reino de hoje perdessem a maioria dos ensinos de Jesus sobre o reino no decorrer de uma ou duas gerações.

Mas as coisas não precisam ser assim. Nós, cristãos do reino, podemos aprender a enfrentar de pé os valentões teológicos da atualidade. Todavia, para ter condições de fazer isso com eficácia, primeiro necessitamos aprender como era o cristianismo no início e como os teólogos assumiram o poder. Também precisamos entender os meios que os teólogos usam em nossos dias para abafar o testemunho do reino encontrado na Palavra de Deus.

Quando compreendermos essas coisas, não será difícil para nós desmascarar a maioria dos teólogos como os impostores espirituais que costumam ser.

-2-
Os primeiros teólogos

Quando Deus separou os israelitas para serem seu povo especial, deu-lhes a lei de Moisés que, juntamente com Gênesis, marcou o início das Sagradas Escrituras. Após a morte de Moisés, Deus disse a Josué: “Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem-sucedido” (Js 1:8). Embora a maior parte dos israelitas não possuísse um exemplar das Escrituras, os sacerdotes e levitas tinham a responsabilidade de lê-las a fim de que o povo se familiarizasse com elas (2Cr 17:9).

No entanto, Deus nunca disse aos sacerdotes e levitas que era responsabilidade ou papel deles *interpretar* as Escrituras. Deus não estabeleceu nenhuma hierarquia teológica para interpretar a Bíblia para o povo, nem criou seminários ou faculdades de divindade a fim de treinar professores ou teólogos especiais quanto ao “significado apropriado” da lei. Em vez disso, ao longo dos séculos, Deus enviou profetas para exortar e advertir os israelitas quando estes estivessem se afastando de seus caminhos. Mas os profetas não eram teólogos e Deus nunca os elevou a uma categoria hierárquica superior.

Como os israelitas deixaram diversas vezes de ouvir as instruções de Deus, ele acabou permitindo que os assírios e babilônios os tirassem da terra de Israel e os levassem cativos. Anos depois, um remanescente de judeus retornou de Babilônia para a terra prometida e reconstruiu o templo. O período que se estende da reconstrução do templo até sua destruição em 70 d.C. pelos romanos costuma ser chamado de era do segundo templo.

Durante a era do segundo templo, os judeus começaram a fundar sinagogas. Eram locais de reunião onde eles podiam se encontrar para orar e ler as Escrituras. Uma vez que, naquela época, os judeus estavam dispersos por boa parte do mundo mediterrâneo, isso permitiu que mantivessem tanto sua identidade quanto a lei de Moisés, mesmo que muitos deles morassem bem distantes do templo.

No mesmo período, surgiram vários líderes religiosos que queriam garantir que a nação judaica nunca mais violaria a lei de Moisés, para não voltar ao cativeiro. Dentre esses líderes, encontravam-se os saduceus (grupo de sacerdotes) e os fariseus (que, geralmente, não eram sacerdotes ou levitas). Havia também homens cultos conhecidos como escribas.

Embora esses grupos de líderes religiosos tenham começado com boas intenções, deixaram de ser simples pastores e professores para se tornar uma classe elitizada e hierárquica acima do povo comum. Pararam de ser os braços direitos de Deus para se tornarem seus adversários. Mudaram de guias espirituais genuínos dos judeus para mestres espirituais que tiranizavam o povo. Deixaram de esclarecer as pessoas e passaram a conservá-las em ignorância espiritual. Nos tempos de Jesus, esses líderes religiosos eram chamados pelo título de *rabinos*, que quer dizer, literalmente, “meu grande”.[2]

A classe de elite de teólogos usou dois métodos básicos para intimidar os judeus comuns e dar a impressão de que apenas os teólogos conseguiam compreender adequadamente as Escrituras. Esses dois meios de controle foram: (1) suas habilidades linguísticas — especialmente, o conhecimento que tinham do idioma hebraico — e (2) seu status como intérpretes oficiais da Lei.

Usando a linguagem para intimidar

Pessoas com boa capacidade linguística podem usar suas habilidades para a glória de Deus e o benefício de seu povo.

Todavia, os linguistas também podem usar seus talentos para se colocarem em um pedestal, acima de seus irmãos e suas irmãs. Podem usar o conhecimento que têm a fim de intimidar outros que não possuem o mesmo grau de instrução. Era exatamente isso que os teólogos judeus faziam.

Na época de Jesus, a maioria dos judeus não falava, nem compreendia com fluência o hebraico bíblico.[I] Em vez disso, seu idioma do dia a dia era o aramaico ou grego, dependendo de onde viviam. Embora a maioria das pessoas não entendesse mais hebraico, os teólogos eram contrários à tradução das Escrituras para idiomas que o povo compreendia. Criam que a Bíblia era sagrada demais para ser traduzida em outras línguas. As Escrituras haviam sido escritas em hebraico e, por isso, deveriam permanecer em hebraico! Então os teólogos judeus fundaram escolas para ensinar hebraico aos futuros teólogos.

Nas sinagogas da Palestina, de Babilônia e de outras terras do oriente, onde se falava aramaico, um leitor escolhido lia as Escrituras em hebraico para as pessoas. À medida que a Bíblia era lida, um escriba ou líder da sinagoga explicava em aramaico o que a passagem queria dizer. Essas traduções livres para o aramaico eram conhecidas como *targumim*. Todavia, os teólogos proibiam que os *targumim* fossem escritos. Por causa disso, não houve nenhum *targum* aramaico por escrito até depois dos tempos de Cristo. Mesmo quando os *targumim* finalmente foram confiados à escrita, não receberam ampla circulação entre os judeus comuns. Eram, antes de tudo, algo para que os rabinos pudessem ler e estudar.

Assim, os judeus de língua aramaica dependiam dos teólogos judeus quase que por completo para conhecer as Escrituras. Poucos judeus comuns ousariam desafiar os ensinos dos escribas e de outros líderes, pois estes sempre poderiam dizer: “Bem, na verdade, o hebraico desta passagem quer dizer isto, isto e aquilo”, e os judeus comuns seriam incapazes de contestar esse tipo de argumento.

Felizmente, os judeus de língua grega se deram melhor — mas não por causa dos teólogos. Pela providência divina, no terceiro século a.C., Ptolomeu, o governante grego do Egito, convidou judeus cultos para irem até lá traduzir as Escrituras hebraicas para o grego. Fez isso porque estava tentando reunir em uma biblioteca a sabedoria escrita de todos os povos civilizados da Terra. Assim, por meio de Ptolomeu, Deus abriu caminho para driblar os teólogos e disponibilizar as Escrituras em um idioma que a maior parte do mundo mediterrâneo compreendia. A tradução grega do Antigo Testamento feita sob a autoridade de Ptolomeu é conhecida como Septuaginta, que significa “setenta”, porque setenta tradutores trabalharam nesse projeto.

Algo notável acerca da Septuaginta é que ela não foi traduzida para o grego literário dos clássicos. Em vez disso, foi traduzida para o grego *koiné*, o grego comum falado pelas pessoas. Foi algo inédito na época, mas Deus queria que as Escrituras estivessem na língua real que o povo comum falava — não no padrão culto literário das elites.

Muito embora a Septuaginta tenha libertado os judeus helênicos dos valentões da linguagem, isso não ajudou seus compatriotas judeus que falavam aramaico. E os teólogos judeus encontraram outra maneira de exercer controle espiritual até mesmo sobre os judeus de fala grega: sua posição de “intérpretes oficiais” da lei.

Os intérpretes oficiais das Escrituras

Muitos mandamentos da lei não estão explicados em detalhes nas Escrituras. Por exemplo, a lei diz: “O sétimo dia vos será santo, o sábado do repouso ao Senhor; todo aquele que nele fizer qualquer trabalho morrerá” (Êx 35:2). Mas Deus não deu uma definição precisa aos israelitas do que constituía “trabalho”. Na verdade, ele deu apenas um exemplo do que é considerado trabalho: acender uma fogueira. É claro que outras atividades também se classificariam como trabalho. Qualquer israelita razoável chegaria à

conclusão de que, se acender um fogo é trabalhar, então arar um campo, fazer a colheita ou vender mercadorias também é.

Mas ainda restava um enorme espaço de indecisão. E fazer uma caminhada? Escrever uma carta? Cuidar de uma pessoa ferida? Tomar banho? Jogar uma pedra? Alguma dessas coisas é considerada “trabalho”? Talvez todas elas, ou, quem sabe, nenhuma. Quem pode dizer? Bem, os teólogos declaravam que *eles* podiam. Baseavam sua autoridade na reivindicação fictícia de que, além da lei escrita de Moisés, uma lei oral fora transmitida desde Moisés pelos teólogos ao longo dos séculos. Essa lei oral supostamente preenchia os vazios da lei escrita e somente os que a estudaram nas escolas rabínicas a conheciam.

Por exemplo, e se alguém quisesse saber se jogar uma pedra no sábado era trabalho? Bem, os teólogos tinham a resposta:

Aquele que jogar um objeto a uma distância superior a quatro côvados transgrediu o sábado. Contudo, caso jogue um objeto dentro do espaço de quatro côvados e ele rolar além, não violou o sábado. Mas se lançar um objeto além de quatro côvados e ele rolar de volta a essa distância, é culpado. Em contrapartida, aquele que arremessa um objeto quatro côvados para dentro do mar está isento da transgressão do sábado. Caso, porém, o objeto seja jogado em água rasa, pela qual passa um caminho público, aquele que jogou na distância de quatro côvados é culpado. Mas qual seria a medida da água rasa? “Rasa” quer dizer que tem menos de dez palmos de profundidade.[3]

Assim, graças aos teólogos, um judeu poderia saber exatamente como Deus se sente acerca do lançamento de pedras no sábado! E quanto a escrever algo no sábado, ou apenas rabiscar com uma caneta? Bem, os teólogos tinham resposta para isso também:

Aquele que escrever duas letras do alfabeto em um único momento de descuido será culpado de transgredir o sábado. Mas se escrever com sangue, água, leite, mel, suco de fruta, poeira da rua ou qualquer coisa que não deixe marca duradoura, estará isento da

violação. De igual modo, se escrever com as costas da mão, com o pé, a boca ou o cotovelo, não transgrediu o sábado. Se escrever uma letra do alfabeto junto com outra que já foi escrita [antes do sábado], estará isento.

Bem, eu poderia prosseguir indefinidamente. Costurar dois pontos era uma transgressão do sábado, bem como cortar as unhas. Colocar um osso deslocado no lugar, bem como matar uma pulga.

Embora esses teólogos imaginassem estar fazendo a obra de Deus, na verdade, estavam trabalhando contra Ele. Corromperam o pensamento do povo judeu com um fermento mau. Mas o que exatamente era esse fermento dos escribas e dos fariseus, os teólogos daquela época?

-3-
O fermento dos teólogos

Jesus advertiu seus discípulos: “Adverti, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus” (Mt 16:6). Os fariseus e saduceus eram dois grupos líderes de teólogos judeus. Quando Jesus usou o termo “fermento” para se referir a esses teólogos, estava falando de seus ensinos. No entanto, não era algo específico ao ensino em si, mas *toda a abordagem* que usavam para ensinar e interpretar a lei. E a abordagem que tinham em relação às Escrituras era má aos olhos de Deus. Quatro males principais caracterizavam essa abordagem às Escrituras:

- Eles perdiam de vista o grande quadro daquilo que Deus estava ensinando à humanidade.

- Eles acrescentavam ensinos humanos às Escrituras.

- Também negavam alguns dos mandamentos de Deus.

- Transformavam a Bíblia em algo que somente a elite era capaz de ler e interpretar da maneira apropriada.

Perdendo de vista o grande quadro

Os teólogos perderam de vista o grande quadro porque se concentravam nas minúcias da lei, em vez de focar nas coisas maiores: o amor, a misericórdia, a fé, a justiça e o perdão. Jesus descreveu os teólogos com perfeição quando os denunciou dizendo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas. Condutores cegos! que coais um mosquito e engolis um camelo” (Mt 23:23–24).

Ao analisar a lei em demasia, os teólogos acabavam perdendo de vista todo o seu propósito e espírito. Se você perguntasse aos escribas e fariseus quais eram os dois maiores mandamentos, é provável que a maioria deles desse a resposta correta: (1) amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento; e (2) amar ao próximo como a si mesmo. Contudo, seria uma réplica acadêmica, do tipo que lhes faria tirar dez em uma prova. A resposta estava em sua cabeça, mas não no coração.

Infelizmente, as minúcias que os teólogos gastavam tempo para interpretar raras vezes tinham qualquer relação com o amor. Eles não criavam regras detalhadas sobre o que significava amar o próximo ou ser misericordioso com alguém. Em lugar disso, a maioria dos regulamentos dizia respeito a coisas como guardar o sábado, definir as punições por fazer o mal, as formalidades necessárias para um casamento ou divórcio válido, voto de nazireu, dízimos e celebração da Páscoa. Em suma, eles achavam que rituais, cerimônias e dias santos eram as partes mais importantes da lei.

A maioria dos teólogos judeus era capaz de identificar com correção muitas profecias do Antigo Testamento sobre o Messias vindouro. No entanto, quando o Messias finalmente chegou, não conseguiram reconhecê-lo. Aliás, eles acabaram condenando-o à morte. Tinham muito conhecimento, mas pouco entendimento. Nunca enxergavam o grande quadro. Em contrapartida, milhares de judeus que pouco sabiam acerca das complexidades da lei não tiveram dificuldades para reconhecer que Jesus era o Messias quando ele apareceu.

O que Deus busca?

Um dos propósitos da lei era preparar os judeus para Cristo e seu reino. E que tipo de pessoa Deus queria no preparo para seu reino? Pessoas que haviam se engajado em um relacionamento obediente de amor e fé com ele e produziam frutos de tal relacionamento. Conforme diz Miqueias: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que

pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus?” (Mq 6:8).

Mas os teólogos tinham a vã imaginação de que Deus estava em busca de pessoas que enfiavam a cabeça no *conhecimento* das Escrituras e da tradição judaica. Inventaram um caminho para Deus que não requeria frutos espirituais — apenas conhecimento intelectual e uma submissão escrava às tradições humanas. Achavam que Deus queria pessoas que se precavessem quanto a jogar uma pedra na distância errada no sábado. Achavam que estavam respeitando a Palavra de Deus ao criar regras e rituais acerca do uso físico adequado de suas mensagens: quanto espaço deixar entre cada letra ao copiar a lei, a altura e largura dos rolos usados, rituais para seguir após tocar os rolos e regras sobre enterrá-los depois de ficarem gastos.

Mas não era isso que Deus estava procurando. Ele estava em busca de *frutos* — frutos como misericórdia e amor pelas outras pessoas. Frutos como apoio e honra aos pais. Como o Senhor disse aos israelitas: “Assim falou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Executai juízo verdadeiro, mostrai piedade e misericórdia cada um para com seu irmão. E não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente cada um, em seu coração, o mal contra o seu irmão” (Zc 7:9–10). E ainda: “O que oprime o pobre insulta àquele que o criou, mas o que se compadece do necessitado o honra” (Pv 14:31).

O acréscimo de ensinos humanos às Escrituras

O Novo Testamento descreve a lei como um encargo (At 15:28). Já era onerosa o bastante sem nenhum mandamento novo acrescentado a ela. Se os escribas e fariseus realmente houvessem compreendido a mente e o coração de Deus, teriam se dado conta disso. Conforme vimos, porém, eles não conseguiam enxergar o quadro mais amplo. Achavam que o Senhor se agradava de uma obediência escrava e meticulosa a todos os detalhes imaginários da lei. Por isso, acrescentavam leis adicionais àquelas que Deus criara.

É preciso lembrar que existe uma diferença entre fazer novos mandamentos e meramente identificar aplicações aos mandamentos bíblicos já existentes. Afinal, a comunidade do Antigo Testamento era responsável por colocar em vigor a lei de Moisés. Logo, era razoável que tornassem sensatas as aplicações a ela relacionadas. É óbvio que não trabalhar no sábado significava mais do que meramente deixar de acender uma fogueira (a única aplicação mencionada por Deus). Um homem que arava o campo no sábado não podia alegar inocência somente porque Deus não havia definido especificamente trabalhos que incluíssem arar a terra. Aplicações como essas apenas seguem o bom senso.

No entanto, quando os teólogos acrescentaram, à definição de trabalho, coisas como colocar no lugar um osso quebrado ou esticar uma bolinha de palha do colchão antes de se deitar, estavam colocando fardos pesados e sem sentido nas costas das pessoas. Na realidade, estavam criando novas leis.

Mas havia um segundo modo usado pelos teólogos para criar novas leis. Como já mencionei, os teólogos acrescentaram leis dizendo que uma “lei oral” fora transmitida de Moisés para as várias gerações de escribas ao longo dos séculos. E essa lei oral supostamente continha mandamentos adicionais não encontrados na lei escrita. Por exemplo, os teólogos exigiam diversas abluções cerimoniais que nunca foram prescritas pelas Escrituras (Mt 15:1–2). Mas a verdade é que nunca existiu essa lei oral. Não passou de uma invenção dos teólogos.

Negando os mandamentos de Deus

É possível pensar que, como os teólogos *acrescentaram* tantas regras à lei, pelo menos eles não *tiraram* nenhum dos mandamentos que a lei de fato continha. Mas esta é a ironia do fermento dos teólogos: eles não só acrescentaram à lei, mas também retiraram. O próprio Jesus destacou isso.

Por exemplo, um dos principais mandamentos da lei era honrar ao pai e a mãe. Em geral, a palavra *honra* em português só tem a conotação de demonstrar respeito. Todavia, ao ler o Novo Testamento, fica evidente que as palavras hebraica (*hadar*) e grega (*timaoi*) subjacentes também transmitiam o sentido de prover suporte financeiro (Mt 15:4–6; 1Tm 5:3,17–18). Em outras palavras, era um mandamento específico de Deus para que os israelitas sustentassem os pais idosos.

Entretanto, os teólogos ensinavam que se uma pessoa declarasse que seus bens eram “corbã”, não precisava usá-los para sustentar os pais. Declarar que a propriedade era corbã significava dizer que era consagrada a Deus. Depois de ser declarada corbã, nenhum terceiro poderia reivindicá-la.

Esperava-se, porém, que parte da propriedade considerada corbã fosse doada para os escribas e fariseus, ou para as sinagogas que estes lideravam. Assim, todo esse sistema de reservar bens como corbã beneficiava os teólogos judeus. E isso tornava as coisas convenientes para filhos adultos que não desejavam ter obrigação de sustentar os pais. Todavia, essa prática egoísta contradizia o mandamento expresso de Deus de prover para os pais durante a velhice e deixava muitos dos judeus idosos desamparados.

Escrituras retiradas do povo

Embora o Antigo Testamento fosse copiado e preservado sob a supervisão dos líderes religiosos judeus, o sistema de copistas acabou retirando as Escrituras do povo. Por causa dos ensinos desses líderes, os judeus comuns passaram a considerar as Escrituras inspiradas inadequadas.

Afinal, que pessoa normal que lesse Êxodo 35:2 — “O sétimo dia vos será santo, o sábado do repouso ao Senhor; todo aquele que nele fizer qualquer trabalho morrerá” — chegaria à conclusão de que não poderia esmagar uma pulga que o picasse, nem rabiscar o

próprio nome em um pedaço de papel? Nenhuma, é claro. No entanto, segundo os teólogos, essa era uma violação do sábado, pecado punido com a morte. Por isso, o povo judeu passou a ter medo de simplesmente ouvir a lei e seguir uma aplicação razoável dela. A fim de evitar ofender a Deus, a comunidade achava melhor deixar os teólogos dizerem qual era o real significado da lei.

Deus havia inspirado a Bíblia a fim de ser escrita para o povo comum. Mas os teólogos a transformaram em algo para a elite espiritual, para homens instruídos nas escolas rabínicas.

O efeito total do fermento

A soma dos mandamentos humanos, comentários, interpretações, hipocrisia e elitismo espiritual dos fariseus consistia no fermento do qual Jesus ordenou nos acautelarmos. O peso do fermento dos teólogos esmagou todo o espírito e propósito da lei. As Escrituras por si sós se tornaram inúteis, porque elas só queriam dizer aquilo que os teólogos afirmavam que elas significavam.

Não havia motivo para um indivíduo tentar estudar os escritos sagrados por conta própria. O judeu comum sentia que não tinha a menor condição de compreender as Escrituras sem o auxílio dos teólogos. Pois, no fim das contas, os teólogos judeus haviam tornado as Escrituras inválidas por causa de suas tradições. Os teólogos controlavam o que as pessoas aprendiam sobre Deus e seu modo de lidar com o ser humano. Eles próprios, porém, se encontravam na mais completa escuridão.

Para mim, a situação é semelhante à navegação antiga. Quando um navio novo deixava o porto, podia se mover a uma velocidade considerável. No entanto, crustáceos logo começavam a aderir a seu casco. Ao longo dos anos, mais e mais crustáceos grudavam no casco e o navio começava a pesar. Com o tempo, o peso dos pequenos animais reduzia a embarcação a uma velocidade lentíssima. Quando chegava a essa condição, o navio precisava ser

colocado em uma doca seca para retirada dos crustáceos. Caso contrário, tornava-se praticamente inútil.

O fermento dos escribas e dos fariseus havia feito a mesma coisa com as Escrituras. Deus dera aos israelitas exatamente as palavras inspiradas de que eles precisavam. Ao longo dos anos, porém, os teólogos judeus haviam acrescentado tanto de seu fermento à Bíblia que ela se tornara como um navio pesado por causa dos crustáceos. Era hora de alguém limpá-lo!

-4-

Como Jesus subverteu os teólogos

Quando Jesus entrou em cena, não perdeu tempo arrancando fora os crustáceos. Aliás, antes mesmo de Cristo começar seu ministério, o Espírito já havia enviado João Batista para preparar o caminho. E João disparou a munição inicial contra os teólogos judeus ao falar sobre os *frutos* que produziam: “E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mt 3:7–9).

Já vimos por que os teólogos judeus mereciam ser denunciados em termos tão fortes. Eles haviam tentado criar um caminho para Deus que não exigia frutos espirituais. É como Jesus explicou: “Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam” (Lc 11:52). Os intérpretes da lei aos quais Jesus se referiu eram os teólogos — aqueles que se julgavam especialistas na lei.

Eles se viam como protetores e defensores da lei. Em realidade, porém, eram justamente o contrário. Eles haviam corrompido a lei e tirado “a chave do conhecimento” do povo comum. Os teólogos tornaram o povo completamente dependente deles para ter acesso às Escrituras e ao conhecimento de Deus. Mas então bloquearam o caminho para o reino. Eles não produziam frutos do reino e impediam outros de o fazerem.

Ao longo de seu ministério, Jesus destruiu os dois métodos por meio dos quais os teólogos vinham mantendo o povo em cadeias. Conforme vimos, um desses métodos era seu conhecimento

superior da língua hebraica. Cristo endossava que o hebraico era uma língua santa, a única adequada para a transmissão das mensagens divinas à humanidade? De modo nenhum. Em vez disso, o único registro que temos de seus ensinos se encontra em *grego*.[I]

Jesus deixou o hebraico totalmente de lado. Ao contrário dos teólogos, ele não instruiu seus discípulos a lerem em hebraico a fim de poderem entender as Escrituras em sua "língua original". Aliás, quase sempre que os apóstolos citaram o Antigo Testamento, recorreram à Septuaginta grega, não às versões em hebraico usadas pelos teólogos.

De maneira semelhante, em vez de reconhecer os escribas e fariseus como os "intérpretes oficiais da lei", Jesus os chamou de "guias cegos", que haviam perdido de vista toda a finalidade da lei. Os teólogos se incomodavam o tempo inteiro porque Jesus contradizia seus ensinos.

Desmascarando os teólogos

Conforme debatemos, Jesus rotulou todo o sistema teológico judaico como o fermento com o qual os filhos do reino deveriam tomar cuidado. Por causa de suas interpretações meticulosas da lei, Cristo denunciou os líderes religiosos por atarem fardos pesados ao povo que eram difíceis de carregar (Mt 23:4).

Além disso, Cristo rejeitou a reivindicação de que eles preservavam as tradições orais entregues por Moisés. Em vez disso, Jesus as ignorava deliberadamente, por terem sido criadas por seres humanos. Por exemplo, veja o que aconteceu quando ele aceitou o convite para jantar com um fariseu:

E, estando ele ainda falando, rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele; e, entrando, assentou-se à mesa. Mas o fariseu admirou-se, vendo que não se lavara antes de jantar. E o Senhor lhe disse: Agora vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade. Loucos! Quem

fez o exterior não fez também o interior? Antes dai esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo (Lc 11:37–41).

Em certa ocasião, Jesus abordou a mesma questão das lavagens cerimoniais dos teólogos: “Deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens; como o lavar dos jarros e dos copos; e fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas” (Mc 7:8). Na verdade, todos aqueles mandamentos extrabíblicos dos teólogos não eram uma lei oral transmitida por Moisés. Não passavam de tradições humanas.

Além disso, Jesus repreendeu os teólogos com a linguagem mais forte possível por anular os mandamentos de Deus. Disse-lhes: “[Vós estais] invalidando assim a palavra de Deus pela vossa tradição, que vós ordenastes. E muitas coisas fazeis semelhantes a estas” (Mc 7:13).

Nenhum teólogo no reino

No entanto, Jesus foi muito além de simplesmente denunciar os escribas e fariseus por hipocrisia e atacar seus ensinos. O problema não era meramente que *esses* teólogos em particular estavam ensinando coisas erradas. O problema era a própria existência de uma classe de teólogos. Isso porque os teólogos inevitavelmente acabam corrompendo a mensagem de Deus. Sempre colocam o conhecimento intelectual acima dos frutos. Se o Senhor quisesse uma classe de teólogos, ele próprio teria instituído uma. Deus não precisa de teólogos para serem os intérpretes oficiais das Escrituras. Sua Palavra é suficiente. Por essa razão, Jesus disse o seguinte a seus discípulos acerca dos escribas e fariseus:

E amam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, e as saudações nas praças, e o serem chamados pelos homens; Rabi, Rabi. Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. Nem vos chameis mestres,

porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. O maior dentre vós será vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado (Mt 23:6–12).

Um dos problemas com todo o sistema teológico é que ele classifica algumas pessoas como superiores às outras. Mais do que isso: os teólogos acabam invalidando boa parte da Palavra de Deus, a despeito do quanto sejam bem-intencionados. O reino de Deus necessita de pastores e professores simples, mas não de teólogos acima de seus irmãos comuns.

Ao longo de seu ministério, Jesus deixou claro que seu reino não precisava de uma classe de teólogos. Para entrar no reino, ninguém precisa se assentar aos pés de um teólogo erudito. É exatamente o contrário. Necessita se humilhar e se tornar como uma criancinha.

Naquela mesma hora chegaram os discípulos aos pés de Jesus, dizendo: Quem é o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles, e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus. E qualquer que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim me recebe (Mt 18:1–5).

Em realidade, no reino, o treinamento teológico especial não só é desnecessário, como também constitui um empecilho. “Bebês” de intelecto são capazes de entender melhor as questões do reino do que acadêmicos cerebrais. É como Jesus disse: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11:25). Ao falar em “sábios e entendidos”, Jesus estava obviamente se referindo aos sábios e entendidos deste mundo. Outros tradutores verteram a expressão por “sábios e instruídos” ou “sábios e cultos”.[4] A instrução teológica de nada vale nas questões referentes ao reino. É, no máximo, um impedimento.

Quando Jesus pregou sobre “pequeninos” entrando no reino, não estava falando algum *slogan* vazio da boca pra fora, que ele próprio não conhecia. Pelo contrário, escolheu como seus doze apóstolos homens sem nenhuma capacitação teológica. Aliás, vários deles tinham pouca escolarização formal. Eram homens comuns, iletrados. O treinamento que Cristo lhes deu foi do tipo mão na massa. Jesus não fundou nenhum seminário, escola teológica ou academia como faziam os escribas e filósofos gregos. Em vez disso, pediu aos discípulos que o acompanhassem em suas missões de pregação e, posteriormente, os enviou nas próprias missões, para que adquirissem experiência (Mt 10). Ele fez *discípulos*, não acadêmicos.

O reino em funcionamento

Nada mudou nesse sistema básico depois que Jesus subiu ao céu. Os pescadores e pessoas comuns a quem Cristo colocou em posições de liderança demonstraram estar bem à altura da tarefa. As pessoas entravam aos rebanhos no reino e os pastores espirituais foram capazes de lhes prestar bons ensinos e cuidados. Aliás, os seguidores do reino de Jesus cresceram rapidamente. Ao verem isso, os teólogos judeus perceberam que se eles não tivessem esse movimento, acabariam perdendo as próprias posições de poder. Por isso, mandaram os soldados prenderem Pedro e João, dois ex-pescadores que faziam parte da liderança do novo movimento. Os teólogos judeus tinham praticamente certeza de que conseguiriam intimidar aqueles “pescadores ignorantes” a ficarem calados.

Entretanto, não foi isso que aconteceu. Em vez de se acovardarem diante dos teólogos, como a maioria dos judeus, Pedro lhes respondeu destemidamente. Os teólogos judeus queriam saber com que poder ele e João haviam curado um homem. Cheio do Espírito Santo, Pedro respondeu com ousadia: “Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus

ressuscitou dentre os mortos, em nome desse é que este está são diante de vós" (At 4:10).

Os líderes religiosos ficaram pasmos: "Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram homens sem letras e indoutos, maravilharam-se e reconheceram que eles haviam estado com Jesus" (At 4:13). Finalmente, deixaram que Pedro e João partissem, mas com um rigoroso alerta de não mais falarem sobre Jesus.

Mas os dias em que os teólogos exerciam poder de monopólio espiritual sobre a Judeia haviam chegado ao fim. Pedro e João responderam à ameaça deles com a ousada declaração: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (At 4:19–20).

Os anos se passaram, mas nada mudou. Ainda eram homens comuns e com baixo nível de escolaridade que lideravam a igreja. Os apóstolos não criaram seminários, nem promoveram nenhum outro tipo de instrução teológica para a geração seguinte de líderes. Paulo descreveu como as coisas funcionavam no reino de Deus:

Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?

[...] Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Porque bem vedes, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas

deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são (1Co 1:17–28).

-5-
O reino dos pequeninos

Alguns, porém, podem objetar, dizendo que o próprio Paulo fora treinado nas escolas dos rabinos. Isso é verdade. A porta para o reino não se fecha para aqueles que têm uma educação avançada. Deus é capaz de usar tais pessoas em Seu reino — mas somente se elas se humilharem e entrarem no reino como uma criança pequena. A fim de servir a Cristo, Paulo precisou descartar grande parte de seu treinamento rabínico.

Aliás, o apóstolo disse aos coríntios:

E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus (1Co 2:1–5).

A linguagem pobre das Escrituras

Os gentios incrédulos davam testemunho da verdade do que Paulo disse. Ele não escreveu com “palavras persuasivas de sabedoria humana”, nem com “ sublimidade de palavras”. No segundo século, quando os escritos cristãos chegaram às mãos dos romanos, eles riram do registro humilde usado por Paulo e por outros autores do Novo Testamento. Para falar a verdade, quando eu li pela primeira vez os disparates que os romanos incrédulos disseram sobre os escritos do Novo Testamento, fiquei surpreso.

Desde adolescente, eu sabia que o Novo Testamento fora escrito em grego *koiné*, grego comum — não grego clássico. Mas eu

achava que isso era mais semelhante a algo como o inglês norte-americano em comparação com o britânico. Não me dava conta de que, aos ouvidos dos gentios instruídos, o grego *koiné* era um estilo grosseiro, inadequado para qualquer literatura séria.

Os primeiros cristãos nunca negaram o fato de que o Novo Testamento foi escrito em grego pobre. Em sua *Apologia*, Justino Mártir disse aos romanos: “Renunciando os erros de vossos pais, deveis ler as profecias dos escritos sagrados, não esperando encontrar nelas nenhum estilo refinado”.[5] Um dos conversos de Justino Mártir, um homem chamado Taciano, admitiu francamente: “Fui levado a depositar minha fé nas Escrituras por causa da natureza despretensiosa da linguagem”.[6]

Orígenes defendeu a linguagem humilde das Escrituras perante alguns dos críticos mais severos e capazes do cristianismo. Explicou-lhes:

Nossos profetas, os apóstolos, e o próprio Jesus tomaram o cuidado de adotar um estilo de discurso que, além de comunicar a verdade, seria adequado para ganhar as multidões... Pois, se posso me aventurar a dizer, poucos se beneficiam do estilo belo e polido de Platão e de outros que escreveram como ele... De fato, é fácil constatar que Platão só se encontra nas mãos daqueles que professam ser letrados.[7]

E então: “Não devemos imaginar que uma verdade adornada com as graças do discurso grego é necessariamente melhor do que a mesma quando expressa nas palavras mais humildes e despretensiosas usadas pelos judeus [isto é, a Septuaginta] e os cristãos”.[8]

Orígenes escreveu ainda:

Vejam, então, se Platão e os sábios dentre os gregos que, nas belas coisas que dizem, não são como os médicos que confinam a atenção àquelas que são chamadas as “melhores classes da sociedade”, desprezando as multidões. Em contraste, os profetas

dentre os judeus e discípulos de Jesus rejeitam as meras elegâncias de estilo e o que as Escrituras chamam de sabedoria “segundo a carne”... Assemelham-se àqueles que investigam como proporcionar a alimentação mais saudável para o maior número de pessoas. Para esse propósito, adaptam a linguagem e o estilo à capacidade do povo comum.[9]

Arnóbio, o antigo apologista cristão, respondeu os romanos:

Dizeis que nossas Escrituras foram compostas por homens ignorantes e sem instrução e, por causa disso, não se deve crer nelas prontamente. Mas não seria essa, na verdade, uma razão *mais forte* para crer? Pois nossos escritos não foram adulterados por falsas declarações. Em vez disso, foram elaborados por homens de mente simples, que não sabiam tornar enganosos seus relatos por meio de uma linguagem extravagante. Pois a verdade nunca busca o verniz do engano... Acusais nossos escritos de terem erros infames. Todavia, vossos livros mais perfeitos e maravilhosos também não contêm esse tipo de erro gramatical?[10]

Ao ouvir Arnóbio reconhecer que existem “erros” gramaticais no Novo Testamento, não é preciso pensar que isso entra em conflito com a crença na inerrância das Escrituras. Ele simplesmente queria dizer que os autores do Novo Testamento — Paulo inclusive — quebraram algumas normas da gramática grega literária convencional, pois estavam escrevendo para pessoas comuns que nada sabiam acerca de tais “regras”. Mais uma vez, porém, suas palavras são um testemunho poderoso de que, no primeiro século, os cristãos provinham principalmente das classes incultas. E o Espírito Santo considerou apropriado inspirar que as Escrituras do Novo Testamento fossem registradas na linguagem do povo comum, das massas não instruídas, em vez de usar o polido grego literário. Tudo isso seguia o padrão que Jesus havia delineado.

Estudo linguístico?

Além de abrirem o Novo Testamento para homens e mulheres comuns ao escrever em grego *koiné* simples, eles também liberaram o Antigo Testamento. Conforme já conversamos, os teólogos judeus haviam aprisionado a Palavra de Deus no hebraico, idioma que nem mesmo a maioria dos judeus falava mais — quanto mais os gentios. Em vez de seguir o exemplo desses teólogos, os apóstolos ignoraram os rolos hebraicos dos escribas e adotaram, em lugar deles, a Septuaginta em grego. De acordo com o que já mencionei, quando eles citavam o Antigo Testamento em seus escritos, quase sempre recorriam à Septuaginta. Aliás, a Septuaginta se tornou *o* Antigo Testamento para os cristãos de todas as partes. No primeiro século, o grego era a língua internacional do ocidente e de boa parte do Oriente Médio. Era falado por romanos, gregos e judeus ocidentais. Ao adotar a Septuaginta, os discípulos de Jesus abriram as Escrituras inteiras — Antigo e Novo Testamento — para o mundo em geral.

Em contraste tanto com os teólogos judeus quanto com os teólogos cristãos da era moderna, os apóstolos e seus discípulos não fundaram escolas para instruir as pessoas em estudos linguísticos. Nunca encorajaram ninguém a aprender hebraico ou aramaico a fim de poder ler o Antigo Testamento em seus “idiomas originais”. De igual modo, quando os primeiros cristãos pregavam em partes do mundo que não falavam grego, eles não treinavam as pessoas no estudo do grego para que tivessem condições de ler o Novo Testamento em sua língua original. Em vez disso, cristãos bilíngues logo traduziram tanto a Septuaginta quanto o Novo Testamento para idiomas de amplo alcance como o latim e o siríaco (o dialeto predominante do aramaico da época).

Teologia simples

Havia um motivo para os cristãos do primeiro século não serem meticulosos no uso do grego, nem preocupados com o treinamento de outros para ler grego ou hebraico. É que, originalmente, o cristianismo girava em torno de Cristo e seu reino — não de pontos refinados de teologia. É difícil elaborar uma declaração teológica

detalhada com base apenas nos ensinos de Jesus. Isso acontece porque a essência do evangelho do reino não é a teologia. Ela diz respeito a pessoas que entram em um relacionamento obediente de amor e fé com Jesus, o Rei, e produzem frutos. Jesus não falava muito sobre teologia porque isso não era particularmente importante para ele. No entanto, ele falou muito sobre frutos. E discorreu bastante sobre como devemos viver para ser cidadãos de seu reino. Ele nos ensinou o que significa amar uns aos outros e a Deus. Essas coisas *importam* para ele.

-6-
Mas Paulo não era teólogo?

Talvez você esteja pensando: “Mas isso não pode ser verdade. Veja Paulo. Com certeza, ele era um teólogo”. De fato, secularistas e teólogos liberais afirmam com frequência que Paulo foi o verdadeiro arquiteto do cristianismo. Imaginam isso porque o que é transmitido como cristianismo bíblico hoje na maioria das igrejas provém, em primeiro lugar, da interpretação dos escritos de Paulo feita por Martinho Lutero. O evangelho de Lutero não se baseava nos ensinos de Jesus, mas, sim, em uma compreensão equivocada dos escritos de Paulo. Mas se nos concentrarmos nas cartas de Paulo para estabelecer a fé cristã, então o servo terá se tornado maior do que o Mestre.

O motivo de quase todos nós lermos as cartas de Paulo como se fossem tratados doutrinários é o fato de termos sido apresentados a elas dessa maneira ao longo de toda a vida. Nos capítulos a seguir, analisaremos os teólogos cristãos que, ao longo dos séculos, se apossaram do cristianismo. Sendo teólogos cultos, começaram a infiltrar o próprio conceito do cristianismo nas Escrituras. Como imaginavam que a teologia é a essência do cristianismo, transformaram Paulo em um teólogo como eles próprios. Na verdade, fizeram dele o teólogo cristão supremo.

É semelhante ao que aconteceu com o ensino da evolução. Poucas pessoas, partindo da própria observação imparcial, imaginariam que os complexos sistemas biológicos da Terra chegaram aqui simplesmente por um acidente cego. Ninguém olharia para um belo cavalo e acharia que ele evoluiu, ao longo de milhões de anos, a partir de um organismo unicelular.

No entanto, a maioria dos não cristãos pensa dessa maneira hoje porque tudo que leem sobre plantas ou animais alega que eles

evoluíram ao longo de milhares de anos. A teoria da evolução domina todos os livros didáticos, todas as enciclopédias e praticamente todos os livros e artigos de revistas produzidos pelo mundo secular. Por causa disso, a maioria das pessoas "vê" a evolução em tudo a seu redor, porque foram programadas para enxergar as coisas dessa maneira.

Algo semelhante é verdade no cristianismo. Os teólogos dominam o pensamento e as produções escritas cristãs há tanto tempo que o cristão típico do presente lê as Escrituras sob a perspectiva desses teólogos. Assim Paulo se tornou o grande teólogo. Até mesmo os escritos do pescador "comum e sem instrução", o apóstolo João, foram transformados em tratados teológicos.

Sei disso porque eu li os escritos do Novo Testamento usando essas lentes teológicas durante a maior parte de minha vida. Todavia, mesmo quando estava excessivamente focado na teologia, uma pergunta sempre me incomodava: se as epístolas se concentram tanto em teologia, por que os escritos de Jesus não são assim? Por que *ele* fala primariamente sobre o reino e a vida no reino — e tão pouco sobre doutrinas teológicas? E como pode ser que Deus ocultou "estas coisas aos sábios e entendidos" e as revelou "aos pequeninos" se as pessoas precisam estudar em seminários e se tornar "sábias e instruídas" a fim de compreender as Escrituras adequadamente? De algum modo, essa conta nunca fechou.

Mas as Escrituras não falam de doutrina?

No entanto, você pode objetar: "Mas o Novo Testamento tem muito a dizer sobre *doutrina*. Por exemplo, Jesus disse acerca dos escribas e fariseus: 'Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens' (Mt 15:9)". E isso é verdade. Quando a igreja começou, Atos nos conta que os novos fiéis "perseveravam na *doutrina* dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas

orações” (At 2:42). Além disso, Paulo admoestou: “Não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de *doutrina*, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente” (Ef 4:14). Por fim, a epístola aos Hebreus nos adverte: “Não vos deixeis levar em redor por *doutrinas* várias e estranhas” (Hb 13:9).

Paulo, em particular, fala muito sobre doutrina em suas epístolas pastorais. Ele disse a Timóteo: “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a *doutrinas* de demônios” (1Tm 4:1). Advertiu Timóteo: “Virá tempo em que não suportarão a sã *doutrina*” (2Tm 4:3). E Paulo contou a Tito que uma das qualificações do presbítero é reter “firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã *doutrina*, como para convencer os contradizentes” (Tt 1:9).

Talvez você esteja dizendo para si mesmo: “Bem, David, a doutrina é importante, afinal de contas”. E eu concordo. Mas o que é doutrina?

O que é doutrina?

Quando a maioria dos cristãos ouve a palavra *doutrina*, pensa logo em ensinos ou dogmas teológicos. É assim que a palavra é usada quase que exclusivamente hoje nos círculos cristãos. Mas originalmente a palavra “doutrina” significa tão somente ensino, assim como a palavra “doutor” queria dizer professor. É assim que as pessoas entendiam tais termos há centenas de anos. No entanto, nos séculos que se passaram, doutrina passou a significar, em primeira instância, dogma teológico.

Por isso, quando os cristãos leem o termo no Novo Testamento hoje, compreendem um sentido completamente diferente do que os cristãos da época em que a Bíblia foi traduzida. Também acabam saindo com uma interpretação diferente da entendida pelos cristãos do primeiro século. Isso porque as palavras gregas traduzidas em

nossas Bíblias por “doutrina” — *didache* e *didaskalia* — significam simplesmente ensino ou instrução. Não têm a conotação de “dogma teológico”.

Aliás, o sentido original de “doutrina” fica claro ao se analisar o contexto de muitas passagens das Escrituras que usam o termo. Quando Paulo escrevia sobre doutrina, estava se referindo, em primeiro lugar, aos ensinos que afetam a vida cristã. Por exemplo, ele disse:

Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente; sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã *doutrina* (1Tm 1:8–10).

Logo, as pessoas que matam, mentem e levam uma vida imoral estão vivendo de forma contrária à sã doutrina.

Paulo escreveu ainda a Timóteo: “Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido” (1Tm 4:6). Assim sendo, doutrina não é apenas algo em que se acredita, mas, sim, que se deve seguir.

Por exemplo, ser desobediente aos senhores crentes era consequência de falsas doutrinas: “E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados. Isto ensina e exorta. Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe” (1Tm 6:2–4).

Em uma de suas últimas exortações aos cristãos, Jesus repreendeu a igreja de Pérgamo por seguir a “doutrina de Balaão”. A doutrina de Balaão era algum sistema teológico? De modo nenhum. Cristo explica: “Mas algumas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem” (Ap 2:14). Logo, a “doutrina de Balaão” estimulava a idolatria e a imoralidade sexual.

Talvez você esteja se perguntando: “Será que doutrina se refere alguma vez a um ensino teológico também?”. Sim, ocasionalmente o termo é usado com essa conotação nas Escrituras. Afinal, uma vez que doutrina significa “ensino”, engloba tanto os ensinos teológicos quanto os ligados ao estilo de vida. Por exemplo, o autor de Hebreus usa o termo nesse sentido quando escreve: “Por isso, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno” (Hb 6:1–2).

Nessa passagem, o autor fala sobre ensinos teológicos fundamentais e usa a palavra *doutrina.* No entanto, você percebeu como são extremamente simples essas doutrinas teológicas fundamentais do cristianismo? Ele menciona apenas cinco ou seis coisas, que podem ser condensadas em uma só frase. Além disso, até mesmo uma pessoa inculta que lê o Novo Testamento não teria dificuldade em identificar esses ensinos básicos.

De maneira semelhante, João usa *doutrina* no sentido de crenças teológicas em sua segunda epístola, ao escrever:

Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus.

Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho. Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras (2Jo 7–11).

Duas coisas nessa passagem são especialmente dignas de nota. Em primeiro lugar, a doutrina mencionada é uma crença teológica extremamente básica. Qualquer um que não crê que Jesus veio em carne não aceita que o Novo Testamento é verdadeiro. O grupo a quem João se referia era o dos gnósticos. Eles rejeitavam todo o Antigo Testamento e uma parte tão grande dos ensinos de Jesus e dos apóstolos que praticamente criaram uma religião completamente nova. Mas não era somente com a teologia deles que João estava preocupado. Como os gnósticos diziam que nada no mundo material importava, a maioria afirmava que era perfeitamente aceitável levar uma vida imoral e licenciosa. Logo, João se angustiava tanto com suas "más obras" quanto com sua teologia distorcida.

Jesus nunca muda

Jesus deu um golpe final nos teólogos. E foi este: ele nunca muda. "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13:8). Jesus é sempre o Professor, o Escriba, porque seus ensinos são definitivos. Não precisavam ser reinterpretados no segundo século, nem no século 12 ou 18. Tampouco necessitam ser reinterpretados no século 21. Aquilo que as palavras de Cristo significavam para seus ouvintes originais é exatamente o que querem dizer hoje.

Isso acontece porque os ensinos de Jesus não são meros ensinos humanos como a constituição dos Estados Unidos. Por ser um instrumento humano, a constituição é um documento notável. Mas partes dela são reinterpretadas quase todos os anos — fosse essa a intenção dos Pais Fundadores ou não. Atualmente, a constituição foi, em essência, substituída pela suprema corte como fonte definitiva da autoridade legal nos Estados Unidos. Além disso,

a constituição significa aquilo que a suprema corte falar que ela quer dizer. Os nove juízes da suprema corte são a classe teológica do mundo jurídico norte-americano.

Mas o evangelho não é assim. Jesus não fundou uma instituição contínua de teólogos para reinterpretarem seus ensinos a cada nova geração. Não necessitava revisar seus ensinos para que continuassem vívidos e “relevantes” a cada geração que se passasse. Somente ensinos criados pelo ser humano necessitam desse tipo de revisão. O evangelho do reino nunca precisa ser atualizado. As pessoas que acham ser necessário tornar o evangelho “relevante” introduzindo mudanças estão reduzindo Jesus a um mero professor humano, cujos ensinos logo ficam ultrapassados.

Em suma, o reino funciona exatamente como Jesus disse que seria. As pessoas desprezadas pelo mundo por serem tolas e ignorantes são exatamente aquelas que têm compreendido melhor o reino de Deus. E, em geral, aqueles que o mundo exalta como brilhantes são os que mais têm dificuldade em compreender as verdades simples que Jesus e seus discípulos ensinavam.

-7-

A geração depois dos apóstolos

Os apóstolos não nomearam um segundo grupo de doze para substituí-los depois que morressem. Na verdade, os próprios apóstolos não atuavam como um corpo rabínico, ou um segundo Sinédrio. Após a ascensão, eles permaneceram juntos em Jerusalém por poucos anos. Depois disso, seguiram caminhos separados, levando o evangelho do reino através do mundo inteiro.[11] Não há indicativos de que houve outras reuniões dos apóstolos além da narrada no capítulo 15 de Atos.

Então como os apóstolos prepararam a geração seguinte de líderes na igreja? Escreveram obras teológicas para os homens na liderança estudarem? Não, o treinamento do reino acontecia exatamente da mesma maneira de quando Jesus estava na Terra. Os apóstolos deram capacitação prática a outros homens, como Marcos, Tito e Timóteo. A próxima geração de líderes aprendeu trabalhando ao lado de líderes mais experientes. Como Paulo disse a Timóteo, “o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros” (2Tm 2:2).

E foi por esse motivo que a mensagem simples do evangelho do reino prosseguiu depois que os apóstolos morreram. Eles a haviam confiado a “homens fiéis”, capazes de ensinar a geração seguinte. Os apóstolos fizeram uma tarefa tão excelente que a igreja do segundo século foi capaz de vencer tanto os hereges gnósticos que tentaram se apropriar da igreja, quanto a perseguição atroz dos romanos aos cristãos. E os cristãos do segundo século fizeram isso sem criar uma nova classe de teólogos, nem perder o reino de vista.

Assim como nos dias dos apóstolos, não havia seminários ou outras escolas para formar líderes da igreja no segundo século. Na

verdade, não havia nenhum teólogo sistemático nesse período. Homens eram nomeados presbíteros e bispos porque atendiam as qualificações espirituais expressas pelo Novo Testamento, não por serem pessoas cultas ou por terem o diploma de um seminário. Seu único treinamento provinha de servir como líderes espirituais em uma igreja local.

Eram principalmente os incultos e pobres — os bebês intelectuais — que formavam a maior parte da igreja. Para deixar claro, *havia* cristãos eruditos no segundo século, mas a maioria deles havia obtido esse grau de escolarização antes de ouvir falar de Cristo. Depois que entregaram a vida a Jesus, alguns deram bom uso a sua educação defendendo o cristianismo com seus escritos. Justino Mártir, Marco Félix e Atenágoras são exemplos de homens que usaram sua instrução para o serviço do reino. Mas tais homens não ocupavam cargos na igreja, nem exerciam qualquer tipo de poder eclesiástico. Não eram teólogos, em sentido algum. Tampouco foram os "pais da igreja", conforme costumam ser erroneamente chamados. Eram simples soldados do reino que fizeram bom uso das habilidades e da erudição que possuíam.

A fé histórica centrada nos ensinos de Jesus

Os cristãos do segundo século continuaram a ser filhos do reino. Eles ainda reconheciam que os ensinos de Jesus — não de Paulo[I] — eram as colunas centrais do cristianismo. Quando queriam explicar aos não cristãos o que era o cristianismo, os cristãos do segundo século iam direto para os ensinos de Jesus. Por exemplo, a mais antiga apologia (isto é, defesa do cristianismo) cristã que ainda existe em sua totalidade é a *Primeira Apologia*, de Justino Mártir. Nela, o autor explica para os oficiais romanos qual é a essência do cristianismo e no que os cristão creem. Ele lhes diz:

> Os *ensinos de Jesus* transformaram nossa vida. Nós que antes nos deleitávamos na imoralidade agora aderimos exclusivamente à castidade. Nós que costumávamos praticar artes mágicas agora dedicamos a vida ao bom Deus não gerado. Nós que valorizávamos a aquisição de riquezas e posses agora trazemos tudo que possuímos em um fundo comum a fim de partilhar com todos que passam necessidades.

Muitos de nós costumávamos odiar e destruir uns aos outros. Não convivíamos com pessoas de raças diferentes por causa da divergência de costumes. Mas agora, desde a vinda de Cristo, vivemos em família com tais pessoas e oramos por nossos inimigos. Tentamos persuadir aqueles que nos odeiam injustamente a viver pautados pelos maravilhosos ensinos de Cristo, para que possa desfrutar a esperança extraordinária com que Deus nos recompensa...

Os ensinos de Cristo foram breves e concisos. Ele não era hábil em argumentações enganosas. Em vez disso, sua palavra era o poder de Deus.[12]

Justino Mártir prossegue apresentando os ensinos de Jesus, citando quase que exclusivamente o sermão do monte. Se você perguntasse a qualquer cristão primitivo qual era o coração do evangelho, cada um deles responderia: “O sermão do monte”. O cristianismo era focado no fruto que provém de um relacionamento de amor e fé com Jesus, com foco em seus ensinos do sermão do monte.

Fruto *versus* teologia

Os cristãos do segundo século se encontravam em uma posição abençoada. Foram a última geração de cristãos que pôde conhecer pessoalmente aquilo que fora transmitido da era apostólica. Quando falavam sobre a fé histórica, estavam se referindo àquilo que haviam ouvido em pessoa dos apóstolos ou de “homens fiéis” treinados por estes.

O lógico seria esperar que a teologia do início do segundo século fosse muito mais complexa do que a que temos hoje — por estar tão próxima da época dos apóstolos. Todavia, a verdade é exatamente o contrário. Toda a teologia considerada essencial pelos cristãos do segundo século pode ser resumida em poucas frases.

Diversos autores do segundo século dão testemunho da declaração simples da teologia à qual os cristãos primitivos aderiram

de forma universal. Um deles foi Tertuliano, que escreveu:

A regra de fé, de fato, é somente uma, imóvel e imutável. É ela: "Crer em um único Deus todo-poderoso, o Criador do universo, e em seu Filho Jesus Cristo, nascido da virgem Maria, crucificado por ordem de Pôncio Pilatos, ressurreto dentre os mortos no terceiro dia, recebido nos céus, assentado agora à destra do Pai, destinado a vir julgar vivos e mortos mediante a ressurreição da carne".[13]

Essa declaração descomplicada de fé contém somente 54 palavras. Para lhe dar um sinal do quanto o cristianismo mudou desde seus primeiros anos, a Confissão de Fé de Westminster, promulgada pelos puritanos no século 17, contém 12.079 palavras. De fato, uma das coisas que percebi ao estudar a história da igreja é que, quanto mais nos afastamos dos tempos de Cristo, mais dogmas teológicos são acrescentados. De algum modo, o "essencial da fé" só cresceu ao longo dos séculos. Mas como isso aconteceu?

Os apóstolos e discípulos reconheciam que a fé já estava completa em *seus* dias. Antes de 60 d.C., Paulo era capaz de declarar com ousadia: "Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema" (Gl 1:9). Judas exortou os cristãos a "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos" (Jd 3). Assim não deveria haver mais teólogos, nem definições adicionais da fé cristã após os apóstolos.

Jesus nunca mudaria e não haveria outros mestres depois dele. Os cristãos do segundo século reconheciam o caráter definitivo do evangelho. Eles não acrescentaram nenhum dogma criado por seres humanos ao que haviam recebido. Aceitaram uma fé simples e assim a mantiveram. Seu foco estava na vida de Cristo, não na teologia.

Por favor, não me levem a mal. Os primeiros cristãos tinham crenças teológicas acerca da maioria dos mesmos assuntos que nossas declarações doutrinárias abrangem. E suas crenças quase sempre seguiam uma interpretação literal das Escrituras sobre todos

os assuntos. No entanto, eles não sentiam que o indivíduo precisava entender a maioria dessas coisas corretamente para ser um cristão verdadeiro. Nunca elevaram tais ensinos como se fossem essenciais à fé ou algo sobre o qual a igreja deveria ser edificada.

Como a fé recebida dos apóstolos era tão simples, devemos questionar quaisquer dogmas novos que vão além dessa fé simples. Caso não se consiga datar a continuidade da crença de volta a 100 d.C., é difícil defender que se trata da fé histórica.

Um Deus que não se especializa em teologia

Conforme eu já disse, o cristianismo do segundo século era verdadeiramente uma religião dos "comuns e incultos". Os cristãos daquela era podiam ler e conversar inocentemente sobre o que entendiam que as Escrituras estavam dizendo sem medo de repreendidos pela polícia teológica por haverem dito algo que não deveriam.

A percepção que os filhos do reino do segundo século tinham de Deus é refletida com aptidão nas palavras do escritor do século 16 e antigo erudito cristão Richard Hooker. Ele afirmou: "Deus não é nenhum sofista implicante, desejoso de nos fazer tropeçar sempre que dizemos algo errado. Pelo contrário, é um tutor cortês, pronto para consertar aquilo que, em nossa fraqueza ou ignorância, dizemos por falha, e a elevar ao máximo aquilo que falamos corretamente".[14]

Aos ouvidos de muitos, isso pode soar liberal demais. Mas os cristãos primitivos não eram liberais. Eram *conservadores*. Os apóstolos não haviam criado sistemas teológicos complicados, por isso os cristãos primitivos também não o fizeram. Os apóstolos não escreveram volumes teológicos, tampouco os compuseram os cristãos do segundo século. Se o evangelho original era simples o bastante para os incultos entenderem, o evangelho do segundo século manteve a mesma característica.

Se alguém, com inocência, entendia incorretamente uma declaração feita por Jesus ou seus apóstolos, a igreja do segundo século simplesmente deixava para lá. Acreditava que Deus passaria por alto aquilo que podemos compreender mal em nossa ignorância humana. Os primeiros cristãos serviam a um Deus cuja graça e misericórdia cobrem erros teológicos involuntários.

Para deixar bem claro, havia limites teológicos na igreja primitiva, mas a declaração simples de crença que lemos delimita com precisão que limites eram esses. Os grupos excluídos pelos primeiros cristãos, como os gnósticos, iam além desses limites simples.

O que é heresia?

Hoje a palavra “heresia” passou a significar uma opinião divergente da teologia “ortodoxa”. Mas não era nada disso que a palavra grega *hairesis* significava na época do Novo Testamento. Queria dizer facção ou partido, como em Atos 5:17, quando fala sobre a “seita (*hairesis*) dos saduceus”. É a mesma palavra que Paulo usou ao escrever para os coríntios: “Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias (*hairesis*), para que os que são sinceros se manifestem entre vós” (1Co 11:18–19).

Os cristãos do segundo século viam com muito maus olhos as pessoas causadoras de divisões ou cismas. Mas não condenavam aqueles que interpretavam mal uma passagem das Escrituras por inocência. No sentido original da palavra, causar divisão constituía heresia. Cometer um erro teológico não. Mas assim como os teólogos cristãos modificaram a palavra “doutrina”, para que signifique teologia, também mudaram a palavra “heresia”, fazendo-a significar erro teológico.

Os primeiros filhos do reino deram pouca ênfase à definição de dogmas, pois compreendiam muito bem que a essência do

cristianismo não era a teologia, mas, sim, o *relacionamento.* É um relacionamento obediente de amor e fé com Jesus Cristo que produz frutos cristãos genuínos. Não é preciso muita teologia para ingressar nesse tipo de relacionamento com Cristo. E Jesus, assim como seu Pai, é um professor bondoso, pronto para “elevar ao máximo aquilo que falamos corretamente” e deixar passar as coisas que só entendemos de forma vaga. Os dois grandes mandamentos nos quais se apoiavam a lei e os profetas não faziam referência a teologia e religiosidade, mas, sim, a amar a Deus de todo coração, toda alma e todo entendimento, bem como amar ao próximo como a nós mesmos. O reino de Deus se baseia nesses mesmos mandamentos.

A igreja do segundo século estava longe de ser perfeita, assim como a igreja do primeiro século não o foi. Mas ela ainda era composta principalmente por filhos do reino. As coisas começaram a mudar no terceiro século, contudo ainda era uma igreja decididamente orientada pelo reino, focada nos frutos. Todavia, o terceiro século deu origem ao primeiro cristão que pode ser verdadeiramente chamado de teólogo.

-8-
A ascensão dos teólogos

As pessoas que mais causaram mal ao cristianismo estavam invariavelmente tentando ajudar a causa de Cristo. Pelo que observei, poucas pessoas tentaram corromper o cristianismo de propósito. Aqueles que introduziram inovações quase sempre pensavam estar fazendo a obra de Deus. Logo, não causa surpresa que o primeiro teólogo cristão tenha sido um homem piedoso que dedicou a vida inteira a Jesus Cristo e seu reino. Seu nome era Orígenes. De fato, seu único alvo na vida era servir a Cristo e ser um obreiro do reino.

Ele quase perdeu a vida em perseguição aos dezessete anos de idade e, quando mais velho, suportou fielmente a tortura em nome de Cristo. Em realidade, ele morreu em consequência do cárcere e das torturas. Em quase tudo, Orígenes personificou a vida do reino ensinada por Jesus no Sermão do Monte. Ele testemunhava sobre Cristo onde fosse possível. Abriu mão das riquezas para viver em pobreza para o Rei. E sempre tratou tanto amigos quanto inimigos com gentileza e amor.

Agora me dou conta de que minha descrição pode retratar um Orígenes bem diferente do que você ouviu falar em livros e panfletos. Hoje em dia, Orígenes é culpado por quase todas as heresias imagináveis. Ele já foi até erroneamente culpado pelo texto alexandrino usado em traduções modernas da Bíblia. No entanto, costumo descobrir que as pessoas que criticam ou condenam Orígenes nunca leram uma palavra de seus escritos. Nada sabem sobre seu estilo de vida piedoso e a caminhada íntima que tinha com Cristo. A única coisa que chegou a seus ouvidos foi o material com que tiveram contato em panfletos e livros sobre ele.

Embora Orígenes tenha sido um homem de Deus, ele tinha um atributo marcante que acabou se mostrando mais uma maldição do

que uma bênção. Tal atributo é que ele era um gênio. É possível afirmar que Orígenes era o Leonardo da Vinci ou Isaac Newton de seus dias. Caso tivesse dedicado a vida à ciência, quem sabe quais descobertas teria feito! Assim como a maioria dos gênios, ele tinha curiosidade ilimitada e energia incessante.

Orígenes abordava os críticos mais ferrenhos do cristianismo e os silenciava com suas respostas. Ele chegou até a se corresponder com a esposa de um imperador romano. Embora fosse de Alexandria, Egito, viajou por toda a Palestina para aprender o máximo possível sobre a geografia da região. Tornou-se o primeiro geógrafo bíblico. Dialogava com teólogos judeus proeminentes de sua época. Aliás, foi o primeiro cristão gentio a aprender hebraico. Fez isso a fim de poder defender melhor a fé das zombarias que os judeus vinham lançando sobre ele.

A maioria dos panfletos e livros recentes para apoiar a versão inglesa da Bíblia King James atacam Orígenes e o acusam de adulterar as Escrituras e criar o texto alexandrino. Todavia, não foi o texto alexandrino que seguiu as interpretações recomendadas por Orígenes. Pelo contrário, foi o Tipo Textual Bizantino e o *Textus Receptus*, os quais serviram de original para a versão King James.[I]

O primeiro livro doutrinário

É uma pena que Orígenes não tenha limitado os talentos de seu intelecto à crítica textual, geografia bíblica e defesa do cristianismo contra os ataques feitos pelos romanos e judeus. Caso ele houvesse se restringido a isso, seu legado espiritual teria permanecido imaculado. Todavia, a curiosidade intelectual irrestrita de Orígenes o levou a caminhos pelos quais nunca deveria ter se enveredado.

Um dos maiores erros que Orígenes cometeu foi escrever a primeira obra teológica do cristianismo. Foi um livro intitulado *De Princippis.* Desde os dias de Orígenes, já foram escritos tantos livros sobre as “doutrinas básicas do cristianismo” que nós os achamos

naturais. Mas isso por causa do precedente que Orígenes deixou. Em seus dias, era uma ideia inédita.

O Novo Testamento sempre fora o livro que continha os fundamentos da fé. Não havia necessidade de nenhuma obra humana em acréscimo a ele. O cristianismo tinha prosperado por quase duzentos anos sem nenhum livro doutrinário, então por que começar algo novo? Ao escrever um livro didático de doutrinas, Orígenes subentendia que o Novo Testamento era insuficiente.

Caso, porém, ele houvesse limitado sua obra meramente a resumir o conjunto de crenças transmitido aos cristãos de sua época, não teria sido uma ideia tão ruim. No entanto, o propósito de seu livro não era reiterar o que a igreja já ensinava. Não, o objetivo de *De Princippis* era especular sobre as áreas teológicas para as quais a igreja não tinha ensinos definidos e que são pouco contempladas pela Bíblia. Em outras palavras, consistia, em grande medida, em uma obra de especulação teológica pessoal.

Por exemplo, em seu livro, Orígenes debateu a questão de onde obtemos a alma. Ela já existe antes de ser colocada dentro do corpo? Ou é criada do zero no momento da concepção? São nossos pais que criam a alma durante a concepção? Ou Deus faz uma criação especial cada vez que um ser humano é concebido? A igreja não tinha um ensino sobre esse assunto porque a Bíblia não ensina sobre isso. Existem diversas áreas da vida e da eternidade sobre as quais as Escrituras simplesmente não nos dizem muito a respeito. O mais sábio é deixar essas coisas em paz e não nos envolver em mistérios que Deus escolheu não nos revelar.

Ao contrário dos livros doutrinários escritos depois de sua época, Orígenes não estava tentando ensinar os outros cristãos no que *eles* deveriam acreditar. Deixou claro que suas palavras não passavam de especulações pessoais. Ele sempre apresentava o que a igreja dizia acerca de cada tema e tomava o cuidado de não contradizer os ensinos da igreja. Suas indagações se restringiam a áreas para as quais a igreja não tinha nenhum ensino. Orígenes tinha apenas vinte e poucos anos quando escreveu *De Princippis.*

Era um jovem que não ocupava posição de autoridade na igreja e nem passava por sua cabeça a ideia de fazer afirmações dogmáticas sobre em que os outros deveriam crer. No entanto, *De Princippis* foi a obra que inaugurou a nova classe de teólogos cristãos.

Em vez de simplesmente se ater às palavras das Escrituras, deixando de lado aquilo que não foi revelado, Orígenes abriu precedentes para ir além da Bíblia. Tornou aceitável especular sobre coisas que nunca tiveram revelação clara. Também ajudou a criar uma separação entre os "sábios e instruídos" e os cristãos comuns. Os cultos eram capazes de compreender e dialogar sobre as especulações teológicas de Orígenes. Os cristãos comuns não. Era como os teólogos judeus *versus* os judeus simples e incultos.

Depois que Orígenes abriu a porta, seguiu-se uma onda de especulações teológicas. E antes do fim do terceiro século, cristãos de toda parte se embrenharam em especulações e disputas teológicas. Ao passo que Orígenes tinha um espírito bondoso e nada dogmático, os teólogos que o sucederam eram, em geral, dogmáticos e julgadores.

Os primeiros comentários

Orígenes conta com a distinção de ter escrito não só o primeiro tratado teológico, mas também a primeira coleção de comentários. Mas seus comentários só reforçaram a noção de que os "comuns e incultos" estavam apenas arranhando a superfície das Escrituras. Promoveram a ideia de que havia muita carne espiritual que os cristãos em geral estavam perdendo de vista, a qual somente os "sábios e entendidos" tinham condições de apreender. E tal noção permanece até hoje. No presente, quando um cristão típico recebe o convite para passar a lição na escola dominical ou pregar um sermão, ele acha que precisa consultar um comentário a fim de ser capaz de compreender o que as Escrituras "de fato" estão dizendo.

Após a morte de Orígenes, o equilíbrio de poder na igreja mudou dos comuns e incultos para os “sábios e entendidos”. Uma nova classe de teólogos havia se formado. Embora Orígenes tenha lançado o movimento teológico cristão sem ter consciência disso, ele próprio continuou a ser um cristão do reino a vida inteira. Nunca perdeu o reino de vista. Infelizmente, não se pode dizer o mesmo sobre aqueles que o sucederam.

-9-

A primeira disputa teológica

É importante compreender que os teólogos alcançaram sua ascensão na igreja por etapas. Não aconteceu tudo de uma vez. Em vez disso, demorou cerca de 150 anos após a morte de Orígenes para a igreja regressar essencialmente à mesma situação dos judeus nos tempos de Cristo. Nenhuma das figuras centrais envolvidas na criação da nova classe de teólogos estava tentando prejudicar a igreja de propósito. A maioria deles queria “salvar a igreja” dos hereges. No entanto, tais homens bem-intencionados criaram algo em oposição direta àquilo que Jesus havia instituído para seu reino.

No princípio do quarto século, a igreja estava enredada em guerras teológicas. Elas eram causadas por duas coisas: (1) os cristãos começaram a especular assuntos que deveriam ter deixado de lado; (2) eles perderam o foco no rei Cristo e em seu reino. Passaram a colocar os dogmas teológicos acima do fruto do reino.

Uma batalha teológica em particular subiu ao palco central. É conhecida hoje, de modo geral, como a controvérsia do arianismo. Ela diz respeito à geração do Filho. As Escrituras nos revelam simplesmente que Jesus é o “unigênito do Pai” e que existia como o Verbo “no princípio” (Jo 1:1, 14).

No entanto, a igreja tinha um ensino uniforme sobre o Filho e sua geração eterna do Pai. Ela comparava o Pai, o Filho e o Espírito Santo ao nosso sol. O Pai é como o sol em si. O Filho é como os raios de luz gerados pelo sol.[I] O Espírito Santo é como o calor que procede do sol.

Se nosso sol fosse eterno, assim também seriam a luz e o calor que dele emanam. De igual modo, da mesma maneira que o Pai é eterno, o Filho e o Espírito Santo o são. As Escrituras nos informam

de que toda a plenitude da divindade ou da natureza divina habitam em Jesus. Logo, ele tem a mesma natureza do Pai. Ao mesmo tempo, a Bíblia é clara em declarar que o Pai é a cabeça de Cristo. Pai e Filho são iguais em natureza; todavia, existe uma hierarquia de chefia ou ordem dentro da trindade.[II]

Os cristãos do segundo século não achavam que um dos elementos essenciais da fé era ter uma compreensão completa sobre a trindade. É por isso que sua declaração de fé dizia simplesmente: “Creio em um único Deus todo-poderoso, o Criador do universo, e em seu Filho Jesus Cristo”.

Como a disputa começou

Mas a igreja do quarto século era bem diferente da do segundo. Nessa época, ela já se encontrava repleta de teólogos amadores que imaginavam ser necessário definir questões que não se encontram explícitas nas Escrituras. Com essa finalidade, Alexandre, o bispo de Alexandria, reuniu todos os presbíteros da cidade e lhes fez perguntas sobre a geração do Filho e seu relacionamento com o Pai.

Com base nos pontos de vista que Alexandre exprimiu ao longo do questionamento, um dos presbíteros chamado Ário se convenceu de que Alexandre tinha uma opinião não ortodoxa em relação ao Pai e ao Filho. A Ário, parecia que Alexandre estava defendendo a posição que costuma ser denominada sabelianismo ou modalismo. Hoje, é mais comumente conhecida como a teologia da unidade. Trata-se do ponto de vista de que Pai e Filho são meros modos diferentes da mesma pessoa. Por isso, Ário contradisse o que Alexandre estava ensinando sobre o assunto e os dois entraram em um debate acalorado. Os outros presbíteros se posicionaram de um lado ou do outro e, logo logo, aquilo que havia começado como uma controvérsia pessoal, envolveu toda a população cristã de Alexandria. De lá, espalhou-se para outras igrejas.

Ário cometeu o clássico erro teológico que costumo chamar de lei de Newton da teologia. A terceira lei de Newton afirma que, para

toda ação, existe uma reação de mesma intensidade na direção contrária. Na teologia, sempre que alguém promove um erro teológico, alguém costuma reagir indo para o outro extremo oposto — criando, em reação, um novo erro teológico.

Ário estava tão determinado a conter o erro da unidade que foi longe demais na direção contrária. Ignorou aquilo que a igreja sempre havia ensinado sobre o Pai e o Filho, afirmando que, como o Filho foi gerado, isso deve significar que ele veio à existência em algum momento. Também defendeu que o Filho foi criado do nada, desconsiderando o ensino eclesiástico de que o Filho é eternamente gerado do Pai, assim como a luz é gerada pelo sol. Absorto em seu próprio senso de importância pessoal, Ário nem ligava se iria rachar a igreja na tentativa de resgatá-la do erro da unidade.

Deixem para lá!

Constantino estava convencido de que o cristianismo era a única religião verdadeira e queria avançar sua causa. No entanto, ficou consternado ao descobrir que uma das consequências de ter concedido liberdade religiosa aos cristãos foi que agora eles estavam lutando entre si. Por isso, consultou-se com um dos bispos mais respeitados da igreja, Ósio da Espanha. Ósio explicou para Constantino a natureza da controvérsia e a solução recomendada foi direta: diga aos dois lados que deixem esse assunto de lado.

Por isso, Constantino escreveu uma carta destinada a Alexandre e Ário. Ósio foi pessoalmente ao Egito entregá-la e encorajar os dois a seguirem o conselho que ela continha. Parte da correspondência dizia:

Qual então é nosso conselho? É o seguinte: antes de mais nada, foi errado propor perguntas como essas. Ou responder-lhes quando foram propostas. Pois tais pontos de discussão não são exigidos pela autoridade da lei. Em vez disso, são sugeridos pelo espírito de contenda promovido pelo mal uso do tempo livre.

Mesmo que tenham sido feitas como mero exercício intelectual, sem dúvida deveriam ter se confinado à esfera dos próprios pensamentos e não apressadamente ecoadas em assembleias populares, ou confiadas sem discrição ao ouvido geral. Pois como são poucos aqueles capazes de compreender com precisão ou explicar de maneira adequada assuntos de natureza tão sublime e enigmática![15]

Essa foi a voz da sabedoria: deixem para lá e se concentrem em seguir a Cristo! Não fiquem especulando sobre questões que não foram definidas de maneira específica nas Escrituras. Foi a voz do cristianismo simples, primitivo, voltado para os frutos. Mas essa foi uma das últimas vezes que tal voz seria ouvida.

Deixar para lá?

"Deixar para lá? Mas isso causaria todo tipo de consequências horríveis para a igreja!" — ouço as pessoas dizerem hoje. "Ósio não se dava conta do que isso fazia com a natureza do Filho?".

Sim, Ósio entendia perfeitamente o que isso fazia com a natureza do Filho: nada. Quer o assunto fosse deixado de lado, quer não, a natureza do Filho permaneceria a mesma. Ou seríamos tão tolos a ponto de imaginar que nossas concepções sobre a natureza da geração do Filho e seu relacionamento com o Pai têm qualquer consequência sobre a realidade dessas coisas? A divindade do Pai e do Filho, bem como sua verdadeira natureza e seu relacionamento real permanecem iguais a despeito daquilo que nós, seres humanos ignorantes, possamos pensar.

O cristão comum e iletrado do segundo século provavelmente não sabia dar uma explicação completamente correta sobre a geração do Filho ou o relacionamento entre Pai e Filho. Alguns cristãos se apegavam erroneamente à ideia da unidade, pensando que o Pai era o Filho. Mas nenhum concílio foi convocado e ninguém foi excomungado por causa desse erro. A igreja do segundo século simplesmente deixava o assunto para lá. Quais

foram as consequências? Parou de haver Pai e Filho porque alguns cristãos interpretaram mal as palavras de Jesus? É claro que não!

Como eu disse, porém, a igreja do quarto século era diferente. Por isso, ninguém deu ouvidos ao conselho de Ósio para deixar toda a questão de lado. Embora não possamos dizer ao certo o que teria acontecido se todos houvessem concordado e deixado para lá, temos a certeza do que aconteceu por terem se recusado. E os prejuízos para o reino foram catastróficos.

-10-
O maior ponto de virada da história cristã

Quando as partes envolvidas se recusaram a deixar o assunto para lá, Constantino teve a ideia de fazer um concílio reunindo o maior número possível de bispos em sua capital de verão, Niceia. Sua esperança era que um concílio mundial conseguiria resolver a situação.

Além dos acontecimentos registrados no Novo Testamento, o Concílio de Niceia foi, sem sombra de dúvida, o maior ponto de virada de toda a história cristã. Foi um ponto de virada mais grandioso até mesmo que a Reforma. Isso porque abriu uma caixa de Pandora que nunca foi fechada.

A suficiência das Escrituras

O motivo de Constantino ter convocado o concílio foi unir os cristãos, não dividi-los ainda mais. Por isso, quando os delegados chegaram, Constantino apelou para que encontrassem pontos em comum, com os quais pudessem concordar. Por isso, diferentes pessoas propuseram que os delegados encontrassem uma fórmula de crença que todos os presentes aceitassem. Foram feitas diversas propostas, usando apenas a linguagem das Escrituras. Os defensores de Ário eram favoráveis a essas fórmulas.

Mas os acontecimentos tomaram um novo rumo. Muito embora as fórmulas propostas fossem totalmente ortodoxas e seguissem as palavras da Bíblia, o partido de Alexandre as rejeitou. Por quê? Porque sabiam que, lá no íntimo da mente, os arianistas queriam dizer algo diferente do que os partidários de Alexandre quando recitavam tais fórmulas. O objetivo do concílio havia mudado. O propósito não era mais recuperar um irmão errante ou criar uma fórmula bíblica que pudesse encerrar a contenda. Não, o alvo agora era causar separação entre o partido arianista e o alexandrino por

meio da criação de uma fórmula que os arianistas não pudessem aceitar.

Nesse mesmo instante, o partido de Alexandre se deu conta de que havia chegado aos limites das Escrituras. Em vez de aceitar tal limitação, eles tomaram uma grave decisão. Resolveram que a Bíblia era simplesmente inadequada. O concílio deveria ir *além* das Escrituras para forçar os arianistas a deixarem a igreja.

Constantino viu que a maioria dos delegados agora apoiava Alexandre e, exasperado, desistiu do objetivo de alcançar unidade entre todos. Ele próprio propôs uma declaração de crença que forçaria os arianistas a saírem da igreja e colocaria fim à problemática. A fim de fazer isso, porém, ele precisou inserir no credo palavras que não são encontradas nas Escrituras. A proposta de Constantino saiu vitoriosa e foi aceita por quase todos do concílio — com exceção de Ário e alguns de seus defensores mais fiéis. Esse credo é conhecido hoje como Credo Niceno e diz o seguinte:

Cremos em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigênito do Pai, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não criado, sendo da mesma substância que o Pai; por meio de quem todas as coisas foram feitas, tanto no céu quanto no terra; o qual por nós, seres humanos, e por nossa salvação desceu dos céus, se encarnou e se tornou homem. Ele sofreu e ressuscitou no terceiro dia, e subiu aos céus. Voltará para julgar tanto vivos quanto mortos. E cremos no Espírito Santo.[16]

Homoousian

O Credo Niceno é completamente ortodoxo em seu significado. Isso fica claro com base nos escritos de vários delegados que estavam no concílio. Aqueles homens estavam apenas afirmando que o Filho é eterno e possui a mesma natureza que o Pai. Trata-se de um resumo da fé histórica e, por esse motivo, eu concordo com o

Credo Niceno. Todavia, censuro o espírito de Niceia e o fruto que ele produziu. O concílio poderia apenas ter tirado Ário de sua posição e o excomungado da igreja por causar divisões e ensinar coisas contrárias à fé já transmitida. Não era necessário criar um novo credo para fazer isso.

Também culpo o Credo Niceno por introduzir um novo termo teológico, *homoousian*, na expressão "sendo da mesma substância que o Pai". Na verdade, depois de Niceia, o termo *homoousian* se transformou na pedra fundamental da ortodoxia.

Mas há um problema sério com essa palavra: ela não aparece em nenhum lugar das Escrituras. Logo, o concílio estava dizendo que, para ser cristão, agora era *preciso* aceitar um termo teológico que não aparece em nenhum lugar da Bíblia. Aliás, até mesmo a palavra *ousia*, que consta das Escrituras, nunca é usada nelas para se referir a Deus.[17]

Assim, os vencedores em Niceia estavam dizendo que somente as Escrituras não eram suficientes para resolver os conflitos. Também alegavam que a Bíblia não explica ou define plenamente algumas questões que *necessitamos* saber.

Como o cristianismo se transformou em "doutrinianismo"

A forte mensagem que emanou do concílio de Niceia foi que a graça de Deus cobre tudo que está relacionado a um estilo de vida ímpio, mas não erros teológicos. De repente, Deus se tornou alguém mais preocupado com nossa teologia do que com nossos frutos. E a despeito do fato de Jesus nos ter dito: "Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado" (Mt 12:31–32).

A realidade de uma pessoa produzir os frutos de um relacionamento obediente de amor e fé com Cristo não tinha mais peso nenhum. Em contrapartida, muito embora um indivíduo não produzisse nenhum fruto que provém de um relacionamento real com Cristo, continuava a ser aceito como cristão e era muito bem recebido pela igreja — contanto que aderisse ao Credo Niceno.

A palavra herege — que originalmente significava uma pessoa causadora de divisão — agora passou a significar alguém que defendia um erro teológico. E os hereges eram retratados como a personificação do mal. Em suma, o cristianismo havia se transformado em “doutrinianismo”.

-11-

Quando os teólogos comandam

É interessante notar que a nova classe de teólogos cristãos passou a usar os mesmos dois métodos aperfeiçoados pelos teólogos judeus a fim de manter o poder: (1) intimidação pela linguagem e (2) reivindicação do *status* especial de intérpretes oficiais das Escrituras.

Os escritos de cristãos do segundo século quase não contêm discussões ou disputas por causa do sentido de palavras gregas específicas usadas nas Escrituras. Todavia, no quarto século, boa parte das contendas teológicas dizia respeito ao significado do grego usado pelos autores do Novo Testamento. Nunca passou pelo pensamento dos lados conflitantes que talvez algumas palavras gregas houvessem mudado de sentido ao longo dos séculos que haviam se passado desde a era dos apóstolos.

Conforme já mencionei, o Credo Niceno girava em torno de um termo teológico especial que nem se encontra nas Escrituras: *homoousian*. Além disso, os teólogos do quarto século começaram a criar novas definições especializadas de palavras gregas usadas na Bíblia. Mas qual foi a consequência disso para os cristãos incultos de língua grega? Eles foram marginalizados. Basicamente, precisaram se calar e ouvir os novos teólogos porque não tinham condições de tentar argumentar questões linguísticas com a elite.

Se os teólogos marginalizavam e intimidavam cristãos gregos comuns, imagine o que fizeram aos cristãos simples de língua latina e aramaica! Uma vez que a maioria das disputas teológicas do quarto e quinto século foi travada usando termos teológicos em grego recém-cunhados, os muitos cristãos que não falavam grego se retraíram em submissão com facilidade.

Perdendo de vista o grande quadro

As batalhas teológicas que começaram com Alexandre e Ário não foram resolvidas pelo concílio de Niceia. Os dois lados guerrearam (tanto literal quanto figuradamente) por mais de um século depois de Niceia. Por fim, o partido niceno venceu a batalha. Mas perdeu a guerra em prol do reino. Quando a controvérsia do arianismo chegou ao fim, o cristianismo pouco se assemelhava àquele que prosperava antes de seu início. Os teólogos demonstraram ser guias cegos, coando mosquitos e engolindo um camelo.

Assim como os teólogos judeus antes deles, a nova classe de teólogos cristãos nunca compreendeu que a maneira mais eficaz de honrar a Deus é por meio de um relacionamento obediente de amor e fé com ele. Em vez disso, eles imaginavam em vão que honramos a Deus, em primeiro lugar, mediante nossos pontos de vista teológicos, não por intermédio dos frutos evidentes em nossa vida.

É interessante observar que, nos séculos que sucederam Niceia, ninguém foi queimado vivo ou arrastado perante a Inquisição por não produzir os frutos do reino. Em vez disso, as pessoas eram torturadas, presas e queimadas vivas por defender crenças heréticas (reais ou imaginárias), possuir exemplares da Bíblia, fazer reuniões cristãs não autorizadas ou pregar sem licença. Se alguém não consegue ver quão desprezível aos olhos de Cristo é torturar outros, queimá-los vivos ou matar de qualquer outra maneira, essa pessoa está completamente cega.

Acréscimo de ensinos humanos à Palavra de Deus

Quando os teólogos assumiram o poder, logo começaram a acrescentar ensinos humanos à Palavra de Deus — assim como fizeram os escribas e fariseus. Relatamos como os bispos do concílio de Niceia fizeram o cristianismo “ortodoxo” girar em torno de uma palavra que nem sequer se encontra nas Escrituras. Mas esse foi apenas o início. Eles logo começaram a alegar que a decisão do concílio de Niceia fora inspirada por Deus e estava no mesmo

patamar das Escrituras. Pior ainda, começaram a minar os ensinos do próprio Jesus.

-12-

O que aconteceu enquanto os teólogos se desentendiam

Conforme mencionei anteriormente, a última voz dos primeiros cristãos foi a admoestação do bispo Ósio de que deixassem toda a questão de lado. Hoje em dia, os cristãos têm muita dificuldade em entender esse conselho. No entanto, sua sabedoria fica clara quando observamos o que aconteceu porque todos decidiram dar continuidade à disputa.

Afirmei que o concílio de Niceia acabou sendo *o* grande ponto de virada da história cristã. E foi um ponto de virada para o mal, não para o bem. O mais irônico é que o concílio de Niceia nem conseguiu cumprir aquilo que havia se reunido para fazer. Isto é, não colocou fim à controvérsia iniciada por Ário. Em vez disso, a ampliou. O conflito prosseguiu por mais de um século depois disso. Como os líderes da igreja estavam tão envolvidos com a questão do arianismo, permitiram que vários tipos de corrupções graves entrassem na igreja. Seguem-se apenas algumas delas.

União entre igreja e estado

Os delegados do concílio de Niceia estavam tão envolvidos nos debates teológicos que nenhum deles questionou se era apropriado um imperador romano não batizado convocar um concílio de bispos cristãos. Tampouco protestaram que esse governante secular *presidisse* o concílio. Chegaram ao ponto de aceitar o credo que ele propôs, muito embora fosse além das Escrituras.

Embora Constantino já houvesse se envolvido em questões eclesiásticas antes de Niceia, foi nesse concílio que ele conseguiu unir igreja e estado com eficácia. Todavia, os líderes da igreja se encontravam tão absortos na disputa do arianismo que nenhum de seu conta dessa grave mudança. Imaginavam ter discernimento para resolver questões *divinas*, ao passo que não conseguiam

administrar nem mesmo assuntos terrenos. E nenhum deles percebeu a impossibilidade de unir o reino de Deus com os reinos deste mundo. Achavam que poderiam transformar o império romano no reino de Deus. De algum modo, não interiorizavam um dos fatos rudimentares acerca do reino: que ele não é “deste mundo” (Jo 18:36).

Perseguição

Junto com a união entre igreja e estado veio a perseguição daqueles a quem a igreja se opunha. De algum modo, os bispos vitoriosos em Niceia não se aperceberam de que o castigo imposto a Ário não foi censura, nem excomunhão, mas, sim, o exílio em regiões remotas do império romano. Na verdade, os bispos aceitaram essa punição imposta pelo estado com alegria. Ao perseguir alguém que defendia erros teológicos, suas ações desonraram mais a Cristo do que os erros teológicos de Ário. Contudo, de alguma maneira, essa ideia nunca lhes passou pela mente.

Entretanto, o exílio foi apenas o início. Logo depois de Niceia, Constantino promulgou um edito ordenando que todos os exemplares dos escritos de Ário fossem queimados e pronunciou *pena de morte* sobre todo aquele que fosse pego guardando tais escritos daquele momento em diante. Não houve, porém, nenhum esboço de protesto da parte dos líderes da igreja. Antes do fim do quarto século, o cristão espanhol Prisciliano e seis de seus seguidores foram condenados à morte por promoverem disciplinas ascetas. A perseguição dos defensores de Prisciliano logo foi sucedida pela perseguição aos donatistas.

O mais interessante é que blasfêmia logo se tornou uma das palavras preferidas dos novos teólogos, assim como fora um termo favorito dos teólogos judeus de antigamente (Mt 26:65; Mc 14:64; Jo 10:33). No entanto, em sua cegueira, os teólogos não percebiam que assassinar outros em nome de Deus era algo muito mais blasfemo do que os erros dos vários hereges (reais ou imaginários) que eles perseguiam.

Nós e eles

Observe que Jesus não disse a seus discípulos que alguns *deles* mandariam matar outros cristãos, pensando estar fazendo um ato de serviço a Deus. Em vez disso, declarou: “Vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus” (Jo 16:2). Logo, nunca eram os discípulos de Jesus que matavam. Eles é que *eram assassinados*. Os responsáveis pelas mortes sempre eram terceiros — pessoas de fora do reino. A esse mesmo respeito, Jesus disse: “Quando pois *vos perseguirem* nesta cidade, fugi para outra” (Mt 10:23). Os cristãos verdadeiros são os perseguidos. Nunca aqueles que estão liderando a perseguição (Fp 1:29).

Em consequência, quando professos cristãos matam e perseguem, estão se afastando do reino de Deus (se é que nele se encontravam inicialmente) para se juntar aos outros. Tornam-se estranhos — pessoas que não pertencem mais a Cristo. E foi exatamente isso que os teólogos cristãos fizeram do quarto século em diante. Assim como os teólogos judeus, eles mataram não só hereges genuínos, mas também alguns dos filhos verdadeiros do reino. E imaginavam estar prestando um ato de serviço nesse processo. Em seu sonho, estavam honrando a Deus.

Perseguir e assassinar outros cristãos por causa de suas crenças era uma negação total de Cristo e de tudo aquilo que seu reino representa. Na parábola do servo fiel e do servo mau, Jesus declarou com toda ênfase como se sentia no tocante a cristãos perseguindo seus irmãos: “Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá; e começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios, virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe, e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes” (Mt 24:48–51).

Em suma, Cristo não tolerará aqueles que espancam (quanto mais os que matam) outros cristãos. No entanto, apesar da introdução dessa prática medonha bem diante de seus olhos, os

teólogos do quarto século fecharam os olhos para ela. Estavam ocupados demais farejando qualquer vestígio do arianismo.

Guerra e violência

Desde os primórdios, os cristãos sempre renunciaram a guerras, violência e matanças de qualquer natureza. Os escritos dos cristãos primitivos deixam isso claro.[I] Até mesmo o concílio de Niceia instituiu que os ex-soldados que voltassem para o serviço militar deveriam ser excomungados.[18]

No entanto, alguns anos depois de Niceia, os cristãos começaram a ingressar no exército. A princípio, os "cristãos" só guerreavam contra pagãos, mas, antes do fim do século, "cristãos" já estavam matando outros "cristãos". Não eram apenas católicos contra seguidores de Ário, mas também católicos contra católicos e arianistas contra arianistas.

Depois que os professos cristãos decidiram que a violência era um meio justificável de resolver as coisas, não se limitaram à guerra. Turbas de cristãos lutavam e matavam uns aos outros durante a eleição de bispos e outras questões. Assassinaram um filósofo pagão em Alexandria e queimaram uma sinagoga judaica na remota cidade romana de Callinicum.

Mais uma vez, porém, os teólogos estavam ocupados demais se preocupando com os arianistas para se dar conta disso. Quando finalmente se aperceberam, teólogos como Agostinho tentaram argumentar que a guerra é compatível com os ensinos cristãos. Ele escreveu, por exemplo: "Pode-se supor que Deus não autorize a guerra, pois, em tempos posteriores, o Senhor Jesus Cristo disse: 'Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra'. Contudo, a resposta é que aqui não se requer uma ação *corporal*, mas, sim, uma disposição *interior*".[19]

Logo, de acordo com Agostinho, contanto que você "ame" as pessoas que estiver matando, não há nenhuma objeção a tirar a vida de outros na guerra. Ele prossegue:

Qual é o mal da guerra? É a morte de alguém que logo morrerá de todo modo, para que outros vivam em pacífica submissão? Isso é apenas um desgosto covarde, não um sentimento religioso. Os verdadeiros males da guerra são o amor pela violência, a crueldade vingativa, a inimizade feroz e implacável, a resistência desmedida, a ganância pelo poder e coisas do tipo. E, em obediência a Deus ou a qualquer autoridade legítima, homens bons em geral se envolvem em guerras a fim de punir tais coisas. Ou seja, quando a força é necessária para infligir o castigo.[20]

A igreja primitiva havia proibido totalmente os cristãos de irem à guerra, mas, segundo Agostinho, guerrear era, na verdade, um ato de obediência a Deus. Mas e se os cristãos servissem a um soberano ímpio, que estivesse fazendo o que é errado? Ele tinha a resposta até mesmo para isso:

Não há poder, senão o divino, que ordene ou permita. Logo, um homem justo pode servir a um rei ímpio mas, mesmo assim, desempenhar o dever pertinente a sua posição no estado lutando sob as ordens desse governante. Pois, em alguns casos, é da plena vontade de Deus que batalhemos. Em outros, porém, isso pode não ficar tão claro, por ter sido uma ordem injusta da parte do rei. Entretanto, o soldado é inocente, pois sua posição torna a obediência um dever.[21]

Em outras palavras, não só é certo um cristão ir à guerra, como também guerrear em prol de governantes maus, por uma causa ímpia. A soma dos ensinos de Agostinho e dos teólogos que o seguiram é que não existe reino de Deus — pelo menos, não nesta vida.

A consequência final de tal ensino é que os cristãos não deveriam ter um comportamento diferente dos romanos pagãos. Poderiam guerrear e matar uns aos outros assim como os pagãos. E, da mesma forma que eles, pagar mal com mal. A única diferença é que, em vez de fazer essas coisas em honra aos deuses romanos, imaginavam estar agindo por “amor”, em honra ao Deus verdadeiro.

-13-
O que mais aconteceu por causa de Niceia

Espero que agora a sabedoria do conselho de Ósio tenha ficado clara para você. Os teólogos que estavam tentando salvar a igreja acabaram provocando sua destruição. Mas a história não para por aí.

Adulação a Maria

Em seu fervor por magnificar a divindade de Cristo, Atanásio, o defensor mais enérgico do Credo Niceno, conferiu a Maria, mãe de Cristo, o título de “Mãe de Deus”. Depois disso, o quarto século testemunhou uma explosão da veneração de Maria e foram os teólogos nicenos — não os adeptos de Ário — que lideraram esse movimento. Agostinho, o mais proeminente defensor de Niceia no ocidente, deu seu apoio aos falsos ensinos de que Maria foi virgem a vida inteira e de que viveu sem pecado.

Aliás, Agostinho rotulou de hereges os cristãos que negavam a virgindade perpétua de Maria: “Os hereges chamados de antidiacomarianitas são aqueles que contradizem a virgindade perpétua de Maria, declarando que, após o nascimento de Cristo, ela se tornou uma só carne com seu marido”.[22] Em um de seus sermões sobre a significância do domingo, Agostinho disse: “Não foi o sol visível, mas, sim, seu Criador invisível que consagrou esse dia para nós, quando a Mãe virgem, de útero fértil e integral em sua virgindade, deu à luz, tornando visível para nós aquele por meio de quem, quando invisível, ela também fora criada. Uma Virgem concebendo, gestando, grávida, dando à luz, uma Virgem perpétua. Como não se maravilhar diante disso, ó homem?”.[23]

Quando Agostinho escreveu que todos os seres humanos pecam, isentou Maria dizendo: “A exceção deve ser concedida à

virgem Maria, acerca de quem não levanto a menor dúvida no que se refere a pecados, em honra ao Senhor. Pois por meio dele sabemos qual foi a abundância da graça para vencer o pecado em todos os aspectos que foi concedida a ela que teve o mérito de conceber e dar à luz aquele que, sem dúvida, não teve pecado".[24]

Em pouco tempo, a igreja estava ensinando que Maria havia corporalmente ascendido ao céu e que governava como a Rainha do Céu. Uma vez mais, não houve um mínimo protesto dos lábios dos teólogos de Niceia.

Esvaziando o sermão do monte

Enquanto tudo isso se passava, apoiadores proeminentes de Niceia como Agostinho começaram a diluir os ensinos de Jesus no sermão do monte com explicações e argumentos, conforme já vimos. Como resultado do trabalho destes teólogos, os ensinos radicais do sermão do monte ficaram sem sentido.

Por exemplo, Jesus ensinou: "Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis" (Mt 5:33–34). Trata-se de uma ordem direta e os primeiros cristãos a levaram ao pé da letra. Mas Agostinho não se inibia em contradizer seu Senhor:

Que fique claro que jurar não deve ser computado entre as coisas boas, mas, sim, entre as necessárias. Logo, deve-se evitar a prática o máximo possível, a fim de não condescender com ela — exceto por necessidade. Isto é, quando perceber que as pessoas têm dificuldade em acreditar naquilo que será útil para ele que creiam, a menos que o garanta por meio de um juramento. A esse caso se fez referência quando foi dito: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não". Isso é bom e desejável. "Porque o que passa disto é de procedência maligna". Isto é, caso você se veja compelido a jurar, saiba que isso provém de uma necessidade advinda da fraqueza daqueles que você está tentando persuadir de algo.[25]

Em outras palavras, de acordo com Agostinho, o mandamento de Jesus era mera *sugestão.* “Não jure de jeito nenhum”, exceto se alguém insistir que você o faça.

Não ofereça a outra face

Jesus ensinou: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mt 5:38–39). Mais uma vez, trata-se de uma ordem direta. Ou, pelo menos, costumava ser até Agostinho dar um jeito de desconsiderá-la. Ele despiu o ensino de Jesus de qualquer significado real, ao dizer:

Não somos aqui impedidos de realizar um tipo de vingança que leve à correção e que a própria compaixão dita. Também não entra nesse caso a situação em que o indivíduo está preparado para suportar mais da mão daquele com quem deseja acertar contas. Mas só está apto a infligir esse tipo de castigo a pessoa que, pela grandeza de seu amor, superou o ódio que normalmente inflama aqueles que desejam se vingar.

Pois não deve temer os pais que parecem odiar um filho pequeno quando, após uma transgressão da parte da criança, lhe batem para que não prossiga ofendendo. E, sem dúvida, a perfeição do amor é colocada diante de nós mediante a imitação do próprio Deus Pai... “Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho”. O Senhor também disse: “O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites. Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado”...

Dessa fonte se extrai o exemplo mais apropriado, a fim de ficar claro o bastante que o pecado pode ser punido com amor, em vez de permanecer sem castigo. Em consequência, aquele que castiga pode até mesmo desejar que a pessoa que recebe a punição não fique infeliz por causa disso. Em vez disso, deseja que se sinta feliz por causa da correção.[26]

Então, no fim das contas, não tem problema se vingar de um transgressor. Só tenha a certeza de fazer isso por amor, a fim de

corrigir o errante! Com esse tipo de ginástica mental, o indivíduo pode transformar o significado de qualquer versículo da Bíblia naquilo que desejar que ele queira dizer.

Imagine! Com os lábios, os teólogos nicenos exaltaram a Jesus o máximo possível. Na realidade, porém, não hesitavam em contradizer suas palavras! Esvaziaram seus ensinos, corromperam o reino, mataram pessoas e alteraram a fé histórica que lhes fora transmitida. No entanto — assim como os teólogos judeus antes deles — imaginavam que Deus estava radiante, olhando para eles cheio de deleite.

Sim, os teólogos nicenos defenderam com habilidade a origem eterna do Filho. Mas foi necessário mais de um século para eliminar o arianismo (ou o que se chamava por esse nome) do povo pagão e quase que outros cem anos para extirpá-lo das tribos germânicas. Contudo, enquanto esses teólogos dedicavam todas as energias para expelir o arianismo da igreja institucional, o cristianismo foi tão completamente corrompido que passou a exibir apenas uma frágil semelhança com o cristianismo da era apostólica.

Os teólogos ganharam a batalha, mas perderam a guerra. No entanto, em consequência da controvérsia iniciada pelo arianismo, a classe teológica havia se infiltrado com profundidade na posição de poder que ocupa até hoje.

-14-
O problema do “doutrinianismo”

Após Niceia, a ordem de Jesus “segue-me” não era mais o foco da igreja institucionalizada. A palavra de ordem agora era “estuda-me”. E esse é um problema sério. Pois o “doutrinianismo” não requer relacionamento real com Cristo, nem frutos. Exige apenas uma mudança mental, não uma mudança no coração. Um fariseu teria facilidade em aceitar o “doutrinianismo”. Mas nunca conseguiria aceitar o cristianismo sem uma mudança completa no coração.

Embora católicos e arianistas tenham travado uma guerra amarga uns contra os outros (com espadas tanto verbais quanto físicas), na verdade, ambos aderiam à mesma religião: a religião do “doutrinianismo”. As ações dos dois lados demonstravam que eles não possuíam o espírito de Cristo.

William Law, escritor cristão do século 18, fez uma observação perspicaz acerca dos católicos e protestantes de sua época:

Católicos e protestantes têm se odiado e matado por causa de opiniões divergentes, todavia se encontram na mais profunda união e comunhão uns com os outros como a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. É por isso que a cristandade, tão cheia das mais belas palavras sobre fé, graça, obras, méritos, satisfações, heresias, divisões e assim por diante, se encontra também tão repleta de todas as tendências perversas que prevaleciam no mundo pagão, quando ainda não se pensava em nenhuma das coisas de Deus.[27]

William Law poderia ter escrito a mesma coisa com absoluta precisão acerca dos católicos e arianistas. Pois os dois lados haviam se convertido ao “doutrinianismo”. Embora discordassem acerca da geração eterna do Filho, encontravam-se em completo

acordo e comunhão no que diz respeito à maldade, total ignorância sobre o reino de Deus e falta de bons frutos.

Tanto católicos quanto arianistas concordavam totalmente que sabiam mais que os cristãos fiéis que os precederam. Tinham a mesma opinião ao pensar que a essência do cristianismo era a teologia, não um relacionamento obediente de amor e fé com Cristo. Estavam em total acordo ao defender que igreja e estado deveriam se unir e que era correto perseguir e matar hereges.

Carne de cachorro para as crianças

Na metade do quarto século, enquanto a grande disputa teológica estava no auge, um homem chamado Úlfilas, levou o cristianismo (ou melhor, o “doutrinianismo”) para os godos pagãos, uma tribo germânica que vivia além do Danúbio.

Com frequência, os livros de história afirmam erroneamente que Úlfilas era arianista. No entanto, temos acesso à declaração de fé que ele levou aos godos e, sem dúvida, não é condizente com o arianismo. O problema é que Atanásio, o grande defensor de Niceia, rotulava todos os que não aceitavam o credo niceno de adeptos do arianismo, mesmo que não tivessem ligação nenhuma com Ário. A verdade é que Úlfilas e dezenas de milhares como ele não eram nem arianistas, nem nicenos, mas aderiram a uma compreensão independente sobre a natureza de Cristo que estava de acordo com a Bíblia.

No fim das contas, porém, pouco importa, pois a religião de quase todos do quarto século que professavam o cristianismo era, na verdade, o “doutrinianismo”. O caso a seguir deixa isso bem claro.

No verão e outono de 376 d.C., dezenas de milhares de refugiados cristãos godos e de outras tribos chegaram às margens do rio Danúbio passando grande necessidade. Os exércitos dos hunos estavam devastando suas terras e matando dezenas de milhares. Pediram aos romanos, seus irmãos cristãos, permissão

para atravessar o Danúbio e se estabelecer dentro das fronteiras do império romano. Os hunos não tinham barcos para persegui-los depois que cruzassem o rio.

O imperador Valente permitiu que fossem para dentro do império romano caso concordassem em servir como aliados e os godos assentiram com a condição. O imperador lhes prometeu terras, alimento e proteção. Embora os comandantes romanos que supervisionaram a migração dos godos para o império fossem professos cristãos, não permitiram que os fracos, velhos e doentes atravessassem o Danúbio. Em vez disso, essas pessoas desamparadas eram abandonadas para morrer de fome ou morrer nas mãos dos hunos.

Ao contrário do que prometeram, os cristãos romanos não deram aos cristãos godos alimento suficiente, nem a quantidade de terra necessária para que cultivassem o próprio alimento. Não demorou muito e os godos se depararam com uma situação extrema de fome crônica. Em vez de ajudá-los, os romanos levaram o bando de godos para uma área de detenção cercada pelo exército. Como só havia comida para alimentar os soldados romanos, estes, sem a menor piedade, forçaram os godos a uma alternativa cruel: podiam morrer de fome ou vender os filhos como escravos em troca de carne de cachorro.

Depois que acontecimentos ainda mais traiçoeiros se sucederam, os godos se levantaram em desespero contra os “cristãos” romanos. Na batalha de Adrianópolis, em 378 d.C., os godos derrotaram de vez seus atormentadores, matando o imperador Valente, assim como a maior parte do exército. Depois da vitória, os godos vagaram pela zona rural do império, saqueando cidades, vilas e fazendas.

Embora posteriormente os godos tenham feito paz temporária com os romanos, com o tempo, exércitos de outros cristãos godos

acabaram saqueando Roma. Sim, quase todos os supostos “bárbaros” que dominaram o império romano professavam o cristianismo. Naquela época, fazia pouca diferença se a pessoa era católica, arianista ou algo no meio do caminho. A religião que todos defendiam era o “doutrinianismo”. Tratava-se de uma fé que colocava forte ênfase no conhecimento intelectual, mas dava pouca importância à habitação de Cristo no interior do ser humano.

Chame-os como quiser, mas, por favor, menos de seguidores de Jesus. Os seguidores de Cristo não deixam enfermos e idosos à míngua para morrer. Não forçam outros a vender os filhos em troca de carne de cachorro. E, muito embora eu sinta forte simpatia pelos godos, também devo dizer que os seguidores de Jesus não retaliam contra seus opressores matando-os e saqueando.

-15-
Lutero: teólogo em pele de cordeiro

Atualmente, muitos cristãos têm a errônea concepção de que a Reforma consertou essa bagunça toda. Acham que a Reforma proporcionou o retorno a um cristianismo genuíno. Na verdade, porém, ela apenas colocou uma nova forma de “doutrinianismo” no lugar da antiga.

Martinho Lutero era completamente cego à verdadeira doença que havia infectado a igreja. Ele não reconheceu que o problema era o “doutrinianismo”. Lutero achava que a dificuldade era simplesmente a teologia *errada*. Imaginava que, se substituísse a teologia errada pela certa, o cristianismo voltaria exatamente para onde começou. E achava que o cristianismo apostólico seria automaticamente restaurado pela adesão a suas novas doutrinas.

Como consequência, a Reforma foi meramente uma batalha entre velha teologia *versus* nova. Nem os católicos, nem os reformadores ensinavam um cristianismo que requer frutos. Ambos adoravam junto ao altar do “doutrinianismo”.

O gigante espiritual inglês William Law descreveu o tipo de cristianismo que tal foco na teologia cria:

Aquele que deposita qualquer valor em opiniões e argumentos teológicos que giram em torno das doutrinas bíblicas da fé, justificação, santificação, eleição e reprovação se afasta da adoração verdadeira ao Deus vivo em seu interior. Na verdade, erige um ídolo de ideias a serem adoradas...

Creio que todos os grupos de cristãos cuja religião se baseia nesses pontos, por mais fervoroso que possa parecer seu zelo por

essas questões, mais cedo ou mais tarde descobrirão que sua natureza má e pecaminosa se encontra por trás de tudo. Reconhecerão em breve um orgulho egoísta, terreno e altivo nas próprias definições e doutrinas.[28]

Lutero, o arrogante

A predição de William Law acerca do que acontece com as pessoas que depositam sua fé em argumentos teológicos foi muito bem demonstrada na vida de Martinho Lutero. É inegável que ele possuiu um "orgulho egoísta, terreno e altivo nas próprias definições e doutrinas". Lutero arrogantemente menosprezava qualquer um — antigo ou contemporâneo — que discordasse de sua nova doutrina da crença fácil. Não só isso, era jactancioso o bastante para desdenhar das Escrituras quando elas ousavam contradizê-lo! Desconsiderou a epístola de Tiago, dizendo que era um "evangelho de palha".[29] Ao falar sobre a carta aos Hebreus, Lutero disse que os ensinos válidos que ela contém tinham "madeira, palha ou feno misturados a eles" e que "não podemos colocá-la no mesmo nível das epístolas apostólicas".[30]

Como a maioria dos cristãos sabe, uma das principais doutrinas de Lutero é que somos salvos *somente* pela fé. Todavia, as Escrituras nunca fazem essa declaração de forma explícita. Então Lutero, em sua arrogância, tomou para si a tarefa de inserir a palavra "somente" na Bíblia. Na epístola aos Romanos, Paulo escreveu: "Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei" (Rm 3:28). Lutero não estava satisfeito com essa declaração, por isso a mudou, para que dissesse "o homem é justificado *somente* pela fé sem as obras da lei".

Quando os católicos chamaram sua atenção por isso, Lutero se recusou a admitir que havia passado dos limites adequados. Em vez disso, altivamente menosprezou seus críticos em uma carta pública:

> Se seu papista deseja fazer uma grande confusão sobre a palavra "somente" (*sola*), diga-lhe: "O doutor Martinho Lutero não se importa e diz que um papista e um jumento são a mesma coisa!". Eu digo. E ordeno. Minha razão basta! Pois não nos tornaremos

estudantes e seguidores dos papistas. Em vez disso, seremos seus juízes e mestres. Nós também seremos orgulhosos e nos gabaremos desses cabeças-duras. Assim como São Paulo se gabou de seus santos em loucos desvarios, eu me gabarei desses meus jumentos! São eles doutores? Eu também. São eruditos? Eu também. São filósofos? Eu também. Praticam a dialética? Eu também. São preletores? Eu também. Escrevem livros? Eu também.

Vou além em minha jactância: sei fazer a exegese de Salmos e dos Profetas, já eles não. Sei traduzir, eles não. Sei ler as Sagradas Escrituras, eles não. Sei orar, eles não. Descendo ao nível deles, sei fazer dialética e filosofia melhor do que todos reunidos. Além disso, sei que nenhum deles entende Aristóteles. Aliás, se qualquer um souber interpretar corretamente uma parte ou um capítulo de Aristóteles, como meu chapéu!

Não, não estou exagerando, pois fui educado em sua disciplina e a tenho praticado desde a infância. Reconheço quão ampla e profunda ela é. Eles também sabem que eu posso fazer tudo que eles fazem. No entanto, tratam-me como se fosse alheio a seus estudos! Esses sujeitos incuráveis! É como se eu tivesse chegado esta manhã e nunca houvesse visto ou ouvido aquilo que eles sabem e ensinam. Exibem seu conhecimento com tanto brilhantismo, ensinando a *mim* aquilo em que me formei há mais de vinte anos! A todo seu conhecimento e bravata, uno-me à meretriz cantando: “Sei há sete anos que os pregos daquela ferradura são de ferro”.

Então essa pode ser a resposta a sua primeira pergunta. Por favor, não deem a esses jumentos nenhuma outra resposta a seus zurros inúteis acerca da palavra *sola* do que simplesmente: “Lutero diz que é assim e que é doutor acima de todos ou doutores papais”. E deixem estar. A partir de agora, a eles dispensarei meu desprezo. Aliás, eu já os desprezo, por serem o tipo de gente que são — jumentos, devo dizer. E há alguns idiotas dentre eles que nunca aprenderam a própria arte dos sofismas, como o Dr. Schmidt e Snot-Nose, além de outros como eles.[31]

Um homem muito humilde, não é mesmo?

Assassinando a Cristo

O zelo de Lutero não era pelo reino de Deus. Em vez disso, era um zelo por doutrinas — as suas doutrinas. William Law observou: “Um zelo baseado somente em doutrinas só pode fazer pelos

cristãos o que fez aos judeus: matar a pessoa e os propósitos de Cristo".[32] E foi exatamente isso que o zelo de Lutero fez: matou a pessoa de Cristo.

É claro que Lutero não teve a oportunidade de matar a Cristo pessoalmente. Mas ele fez a segunda coisa pior do que isso: matou os irmãos de Cristo, os cristãos do reino de sua época. E foi Jesus quem disse: "Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mt 25:40).

Poucos anos após a ascensão de Lutero ao poder, um grupo fervoroso de cristãos do reino, que crescia com rapidez, rejeitou o evangelho de Lutero da crença fácil. Isso por haverem reconhecido, com base nas Escrituras, que Cristo requer um relacionamento obediente de amor e fé com seus discípulos. Esses cristãos ensinavam que os verdadeiros seguidores de Cristo devem ser filhos do reino, que vivem pautados pelos ensinos de Jesus, não em palavras, mas em atos. Deveriam segui-lo e produzir frutos verdadeiros.[33] Por batizarem os fiéis que se uniam a eles, Lutero e outros os denominaram anabatistas, que significa rebatizadores.

O respeitado historiador da igreja Roland Bainton escreveu o seguinte sobre os anabatistas:

"Eles desafiavam todo o estilo de vida da comunidade. Caso houvessem se tornado numerosos demais, os protestantes ficariam incapazes de pegar em armas contra os católicos e os alemães não teriam resistido aos turcos. E os anabatistas de fato se tornaram numerosos. Eles desprezavam a sociedade em geral, mas não a prática de ganhar conversos para seu caminho".[34]

As pessoas comuns conseguiam perceber que as Escrituras não ensinavam o evangelho da crença fácil de Lutero e migravam em rebanhos para os anabatistas. Caso o povo tivesse liberdade para escolher, é possível que a maioria houvesse rejeitado a interpretação das Escrituras feita por Lutero e voltado para a fé histórica. Isto é, reconheceria a necessidade de manter um relacionamento obediente de amor e fé com Cristo.

O dr. Bainton continua:

Em algumas comunidades da Suíça e do vale do Reno, o número de anabatistas começou a superar o de católicos e protestantes. O crescimento de um povo com essas opiniões não seria uma ameaça maior à segurança pública do que a demolição do muro de uma cidade? Em 1529, a reunião imperial em Speyer declarou, com a anuência tanto de católicos quanto de luteranos, que os anabatistas deveriam sofrer pena de morte.

Menno Simons, um de seus líderes posteriores, relatou o resultado: “Alguns foram executados por enforcamento, outros foram torturados com tirania desumana e depois asfixiados com cordas na estaca. Alguns foram queimados vivos. Outros foram mortos pela espada e entregues para ser devorados pelas aves do céu. Outros ainda foram lançados aos peixes.[35]

Em outras palavras, nem Lutero nem o papa estavam prontos para que os professos cristãos realmente começassem a seguir a Cristo na vida e pautassem sua conduta pelos ensinos de Jesus. Temiam esse tipo de discipulado verdadeiro assim como temiam os turcos. Tinham tanto medo dos filhos do reino quanto os romanos pagãos. Assim como estes, a única resposta à qual conseguiram chegar foi assassinar os filhos do reino antes que eles ficassem ainda mais fortes.

Mas Lutero não odiava apenas os anabatistas. Ele era intolerante a qualquer divergência de seus ensinos. Percebeu que havia pessoas demais rejeitando seu novo evangelho para aceitar o evangelho de Jesus. Por isso, assim como os teólogos que vieram antes dele, Lutero decidiu sufocar essa dissensão por meio do poder armado do estado. Afinal, a igreja luterana era agora a igreja oficial da maior parte dos estados no norte da Alemanha.

Lutero disse aos governantes alemães: “Não são necessárias provas adicionais de que itens dissidentes de doutrina devem ser

punidos com a espada. Quanto ao mais, os anabatistas defendem doutrinas relativas ao batismo infantil, pecado original e inspiração sem ligação nenhuma com a Palavra de Deus, sendo, na verdade, contrários a ela... Imagine o desastre que ocorreria caso as crianças não fossem batizadas?".[36] Lutero prossegue em sua reclamação:

Os anabatistas fundaram um ministério e congregações separadas, prática que também é contrária à ordem de Deus. Com base em tudo isso, fica claro que as autoridades seculares se veem obrigadas [...] a infligir castigos físicos sobre os transgressores... Quando for o caso de defender apenas uma dessas doutrinas espirituais, como o batismo infantil, pecado original e separação desnecessária, então [...] concluímos que [...] os sectários obstinados devem ser *condenados à morte*.[37]

Lutero deu continuidade ao mesmo tema em *Exposição sobre o salmo 82*, dizendo:

Se alguns ensinam doutrinas que contradizem um ponto de fé claramente baseado nas Escrituras e no qual crê toda a igreja, ao redor do mundo inteiro, tais como os artigos que ensinamos às crianças no Credo — por exemplo, se alguém ensinar que Cristo não é Deus, mas um mero homem e semelhante a outros profetas, como defendem os turcos e os anabatistas — esse tipo de professor não deve ser tolerado, mas punido como blasfemador. Pois não são meros hereges, mas blasfemadores abertos e os governantes têm o dever de castigar aqueles que blasfemam...

Moisés, em sua lei, ordena que tais blasfemadores e, em verdade, todos os falsos mestres, sejam apedrejados. Logo, nesse caso, não deve haver muita contestação, mas esses blasfemadores ostensivos devem ser condenados sem audiência e sem defesa.[38]

É importante destacar que é uma clara falsidade dizer que os anabatistas ensinavam que Cristo foi um mero homem, e não plenamente divino. No entanto, de acordo com a política de Lutero,

eles não deveriam ter permissão para se defender, nem sequer ter uma audiência. Os governantes deveriam capturá-los e condená-los à morte. Todavia, não eram os anabatistas que eles estavam matando, mas, sim, o próprio Cristo.

-16-
Como os teólogos se fortaleceram

Precisamos reconhecer que a teologia reformada não se tornou dominante entre os não católicos por se mostrar vitoriosa no mercado livre das ideias. Não, ela se disseminou e alcançou predominância por ser apoiada pelo braço forte do estado.

Os teólogos da Reforma e suas igrejas oficiais controlavam a tradução e a impressão da Bíblia, bem como a de outras obras cristãs nos países protestantes. Além disso, nessas terras, só tinha permissão para pregar quem recebia uma licença do estado. Aqueles que desafiavam a igreja oficial eram exilados, presos ou condenados à morte.

Com o tempo, nos estados reformados, quase todos aqueles que ensinavam diferentemente dos reformadores foram silenciados pela morte, tortura ou prisão. É como Lutero declarou: “Aquilo que digo sobre a pregação pública [por dissidentes], afirmo com ênfase ainda maior sobre pregações particulares e cerimônias secretas. Tais práticas não devem ser nem um pouco toleradas... Correndo risco do corpo e da alma, ninguém deve ouvir tal indivíduo, mas, sim, delatá-lo ao pastor ou governante”.[39]

Ao silenciar as pessoas do reino, os reformadores garantiram que a própria interpretação das Escrituras seria a predominante em meio ao mundo não católico. Então eles usaram três métodos para consolidar suas opiniões, a fim de dominar todo o mundo não católico, não só em seus dias, mas também nas gerações seguintes. Esses três métodos foram: (1) Bíblias de estudo, (2) livros doutrinários e (3) comentários.

Bíblias de estudo

Os teólogos católicos haviam atrapalhado o caminho para o reino mantendo a Bíblia em latim, idioma que o povo comum não entendia mais na idade média. Lutero deu ao povo a Bíblia na própria língua, mas bloqueou com eficácia a entrada para o reino por meio da tentativa de controlar como as pessoas interpretariam as Escrituras. Já teria sido ruim o bastante se o único pecado de Lutero houvesse sido acrescentar deliberadamente uma palavra às Escrituras a fim de encaixar a Palavra de Deus a sua teologia, conforme apresentei anteriormente. Mas ele fez muito mais.

Lutero teve a audácia de acrescentar os próprios comentários humanos diretamente às páginas da Palavra de Deus. Nem mesmo os teólogos judeus haviam sido orgulhosos o bastante para fazer isso! Conforme já mencionei, nesses comentários, Lutero denegriu vários livros da Bíblia que conflitavam com sua nova teologia. Ele explicou às pessoas em seu prefácio ao Novo Testamento o que era o “evangelho verdadeiro”, a fim de direcionar a interpretação dessa parte da Bíblia antes mesmo que lessem a primeira palavra. Então difamou os livros da Bíblia que expunham os erros de sua teologia, dizendo:

Com base em tudo isso, agora vocês podem julgar e decidir, dentre eles, quais são os melhores. O evangelho de João e as epístolas de São Paulo, sobretudo a carta aos Romanos, bem como a primeira epístola de São Pedro, são o verdadeiro núcleo e a real essência de todos os livros. Deveriam, por direito, ser os primeiros livros e seria aconselhável que todo cristão os lesse primeiro e acima de tudo... É compreensível que o evangelho de João seja o verdadeiro evangelho principal, bem preferível aos outros três e colocado muito acima deles. De igual modo, as epístolas de São Paulo e as de São Pedro superam em muito os outros três evangelhos — Mateus, Marcos e Lucas.

Em poucas palavras, o evangelho de São João e sua primeira epístola, as epístolas de São Paulo, em especial Romanos, Gálatas

e Efésios, juntamente com a primeira epístola de São Pedro são os livros que lhe mostram Cristo e ensinam tudo que é necessário e bom saber, mesmo que você nunca veja ou ouça qualquer outro livro ou doutrina. Assim, a epístola de São Tiago realmente é uma epístola de palha em comparação com essas outras. Pois nada contém sobre a natureza do evangelho.[40]

Nesses comentários, Lutero superou em audácia todos os teólogos que o precederam. Disse que um cristão tem condições de saber "tudo que é necessário e bom" sobre Cristo sem nem sequer ler os três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Sério? Como se esses são justamente os evangelhos que contêm grande parte dos ensinos de Jesus? Que ultraje! De acordo com Lutero, se você quer aprender sobre o evangelho de Cristo, consulte Paulo! Os cristãos do segundo século ficariam pasmos ao ouvir alguém dizer isso. Mas a parte inacreditável de tudo isso é que Lutero conseguiu se safar. Caso você pergunte hoje a um evangélico típico qual é o cerne do cristianismo, ele invariavelmente o encaminhará para Romanos, não para o sermão do monte.

Na verdade, Lutero levou o cristianismo institucional um passo mais longe do reino de Deus do que qualquer teólogo que o precedeu. Nenhum deles havia transformado Paulo *no* grande mestre do cristianismo. Nenhum deles tinha colocado Paulo acima de Jesus.[l]

Além disso, não foi somente em seu prefácio ao Novo Testamento que Lutero tentou enviesar o ponto de vista de seus leitores. Não, ele escreveu prefácios individuais para cada livro da Bíblia, contando aos leitores o que o autor daquele livro estava "realmente dizendo" e colocando em descrédito os livros que contradiziam seus ensinos.

Por meio dos prefácios, Lutero criou algo novo: uma Bíblia de estudo. A Bíblia de Lutero era um híbrido — uma mistura da Palavra de Deus às palavras humanas. O mais lamentável é que, quando as pessoas aliam a Palavra de Deus a comentários humanos, estes, em geral, influenciam os leitores mais que as palavras divinas.

Infelizmente, a maioria das Bíblias produzidas durante a Reforma e no século seguinte foram Bíblias de estudo — a Palavra de Deus misturada a teologia da Reforma. Por exemplo, a Bíblia que dominou o mundo evangélico de língua inglesa (até a versão King James) foi a Bíblia de Genebra, impressa pela primeira vez em 1560. Ela foi publicada em Genebra, na Suíça, sob a influência de João Calvino, por protestantes ingleses. Eles haviam fugido para lá a fim de escapar da perseguição da rainha Maria. A Bíblia de Genebra não só continha prefácios a cada livro, a fim de garantir que o leitor interpretaria as Escrituras no "sentido apropriado", como também diversos comentários nas margens laterais, para influenciá-lo e doutriná-lo com a teologia Reformada.

Desde o princípio, as Bíblias de estudo protestantes sempre trabalharam para obscurecer o reino de Deus e os ensinos de Cristo. Às vezes, eram sutis, mas, em outras ocasiões, faziam um ataque frontal ousado ao reino.

A Bíblia de Genebra ocultou o reino de Deus ao dizer a seus leitores que Jesus não instituiu nada de revolucionário em seus ensinos. Segundo essa Bíblia, não há diferença entre os ensinos morais de Cristo e a lei de Moisés. A Bíblia de Genebra afirma que os ensinos de Cristo meramente esclareceram pontos que os fariseus haviam obscurecido. Também defende que Cristo só estava deixando claro que a obediência à lei de Moisés precisava começar dentro do coração e não pode ser uma obediência exterior. Além disso, nada havia mudado, com exceção da parte cerimonial da lei.[41]

Com esse tipo de comentário ao longo de toda a Bíblia de Genebra, a pessoa comum pode ler o Novo Testamento sem nunca enxergar o reino de Deus e a revolução radical que ele despertou. Essa Bíblia continuou a ser usada pelos evangélicos de todo o mundo anglófono até ser enfim superada em popularidade pela versão King James. No entanto, mesmo após a publicação da versão King James, a Bíblia de Genebra seguiu sendo a Bíblia dos puritanos, peregrinos e separatistas ingleses até o fim do século 17.

Depois que a Bíblia de Genebra perdeu popularidade, as Bíblias de estudo caíram em desuso por um tempo. Todavia, passaram por um grande renascimento no século 20 e agora dominam todo o universo de publicação das Escrituras. Hoje temos a *Bíblia de Estudo Scofield*, *Bíblia de Estudo Anotada Expandida*, *Open Bible* [Bíblia aberta] e a *Bíblia de Estudo MacArthur*, dentre dezenas de outras. Há Bíblias especiais para mulheres, adolescentes, carismáticos e até mesmo para crianças. Hoje, os cristãos aceitaram que é natural acrescentar comentários humanos às páginas da Palavra de Deus.

Entenda que não estou criticando Bíblias de referência autênticas que acrescentam (1) referências cruzadas; (2) explicações de moedas e unidades de medida; e (3) informações históricas *genuínas* baseadas em fontes primárias da antiguidade como Josefo. As Bíblias que proporcionam informações precisas sobre o significado de palavras em grego também são úteis. Mas precisa sempre haver uma clara distinção em nossa mente entre a inerrante Palavra de Deus e as palavras de humanos falíveis.

Livros doutrinários

O segundo método usado pelos teólogos da Reforma para garantir que sua interpretação das Escrituras seria dominante foi publicar livros de teologia sistemática, explicando o que afirmavam ser as doutrinas fundamentais do cristianismo. O mais bem-sucedido dentre eles foi, de longe, João Calvino com suas *Institutas da religião cristã.* Trata-se de uma obra escrita com mestria que une todos os livros das Escrituras em um fluxo de raciocínio aparentemente lógico.

Infelizmente, a maior parte do que Calvino escreveu não corresponde às “institutas” históricas do cristianismo — da mesma forma que os livros doutrinários de Agostinho. As “instituições” da obra de Calvino não passam de invenções suas. Mas por serem apresentadas de maneira tão compreensível e coerente, causam enorme influência sobre o mundo protestante. Por meio de suas

Institutas, Calvino apresentou ao mundo protestante um abrangente sistema teológico, moral, eclesiástico e cívico.

O mais lamentável que esse sistema abrangente de Calvino minou por completo a mensagem de Jesus sobre o reino. Segundo o sistema de Calvino, os cristãos não deveriam ser os indivíduos indefesos e mansos dos três primeiros séculos. Não deveriam ser os filhos humildes do reino que oferecem a outra face e não levam os outros à justiça. Não, Calvino ensinava que Deus ainda trata a humanidade assim como nos dias de Moisés. Todavia, de acordo com ele, em vez de fazer aliança exclusivamente com uma nação, Israel, agora está disposto a estabelecer um concerto com todas as nações da Terra. Todo país pode ser um Israel em potencial. O cantão de Genebra, no século 16, era o modelo de como isso deveria funcionar.

Segundo Calvino, todos da nação precisam entrar em aliança com Deus (quer façam parte do grupo de eleitos, quer não), por meio do batismo na aliança quando bebês. O batismo infantil por todo o estado deveria ser obrigatório. Idealmente, a nação deveria ser governada pelo eleito, assim como Israel fora idealmente governado por sacerdotes fiéis, profetas, juízes e reis. É responsabilidade do governo proteger a igreja, estabelecer e preservar a verdadeira fé cristã (isto é, as doutrinas de Calvino) e regular a vida de seus cidadãos em consonância com a lei moral de Deus. Conforme já mencionei, para Calvino, a lei moral de Deus é a mesma encontrada no Antigo Testamento. Até os não convertidos deveriam ser forçados a viver em harmonia com as mesmas leis morais que os cristãos conversos.

Logo, em essência, sob o sistema de Calvino, todas as nações podem ocupar a mesma posição do antigo Israel. Se uma nação obedece à lei de Deus, o adora apropriadamente e apoia o ensino das doutrinas verdadeiras, o Senhor a fará prosperar tanto econômica quanto militarmente. Se uma nação experimenta declínio econômico, derrotas militares, pestes e desastres naturais, quer dizer que Deus está lutando contra ela e a castigando.

Segundo Calvino, para impedir que isso aconteça, igreja e estado devem trabalhar em íntima parceria. Por exemplo, o estado deve obrigar todos a comparecer semanalmente à igreja. Além disso, os bispos ou presbíteros das igrejas locais deveriam examinar de perto a vida de todos que frequentam seu templo a fim de garantir que vivem dentro dos limites da lei de Deus. Embora a única disciplina que a *igreja* pode administrar seja a excomunhão, Deus espera que o *estado* castigue os pecadores a fim de manter a nação pura e, assim, evitar sua ira. O sistema que Calvino criou não correspondia ao cristianismo histórico. Em vez disso, era basicamente um judaísmo cristão. Ainda continha a lei mosaica (com exceção das "cerimônias"), uma combinação entre igreja e estado, bem como guerras contra outras nações.

O que poderia estar mais distante do reino de Deus? Como seria possível ler os quatro evangelhos e perder tanto de vista os ensinos de Jesus sobre o reino? Não podemos aliar seu reino a nenhum reino terreno. Conforme Cristo deixou claro: "O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus" (Jo 18:36). Os cristãos comuns e incultos dos dois primeiros séculos compreendiam claramente que os ensinos de Cristo impossibilitavam uma aliança entre igreja e estado. Também reconheciam que os cristãos não poderiam matar não cristãos em guerras, quanto mais outros cidadãos do reino!

Contudo, assim como os teólogos do quarto século, nem Lutero nem Calvino percebiam as contradições óbvias entre seus ensinos e os de Jesus. É exatamente como Paulo disse que seria: "Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?" (1Co 1:20).

As coisas mais óbvias das Escrituras se encontram ocultas dos sábios. Consequentemente, os seguidores de Calvino não hesitavam em guerrear contra os católicos. Aliás, eles não hesitavam em matar uns aos outros quando os objetivos de seus

países diferiam. Calvinistas ingleses mataram calvinistas escoceses e alemães. Alguns chegaram a matar compatriotas na guerra civil da Inglaterra. Os ensinos de Calvino lhes ocultaram totalmente o reino.

Por causa das *Institutas*, Calvino acabou superando Lutero como o teólogo dominante da Reforma — pelo menos nas terras de língua inglesa. E sua influência sobre o mundo evangélico continua a ser colossal. Para começar, as *Institutas* de Calvino ainda são publicadas e lidas pelos teólogos.

E o mais importante: Calvino deu origem a vários livros que imitam seu estilo, escritos por gerações posteriores de teólogos. Embora nenhuma outra obra doutrinária tenha causado o mesmo impacto que as *Institutas da Religião Cristã*, de Calvino, literalmente milhares de livros doutrinários foram escritos desde então pelas diversas gerações de teólogos que se seguiram. No entanto, poucas dessas obras doutrinárias e desses livros de teologia sistemática ensinam o simples evangelho do reino — se é que há alguma. Os teólogos de hoje continuam a imaginar que a teologia é a essência do cristianismo, em vez do relacionamento e os frutos que ele produz.

-17-
Comentários que abafam a Palavra de Deus

Um dos maiores instrumentos de Calvino para a propagação de seu sistema de crenças foi sua coleção de comentários sobre a Bíblia. Lutero havia aberto o precedente ao escrever um comentário extremamente influente sobre Gálatas. Já Calvino percorreu quase todos os livros da Bíblia e deu sua explicação sobre o que cada passagem supostamente significa. Por meio de seus comentários, ele foi capaz de moldar as Escrituras, a fim de que se encaixassem em seu sistema teológico. Ele foi o autor da primeira coleção completa de comentários escrita após a invenção da imprensa. Em decorrência do processo de publicação, seus comentários se disseminaram através de todo o mundo protestante, a um preço acessível.

Para deixar claro, os cristãos reformados comuns não liam os comentários de Calvino. Mas a maioria dos pregadores evangélicos de sua época sim. Por causa disso, boa parte do que era pregado nos púlpitos do mundo inteiro expressava os pensamentos de Calvino, não os de Jesus. Aliás, Calvino não hesitava em desconsiderar as palavras de Cristo em suas explicações quando estas não combinavam com seu sistema judaico-cristão. Ao fazê-lo, plagiou Agostinho diversas vezes. Por exemplo, sua racionalização acerca de juramentos vem direto de Agostinho:

JESUS: “Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis” (Mt 5:33–34).

CALVINO: “Muitos têm se deixado levar pela expressão *de maneira nenhuma*, adotando a falsa noção de que todo tipo de juramento é condenado por Cristo. Algumas pessoas boas têm sido

levadas a essa rigidez extrema destacando a licenciosidade desmedida de jurar que prevalece no mundo. Os anabatistas também têm criado um grande tumulto a esse respeito, dizendo que Cristo não parece dar liberdade para que se jure em nenhuma ocasião, por ordenar *de maneira nenhuma jureis*...

Em minha opinião, Cristo nos ensina que o problema reside na maldade das pessoas, que por isso se veem compelidas a jurar. Pois, se a honestidade prevalecesse entre os seres humanos, se não fossem inconsistentes e hipócritas, conservariam a simplicidade que a natureza dita. Não se conclui, portanto, que é ilícito jurar quando a necessidade o exige. Pois muitas coisas são apropriadas em si mesmas, embora tenham uma origem má".[42]

Isso, claro, é Agostinho falando, não Jesus. E sobre oferecer a outra face? Calvino também negava esse ensino de Cristo:

JESUS: "Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra" (Mt 5:39).

CALVINO: "Inquestionavelmente, Cristo não tinha a intenção de exortar seu povo a gratificar a malícia daqueles cuja propensão a ferir os outros é forte o bastante. E caso oferecessem a outra face, o que isso seria, senão um incentivo? Não é função de um comentarista eficiente e cuidadoso se apegar avidamente a sílabas, mas, sim, descobrir a intenção de quem fala. E nada é mais inapropriado para os discípulos de Cristo do que gastar tempo fazendo picuinha por causa de palavras, quando é fácil perceber o que o Mestre quer dizer".[43]

Entendi. Quando interpretamos ao pé da letra as ordens de Jesus, estamos nos apegando "avidamente a sílabas" e "fazendo picuinha por causa de palavras".

E o amor aos inimigos? Calvino habilidosamente invalidou esse ensino de Jesus também:

JESUS: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem” (Mt 5:43–44).

CALVINO: “É óbvio, conforme eu já disse, que Cristo não introduziu novas leis, mas apenas corrigiu os comentários impróprios dos escribas, que haviam corrompido a pureza da lei divina”.[44]

Assim Calvino astutamente pôs de lado o desdobramento radical daquilo que Jesus disse sobre amar nossos inimigos. De acordo com ele, Cristo não estava introduzindo nada novo. Em outras palavras, como a guerra era permitida pela lei, continuava a ser lícita aos cristãos.

Comentários copiados

Embora os comentários de Calvino tenham sido extremamente influentes, talvez a maior influência causada seja o impacto sobre a maioria dos comentários escritos depois. Na verdade, muitos dos comentários populares desde a época de Calvino até os dias atuais consistem em pouco mais do que uma retomada daquilo que o reformador disse.

Por exemplo, Calvino interpretou que a passagem sobre cobrir a cabeça, encontrada no décimo primeiro capítulo de 1 Coríntios, falava sobre a adoração *pública*. Ele escreveu:

No entanto, pode parecer supérfluo para Paulo proibir que as mulheres profetizassem com a cabeça descoberta, ao passo que, em outro texto, ele proíbe as mulheres de falarem dentro da igreja (1Tm 2:12). Assim, não seria permitido que profetizassem nem com a cabeça coberta. Logo, não parece haver propósito algum o debate quanto à necessidade de uma cobertura. Pode-se responder que, ao condenar uma prática, o apóstolo não estava recomendando a outra. Pois, quando as reprovou por profetizarem com a cabeça descoberta, não deu, ao mesmo tempo, permissão para que

profetizassem de qualquer outra forma, mas tão somente adiou a condenação desse mal para outra passagem, a saber, 1 Coríntios 14.

Embora Calvino tenha interpretado que essa passagem se aplica aos cultos públicos, quando lemos o texto em análise (isto é, 1Co 11:1–16), percebemos que ele não faz nenhuma menção às assembleias públicas. A passagem que a precede (1Co 10:23–33) não diz respeito a assembleias públicas. E, assim como o próprio Calvino destaca, seria um tanto quanto absurdo Paulo dizer às mulheres que elas deveriam cobrir a cabeça ao profetizar na igreja, uma vez que, poucas páginas depois, ele as instrui: "As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar" (1Co 14:34).

A despeito disso, quase todos os comentaristas desde então seguiram o erro de Calvino. Os itálicos são meus nas passagens a seguir:

Matthew Henry: "De algo do tipo as mulheres de Corinto pareciam ser culpadas, pois, sob inspiração, oravam e profetizavam até mesmo em suas *assembleias*".

John Gill: "Nesse capítulo, o apóstolo culpa tanto homens quanto mulheres por estas aparecerem com indecência nos cultos *públicos*".

Adam Clarke: "O apóstolo repreende os coríntios por diversas irregularidades em sua maneira de realizar a adoração *pública*, os homens com a cabeça coberta e as mulheres, com a cabeça descoberta".

Albert Barnes: "A respeito do primeiro caso, parece provável que algumas das mulheres, pretendendo estar inspiradas, houvessem orado ou profetizado na *igreja* de Corinto, retirando seus véus à maneira das sacerdotisas pagãs".

Charles Hodge: “Após corrigir os abusos mais particulares que prevaleciam em meio aos coríntios, neste capítulo, Paulo começa a tratar das questões relacionadas à maneira de realizarem a adoração *pública*”.

Fausset Jamieson e Brown: “1Coríntios 11:1–34. Censura sobre problemas com a ordem em suas *assembleias*.

People’s New Testament [Novo Testamento do povo]: “Vestuário e conduta *na igreja*. Síntese — Homens na igreja oram com a cabeça descoberta. As mulheres devem usar véu”.

Muito embora a passagem nada diga acerca da adoração pública e mesmo que isso torne absurdo interpretá-la se referindo a assembleias públicas (por contradizer 1Co 14), quase todos os comentaristas seguem o erro de Calvino sem pensar. É um verdadeiro caso de um cego guiando outros.

O que acabei de citar é apenas um exemplo. No capítulo 20, analisaremos outros casos de comentaristas que fizeram cópias. No fim das contas, teólogos falecidos como Agostinho, Calvino e Lutero continuam, da sepultura, a dominar a igreja.

-18-
Aprendendo a confrontar os valentões teológicos

Todos nós conhecemos os valentões, que praticam *bullying*. São pessoas que intimidam ou machucam outras a fim de conseguir poder, se sentir importantes ou conseguir aquilo que querem. A intimidação é praticada por indivíduos mais poderosos, seja na esfera social ou física, do que suas vítimas mais fracas. Uma enciclopédia define o *bullying* da seguinte maneira:

1.O comportamento é agressivo e negativo.

2.O comportamento é repetido diversas vezes.

3.O comportamento ocorre em um relacionamento no qual há desequilíbrio de poder entre as duas partes.

4.O comportamento é proposital.[45]

Embora, com frequência, o *bullying* envolva coerção física, também pode ser realizado por meio de técnicas não físicas, como chamar de nomes feios, espalhar rumores, ostracismo, zombaria e argumentar até forçar a vítima à submissão.

Certo escritor descreve *bullies* adultos como pessoas que "possuem facilidade verbal excepcional e manipulam a maioria dos indivíduos em interações verbais, sobretudo quando em conflito. São cheios de opinião própria e exibem arrogância, audácia e uma sensação superior de merecimento, bem como de invulnerabilidade, como se nada as pudesse abalar. O *bully* tem mania de controle e a necessidade compulsiva de mandar em todos e em tudo aquilo que você diz, faz, pensa e crê. Por exemplo, começará um ataque pessoal imediato na tentativa de restringir o que você tem permissão

para dizer caso comece a falar com conhecimento de causa”[46] sobre um assunto no qual ele sente que deve ter a última e única palavra. Caso não tivesse mais informações, pensaria que esse autor estava nos apresentando uma descrição de Martinho Lutero.

Teólogos valentões

Por natureza, os teólogos tendem a ser valentões. Sem dúvida, os escribas e fariseus eram. Eles usavam todos os métodos clássicos de *bullying*:

1. Denegriam e ridicularizavam aqueles que não seguiam suas opiniões. Por exemplo, os líderes religiosos menosprezaram os oficiais que deveriam ter prendido Jesus, mas não o fizeram: “Também vós fostes enganados? Creu nele porventura algum dos principais ou dos fariseus? Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita” (Jo 7:47–49).

2. Lançavam mão do ostracismo social, isolando das sinagogas aqueles que contrariavam sua autoridade.

3. Chegavam inclusive a recorrer à violência física. Prenderam apóstolos e outros cristãos, mataram Jesus e alguns de seus seguidores fiéis, como Estêvão.

Infelizmente, os teólogos cristãos têm um registro ainda pior que os escribas e fariseus. Eles têm se mostrado muito mais propensos a matar e torturar que seus antecessores judeus. O famoso defensor do concílio de Niceia, Atanásio, traçou o caminho para todos que o sucederam. Ele retratava seus inimigos religiosos, cuja maioria nem era arianista, como as pessoas mais perversas e desprezíveis que se pode imaginar. Prontamente pronunciava a condenação eterna sobre eles. Aprovava de todo coração que fossem exilados pela justiça e nunca objetou à pena de morte para aqueles que fomentavam os escritos de Ário.

Depois de Atanásio, o *bullying* se tornou muito pior. As igrejas católica e ortodoxa perseguiam com regularidade qualquer um que desafiasse seus ensinos. Durante a idade média, os genuínos filhos

do reino com frequência foram presos, torturados e executados — meramente por desejarem seguir a Jesus por completo em sua vida.

O reformadores logo demonstraram que podiam ser valentões tão ferrenhos quanto os católicos. Tanto Lutero quanto Calvino eram obcecados por controle e *bullies*. Eles deram as mãos para os católicos com a intenção de denegrir cristãos do reino como os anabatistas e fazer o que estivesse a seu alcance para aniquilá-los.

Vítimas do reino

Muitos dos cristãos do reino que enfrentaram os reformadores foram assassinados ou presos em masmorras. Aqueles que sobreviviam eram forçados a viver em determinada região sob a condição de permanecer em silêncio e não compartilhar sua fé com mais ninguém. Em consequência, eles acabaram se tornando os "quietos da terra" (Sl 35:20).

Os séculos se passaram e os filhos do reino finalmente conquistaram liberdade religiosa. Mas as consequências e os traumas ao longo de séculos de *bullying* cruel da parte dos católicos e reformadores persistem até hoje.

No fim das contas, os *bullies* teológicos quase sempre conseguem o que querem. Com base no que observei, nós, cristãos do reino, costumamos ser fracos no evangelismo. Isso porque a mentalidade de "ficar calados" aderiu profundamente a nossa psique coletiva. Jogamos fora grande parte dos ensinos de nossos pais e os substituímos pelas doutrinas daqueles que nos intimidaram. Hoje, quando alguém lê os livros doutrinários típicos dos anabatistas, moravianos, Irmãos e outros cristãos do reino, descobre que, em essência, ensinam as doutrinas de Atanásio, Agostinho, Lutero e Calvino — com o mero acréscimo da não resistência, do livre-arbítrio e da cobertura da cabeça.

Atualmente, quando os cristãos do reino preparam sermões e lições bíblicas, têm o costume de recorrer às obras dos teólogos — comentários, livros doutrinários e escritos populares — a fim de

encontrar *insights*. Mas por que achamos que aqueles que entendem tão pouco sobre o reino de Cristo têm alguma pista interior do entendimento das Escrituras? Por um lado, corretamente rejeitamos seminários e o ensino teológico superior. Em contrapartida, recorremos a homens cultos para obter a maior parte de nossas doutrinas. Continuamos permitindo que os *bullies* nos dominem.

Essa situação me faz lembrar dos israelitas nos dias de Samuel. Os valentões da época eram os filisteus. A fim de manter os israelitas em sujeição, eles proibiram a existência de ferreiros em Israel (1Sm 13:19). Isso impedia que os israelitas fabricassem espadas e lanças que lhes permitiriam enfrentar os *bullies*. Por isso, eles precisavam se arrastar e implorar aos filisteus para adquirir qualquer tipo de ferramenta necessária de metal. Assim como os antigos israelitas, nós, cristãos do reino da atualidade, nos arrastamos até os teólogos implorando por suas doutrinas e seus comentários sobre as Escrituras. Temos medo de enfrentar os valentões.

Sobre comentários e óptica quântica

Certa vez, um amigo cristão me disse: “O problema, David, é que, quando eu leio o Novo Testamento, tenho dificuldade para compreender o que o texto está dizendo. Por outro lado, quando leio um comentário, então o Novo Testamento fica claro”. Bem, na superfície, isso parece fazer sentido.

Se alguém lhe entregasse uma tese doutoral sobre óptica quântica, meu palpite é que você teria dificuldade para entender, a menos que tenha um diploma avançado na área da física. Eu, porém, poderia escrever um comentário linha por linha sobre essa tese doutoral e torná-la compreensível, mesmo que você não tivesse nenhuma formação em física. Parece ótimo, não é mesmo?

Só há um problema: eu não sei nada mais sobre óptica quântica do que você. Não sou capaz nem de definir o termo! Todavia, minha

ignorância quanto ao assunto não me impediria de escrever um comentário compreensível para não cientistas. Só quer dizer que meu comentário não teria valor nenhum. Seria “compreensível”, mas não ajudaria ninguém a ter um conhecimento maior sobre óptica quântica do que tem agora.

Os comentários da Bíblia não são diferentes.

Na teoria, não há nada de errado com o conceito de um comentário bíblico. O Novo Testamento foi escrito para cristãos de fala grega que viviam no mundo mediterrâneo entre os anos 35 e 100 d.C. Eu sou um falante de inglês que vive nos Estados Unidos no século 21. Seria ideal ter um comentário bíblico que me colocasse na mesma posição de um cristão de fala grega que habitava o mundo mediterrâneo no ano 100 d.C. (quando o Novo Testamento foi concluído). Infelizmente, nenhum comentário faz isso, nem tenta seriamente fazê-lo.

Enfrentando os valentões

Quando eu tinha vinte e poucos anos, trabalhava meio período entregando folhetos pela rua. Certo dia, estava em um dos lados da rua andando na direção da casa da esquina. Notei que o jardim tinha uma cerca telada ao redor. Enquanto passava pela residência, logo descobri por quê. Dentro da cerca, havia um enorme cão rosnando. O cachorro arreganhava a boca e bufava em minha direção por trás da cerca enquanto andava por ela e virava a esquina. Tive a certeza de que ele teria me rasgado em pedacinhos, não fosse pela cerca que nos separava.

Como eu não poderia entrar, resolvi deixar o folheto no portão da cerca e então passar para a casa seguinte. Mas quando cheguei ao portão, meu coração congelou. Alguém o havia deixado aberto! Fiquei ali paralisado de terror enquanto esperava ser despedaçado pelo cão. Mas o cachorro também percebeu que o porão estava aberto. Ele parou imóvel e me olhou por alguns segundos. De repente, começou a ganir e a tentar se arrastar para trás o mais

rápido que pudesse. Na pressa de fugir, caiu e começou a uivar a plenos pulmões. Se alguém estivesse em casa, tenho certeza de que pensaria que eu estava torturando o cachorro.

A cena foi tão cômica que só pude dar risada. “O valentão clássico” — pensei comigo mesmo. Era extremamente corajoso e feroz enquanto a cerca estava entre nós, mas, assim que precisou se levantar para me enfrentar face a face, demonstrou ser um covarde chorão.

Vítimas nunca mais

Em muitos casos, as vítimas de *bullying* não têm condições de enfrentar seus atormentadores porque a disparidade de poder entre as duas partes é grande demais. Hoje, porém, os cristãos do reino não se encontram nessa situação. Nós *podemos* enfrentar os *bullies* teológicos.

Quando o cão feroz que encontrei foi desmascarado, descobri que não havia perigo algum. Era tudo blefe. O mesmo pode ser dito em relação aos teólogos. Quando temos coragem de desmascarar os grandes “heróis da fé” na esfera teológica, descobrimos, em geral, que são homens que corromperam a fé. De igual modo, quando desmascaramos os teólogos eruditos da atualidade, costumamos descobrir que são farsas incompetentes.

Permita-me apresentar-lhe alguns exemplos da incompetência e cegueira inacreditáveis dos teólogos do presente.

-19-
Expondo a cegueira dos teólogos

Quando os cristãos de hoje tentam entender ou expor uma passagem das Escrituras, eles tendem a recorrer a comentários, Bíblias de estudo e outras obras que professam dar *insights* quanto àquilo que os autores da Bíblia estão dizendo.

Mas o que qualifica tais escritores a saber o que Jesus e os apóstolos “realmente queriam dizer”? Em geral, reivindicam ser especialistas por terem diplomas avançados em teologia ou alguma outra área bíblica. Em outras palavras, fazem parte da classe dos “sábios e entendidos” — o mesmo grupo do qual Jesus disse que o reino foi ocultado.

Os comentaristas da Bíblia usam três métodos principais para dar a impressão de que têm conhecimentos ocultos quanto ao “real” significado da mensagem bíblica: (1) compreensão do grego, (2) conhecimento da história da época do Novo Testamento e (3) familiaridade com a fé histórica. No entanto, em todas essas áreas, têm demonstrado repetidas vezes sua cegueira. Neste capítulo, permita-me mostrar-lhe a cegueira de muitos teólogos no que se refere ao grego.

O mito da língua grega

Qualquer um que lê materiais de estudo da Bíblia ou ouve sermões típicos fica com a impressão de que o grego antigo era uma “super língua” bem mais precisa que o português e cheio de riquezas que não podem ser expressas de maneira adequada em nosso idioma. Mas a verdade é justamente o oposto. É muito mais fácil se comunicar com precisão em português moderno do que em grego antigo (ou em qualquer outra língua antiga).

Um dos motivos para isso é que o número de palavras do grego antigo é menos de 10% do português moderno. O grego antigo consistia de apenas vinte mil palavras. Em contrapartida, o *Grande Houaiss* contém cerca de 230 mil palavras. No entanto, nem mesmo esse total chega perto de incluir todas as palavras da língua portuguesa usadas na fala e escrita comuns. Alguns lexicógrafos afirmam que o português hoje conta com quase quatrocentas mil palavras.[47]

Isso me faz lembrar da situação que enfrentava na aula de artes da escola primária. Nossa família tinha um orçamento apertado e, por isso, a cada início de ano, meus pais compravam a caixa básica com doze gizes de cera. Sem dúvida, era suficiente para fazer os desenhos que eu produzia nas aulas de artes. No entanto, alguns de meus colegas de turma tinham caixas com 32 cores e alguns até mesmo com 64 opções.

Quando precisava colorir algo azul, minha caixa de gizes de cera só tinha uma alternativa: azul. Já meus colegas de classe com os 64 gizes contavam não só com azul, mas também com azul celeste, azul escuro, azul marinho, azul petróleo, dentre outros. Podiam expressar muitos tons de azul em seus desenhos, ao passo que eu me limitava a apenas uma cor.

É basicamente a mesma situação quando o grego antigo é comparado ao português contemporâneo. Para deixar claro, o grego antigo é mais preciso que a maioria das outras línguas antigas, como o hebraico. Só não se compara a um idioma moderno como o português. O problema com o grego do Novo Testamento não é ser mais preciso que o inglês, mas, sim, ser tantas vezes mais ambíguo.

Pegue a palavra grega *angelos*, por exemplo. Seu significado básico é “mensageiro”. Todavia, ao ser usada por judeus e cristãos, também pode significar “anjo”. Em geral, o contexto revela se a palavra deve ser traduzida por “mensageiro” ou “anjo”. Às vezes, porém, ele não deixa claro e nem os cristãos primitivos tinham certeza se o autor da Bíblia estava falando sobre os anjos ou mensageiros humanos.

Por exemplo, todas as cartas às sete igrejas do Apocalipse são endereçadas ao *angelos* dessa igreja. Isso quer dizer que cada igreja tinha um anjo celestial destinado a ela? Ou que as cartas eram dirigidas ao "mensageiro" terreno da igreja — o pastor, presbítero chefe ou alguma outra pessoa que atuasse como porta-voz da igreja? Simplesmente não sabemos.

Outro exemplo é a palavra grega *martyr.* O significado básico do termo é "testemunha". Mas não causa surpresa que a palavra também signifique "mártir". Às vezes, o contexto nos revela como o escritor do Novo Testamento está usando o termo. Em outras ocasiões, porém, simplesmente não sabemos.

Permita-me destacar outro caso que vem ao ponto. A palavra grega *diatheke.* De acordo com seu uso no Novo Testamento, ela em geral quer dizer "aliança". Por exemplo, Hebreus 8:8 afirma: "Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei uma nova aliança (*diatheke*)". No capítulo seguinte, o mesmo autor diz: "Porque onde há testamento (*diatheke*), é necessário que intervenha a morte do testador. Porque um testamento (*diatheke*) tem força onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive?" (Hb 9:16–17).

A palavra grega *diatheke* é usada 21 vezes em Hebreus. Em 19 delas, o termo quer dizer aliança. No entanto, na passagem supracitada, obviamente significa testamento final. Uma aliança ou contrato não exige a morte da pessoa que o firma. Mas um testamento sim. Não é uma aliança que não tem "valor enquanto o testador vive", mas, sim, o testamento. O problema não é a riqueza da palavra grega *diatheke*, mas sua ambiguidade. Ao passo que o português tem palavras diferentes para aliança e testamento, o grego *koiné* só contava com um termo para ambos.

O problema não é a maioria das palavras gregas terem mais de um significado. A maioria das palavras em português também têm. Em português, porém, costuma haver uma lista de sinônimos da qual podemos escolher para tornar claro o sentido. Com frequência,

no grego antigo, havia apenas uma palavra disponível — com toda sua ambiguidade.

Além disso, o grego antigo era escrito sem nenhuma pontuação. Não havia vírgulas, pontos finais, parênteses ou aspas. Imagine tentar escrever uma carta ou um documento hoje sem pontuar. Não é difícil antever a confusão que resultaria. Ao comparar diferentes traduções do Novo Testamento, já percebi que os tradutores nem sempre concordam com onde colocar as vírgulas, nem com o lugar de começar e terminar frases. Não é culpa dos tradutores; trata-se da limitação do grego antigo.

Por favor, não pense que estou denegrindo os especialistas em grego. Sou muito grato aos tradutores que nos proporcionaram a Bíblia nos idiomas modernos e aos eruditos que publicaram dicionários do grego e Bíblias interlineares. Todos nós devemos profundamente a eles. Meu conhecimento de grego é minúsculo em comparação com o deles.

A situação é semelhante à que acontece com os médicos. O conhecimento que eles têm do corpo humano e das doenças é vastamente superior ao meu. Todavia, isso não significa que preciso simplesmente aceitar sem questionar tudo que meu médico diz. Descobri que os mais competentes não se incomodam com uma contestação ocasional do diagnóstico, se eu o fizer de maneira respeitosa. Minha experiência é que, em geral, os médicos estão certos, mas, em diversas ocasiões, minha opinião divergente demonstrou ser correta.

Normalmente os especialistas em grego estão corretos, mas a opinião deles não deve ser aceita sem questionamentos. Além disso, cheguei à conclusão de que não costumam ser os verdadeiros eruditos em grego que pretendem que esse idioma é uma espécie de língua mágica que significa todo tipo de coisas que o português comum é incapaz de expressar. São comentaristas e outros teólogos que estudaram grego por alguns anos no curso de divindade e usam seu conhecimento limitado do idioma para intimidar os outros.

A tolice do significado etimológico

Tenho certeza de que todos nós já ouvimos sermões nos quais o orador lê uma passagem das Escrituras e então diz: “Bem, o grego deste versículo quer dizer literalmente...”. Então o pregador usa o “significado literal” para reinterpretar a passagem, fazendo-a dizer algo diferente do que lemos na Bíblia. O problema dessa abordagem é que o preletor não está declarando de verdade o que a palavra ou passagem quer dizer *literalmente.* Em vez disso, meramente apresenta a etimologia da palavra — isto é, o sentido do radical.

A insensatez desse procedimento é que o sentido do radical de uma palavra muitas vezes tem pouca ligação com o que a palavra realmente quer dizer no tempo e nas circunstâncias em que foi escrita. Todos sabemos que isso é instintivamente verdadeiro nas línguas modernas.

Por exemplo, no Texas, há uma vasta produção de petróleo e gás natural. Por causa disso, quando proprietários vendem suas terras, é normal reservarem “o óleo e o gás” para que continuem a ser donos do petróleo após a venda da propriedade. Suponhamos que John Doe vendeu sua propriedade para Bob Smith, reservando “o óleo e o gás”. Suponhamos ainda que Bob Smith fez uma plantação de oliveiras em sua terra. Quando chega a hora da colheita, John Doe chega em sua caminhonete e diz para Bob não colher as azeitonas, pois pertencem a ele.

— Como assim? — Bob sem dúvida diria em descrença. — O que o faz pensar que é dono das azeitonas?

— Ora, eu reservei o óleo e o gás desta propriedade. E o significado literal de óleo é oliva. Logo, tenho direito a todas as azeitonas.

Se a disputa fosse parar na justiça, o que você acha que o tribunal faria? Sem dúvida, daria risada de John. O fato de *oliva* ser o significado do radical de óleo não tem consequência nenhuma

sobre o sentido comum da palavra hoje. No Texas, quando os vendedores reservam o óleo da terra, todos compreendem que estão se referindo ao petróleo.

É fácil perceber como seria ridículo tentar interpretar um documento em português com base na etimologia das palavras usadas. De algum modo, porém, aquilo que soa cômico em português não se torna lógico e esclarecedor quando passamos para o grego. Meu dicionário define “literal” como “baseado em palavras reais em seu sentido comum, não figurado ou simbólico”.[48] Logo, o significado *literal* de uma palavra não se encontra na origem de seu radical, mas, sim, no sentido usual dentro do contexto na época em que ela é falada ou escrita.

Vamos ser francos: a maioria das pessoas nem conhece a etimologia das palavras que usa. Eu, com certeza, desconheço. Você sabia que nossa palavra *gás* vem do termo grego que quer dizer “caos”? Eu não fazia ideia. Também fiquei surpreso ao descobrir que a origem etimológica de *empregado* significa “implicado” e que o sentido do radical de *moeda* é *moneta*, um dos epítetos da deusa Juno. Eu poderia prosseguir indefinidamente. O significado das palavras costuma passar por diversas mudanças ao longo do tempo. Por isso, o sentido do radical de uma palavra é irrelevante para a interpretação de qualquer documento escrito. Pode ser uma trivialidade interessante de conhecer, mas não passa disso.

No entanto, comentaristas e teólogos prosseguem usando a etimologia das palavras como método de interpretação das Escrituras. É ignorante, desonesto e cego — mas continuam se safando assim mesmo.

Como saber o que uma palavra significa?

Tudo isso levanta a pergunta: como saber o que uma palavra grega antiga significava no primeiro século? A questão não é o que

determinada palavra grega significa *hoje*, nem seu sentido etimológico. A dúvida é: o que ela queria dizer para os autores e leitores do Novo Testamento?

É importante compreender que não havia dicionários de grego nos textos antigos, nem temos acesso a qualquer gramática grega da antiguidade. Logo, para chegar ao significado apropriado de uma palavra do Novo Testamento, precisamos examinar como ela era usada em fontes antigas. No que se refere ao Novo Testamento, temos três fontes principais:

- Textos gregos clássicos

- A Septuaginta (tradução do Antigo Testamento em grego antigo)

- Os primeiros escritos cristãos, sobretudo os do segundo século.

Em geral, o ponto de partida para o estudo do grego tem sido as obras clássicas, às quais temos acesso com variedade. Há, porém, algumas limitações a essa prática. Em primeiro lugar, o Novo Testamento foi escrito em grego comum *koiné*, não no grego polido dos clássicos. Segundo, a maior parte das obras clássicas gregas foi elaborada vários séculos antes do Novo Testamento. Assim como em qualquer outro idioma, o significado das palavras gregas mudava com o tempo. Logo, aquilo que um termo grego queria dizer na época de Platão (c. 400 a.C.) não tinha necessariamente o mesmo significado nos dias dos apóstolos. Por fim, os autores da Bíblia usavam palavras com sentido diferente dos escritores seculares.

Por isso, para o estudo do Novo Testamento, a Septuaginta consiste em um recurso muito mais valioso do que os clássicos. Para começar, ela foi escrita em grego *koiné.* Em segundo lugar, foi elaborada em um período bem mais próximo do Novo Testamento que os escritos de filósofos como Platão e Aristóteles. Por fim, a Septuaginta era *o* Antigo Testamento da igreja do primeiro século.

Tanto os apóstolos quanto seus leitores estavam imersos no vocabulário da Septuaginta e isso se reflete na terminologia do Novo Testamento. É como um especialista em grego observou: “Humanamente falando, sem a Septuaginta, não poderia haver Novo Testamento. Pois a Septuaginta conferiu ao Novo Testamento não só o veículo da língua, mas também, em grande medida, os padrões de pensamento”.[49]

Apesar disso, cheguei à conclusão de que a maioria dos teólogos e comentaristas do Novo Testamento é absurdamente ignorante em relação à Septuaginta. Meu palpite é que maioria nunca a leu.

Os escritos dos primeiros cristãos — sobretudo os dos cem anos seguintes após o fim do Novo Testamento — são outro recurso de extrema valia. Os cristãos daquela era falavam a mesma língua, viviam na mesma cultura e usavam o mesmo vocabulário cristão que os apóstolos. Quando procuramos o significado de uma palavra grega do Novo Testamento, a pergunta chave sempre deve ser: como os cristãos do primeiro e segundo séculos compreendiam as palavras dos apóstolos? É uma questão de bom senso. No entanto, mais uma vez, percebo que a maioria dos comentaristas e intérpretes da Bíblia ignora por completo como os primeiros cristãos compreendiam o Novo Testamento.

Conforme já mencionei, não sou especialista em grego. Meu campo de estudo especial é a história do cristianismo, sobretudo a história inicial do cristianismo. Como historiador, porém, não consigo deixar de constatar que os primeiros cristãos obviamente entendiam algumas palavras e expressões do Novo Testamento de forma diferente da que os “especialistas” atuais dizem que elas significam.

Ágape: um bom exemplo

Assim como a maioria, cresci ouvindo que ágape, uma das palavras gregas para amor usadas no Novo Testamento, tem um significado especial que a diferencia de outros termos gregos para o

mesmo sentimento, como *eros* ou *philia*. Todos já escutamos que ágape é a forma mais elevada de amor, ou que significa buscar o maior bem de outra pessoa. Em contrapartida, somos informados que *philia* é meramente demonstrar afeição por alguém ou gostar dessa pessoa. Por fim, ensinam-nos que *eros* é o amor romântico. Certa fonte cristã instrui da seguinte maneira:

Philia é o amor emocional e fraterno, que é mais bem ilustrado na Bíblia pelo amor entre Davi e Jônatas. É importante notar que o mandamento para amar nunca é *phileo*, pois se trata de um amor emocional que surge de um relacionamento mútuo e recíproco, diferente de ágape...

Por fim, existe a palavra grega ágape para amor, que representa uma atitude amorosa em nada egoísta. Consiste em um interesse altruísta com o foco primário em dar aos outros. Ágape pode ser definido como uma consideração positiva incondicional, uma mentalidade pessoal que nos impulsiona a ações úteis e necessárias em simplicidade pessoal, humildade, compaixão e igualdade. Ágape é a mais elevada forma, uma manifestação do verdadeiro amor de Deus por todos nós, o qual ainda precisamos ter, promover e cultivar, permitindo que o Senhor assuma pleno controle de nossa vida.

A palavra grega ágape quase não é encontrada nos clássicos, pois sua origem é divina (1Jo 4:7 — “o amor é de Deus”). Os primeiros discípulos de Jesus Cristo só se tornaram capazes de sentir o amor ágape após o Pentecostes, pois este só provém do Espírito Santo.[50]

Ouvi esse tipo de ensino durante a maior parte de minha vida e até já disse coisas parecidas em sermões. Logo, você deve imaginar qual não foi minha surpresa quando li os escritos dos primeiros cristãos e observei que eles nunca disseram haver nada de especial em relação à palavra ágape. Isso me fez refletir.

Então fui conferir se o termo aparecia em alguma parte da Septuaginta. Em outras palavras, era uma palavra grega usada

apenas pelos cristãos? Ou os judeus a empregavam cerca de um século ou mais antes de Cristo? Para meu espanto, descobri que ágape aparece 283 vezes na Septuaginta, de Gênesis a Malaquias. Logo, não é verdade que se trata de uma palavra especial praticamente desconhecida antes do Novo Testamento. O motivo de Jesus e seus apóstolos falarem ágape com tanta frequência é o fato de ser a palavra que os judeus falantes de grego estavam acostumados a ler no Antigo Testamento.

É claro, então, que não é verdade que os seres humanos eram incapazes de sentir o amor ágape antes do Pentecostes. Afinal, na Septuaginta, Deus ordena os israelitas: “Amarás (ágape), pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças” (Dt 6:5). A Septuaginta também usa ágape no mandamento de amar ao próximo como a si mesmo. Estaria Deus ordenando os israelitas a fazer algo que seriam incapazes de realizar antes do Pentecostes? É claro que não, pois o Antigo Testamento fala de pessoas que amaram a Deus (Sl 5:11; 18:1; 31:23; 97:10; 119:127). Em todas essas passagens, a Septuaginta usa ágape.

E a alegação de que o tipo de amor fraternal que Davi e Jônatas nutriam um pelo outro era *philia*, não ágape? Falso novamente! Ao descrever a reação de Davi ao ficar sabendo da morte de Jônatas, a Septuaginta diz: “Angustiado estou por ti, meu irmão Jónatas; quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era o teu amor (ágape) do que o amor das mulheres” (2Sm 1:26).[51]

E a afirmação de que o amor ágape é um amor superior, altruísta, que só pode ser produzido pelo Espírito Santo? Falso, mais uma vez! Ao ler a Septuaginta, descobri que os judeus usavam ágape para se referir a todas as formas de amor: amor a Deus, afeição por amigos, amor romântico e até mesmo o amor por coisas erradas. Aqui estão alguns exemplo das muitas maneiras que o amor ágape é usado na versão grega do Antigo Testamento:

“E faze-me um guisado saboroso, como eu *gosto*, e traze-mo, para que eu coma; para que minha alma te abençoe, antes que

morra” (Gn 27:4).

“Filhos dos homens, até quando convertereis a minha glória em infâmia? Até quando *amareis* a vaidade e buscareis a mentira?” (Sl 4:2).

“Todos os que me odeiam *amam* a morte” (Pv 8:36).

“Melhor é o teu *amor* do que o vinho... As virgens te amam... Busquei aquele a quem *ama* a minha alma; busquei-o, e não o achei... As muitas águas não podem apagar este *amor*, nem os rios afogá-lo (Ct 1:2–3; 3:1; 8:7).

Absolutamente intrigado por essas descobertas, decidi pesquisar o Novo Testamento para ver como a palavra ágape é usada nele. De maneira consistente com a Septuaginta, descobri que Jesus e seus apóstolos empregavam ágape para se referir a vários tipos de amor. Em cada uma das passagens abaixo, o termo grego para amor é ágape:

“Até os pecadores *amam* aos que os *amam*” (Lc 6:32).

“Ai de vós, fariseus, que *amais* os primeiros assentos nas sinagogas, e as saudações nas praças” (Lc 11:43).

“Os homens *amaram* mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más” (Jo 3:19).

“*Amavam* mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (Jo 12:43).

“Demas me desamparou, *amando* o presente século” (2Tm 4:10).

“Deixando o caminho direito, erraram seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que *amou* o prêmio da injustiça” (2Pe 2:15).

“Não *ameis* o mundo, nem o que no mundo há” (1Jo 2:15).

Diante de tudo isso, o que dizer de nossos eruditos comentaristas?

Sim, se teólogos e comentaristas se mostram cegos com tanta frequência no que se refere à língua grega, são infinitamente mais no que diz respeito à história do Novo Testamento.

-20-
História forjada

Quando eu tinha trinta e poucos anos, praticamente as únicas obras cristãs que eu lia além das Escrituras eram comentários e livros de referência semelhantes. Acreditava em cada palavra que os comentaristas escreviam. Eles pareciam saber tanto sobre o que estava acontecendo “nos bastidores” da igreja do Novo Testamento! Parecia haver grande fartura de escritos judaicos e cristãos do primeiro século que esclareciam tremendamente a Bíblia.

Por fim, decidi que eu mesmo leria esses escritos, em vez de depender de outros para obter tais informações. Então comecei a pesquisar para ver onde poderia comprar alguns desses escritos do primeiro século que tanto revelavam acerca do que estava acontecendo nas igrejas do Novo Testamento. Foi então que descobri o Grande Segredo!

O Grande Segredo

O grande segredo é que simplesmente *não existem* escritos do primeiro século que revelem tanto sobre o judaísmo e o cristianismo do primeiro século! Fiquei completamente chocado quando descobri isso. Os comentaristas parecem saber tanto sobre o que acontecia nos bastidores da era apostólica! É claro que eles não inventavam tudo, certo? Errado, pois é justamente isso que eles fazem.

Permita-me dar alguns exemplos do que estou falando. João Calvino inventou essa abordagem dos “bastidores” daquilo que acontecia na igreja do primeiro século:

Existe a conjectura, com alguma aparência de probabilidade, que as mulheres com cabelo bonito tinham o hábito de tirar a cobertura da cabeça com o propósito de exibir sua beleza. Logo, não é sem

bom motivo que Paulo, como remédio para esse vício, apresentou-lhes a ideia oposta — que fossem consideradas notáveis pela discrição, não por algo que incentiva o desejo sensual.[52]

De acordo com Calvino, então, as irmãs coríntias descobriam a cabeça a fim de exibir os belos cabelos. Pelo menos ele admite se tratar de uma conjectura.

Mas William Burkitt, comentarista proeminente do início do século 18, apresenta uma "história confidencial" do que estava acontecendo em Corinto:

[Era] uma imitação espetacular das sacerdotisas e profetisas dos gentios quando serviam seus ídolos, sobretudo ao sacrificarem a Baco, as quais costumavam deixar o rosto descoberto, o cabelo desgrenhado, caído solto em volta das orelhas.

As mulheres coríntias, imitando essas pagãs (pois o sexo feminino é muito afeiçoado e excessivamente propenso a seguir a moda), tiravam o véu, descobriam o rosto e desonravam sua cabeça.[53]

Agora então somos informados que o problema em Corinto era que as mulheres cristãs queriam imitar as profetisas pagãs. Será que dessa vez temos a "história verdadeira"? Não de acordo com os famosos comentaristas Jamieson, Fausset e Brown. No comentário do trio, publicado em 1817, eles nos apresentam uma "história confidencial" diferente:

"As mulheres de Corinto, defendendo o fim da distinção entre os sexos em Cristo, reivindicavam igualdade com o sexo masculino e, ultrapassando os limites do decoro, iam à frente orar e profetizar sem a cobertura de cabeça que as mulheres costumavam usar".[54]

Agora nos dizem que o real problema em Corinto era que as mulheres reivindicavam igualdade social com os homens. Outros comentaristas logo adotaram esse ponto de vista. Por exemplo, a

obra de 1942 intitulada *Commentary on the Whole Bible* [Comentário sobre toda a Bíblia] repete a alegação:

O próprio São Paulo ensinou que “não há [...] homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3:28, NVI, escrito pouco antes ou depois de 1 Coríntios). Ao dizer isso, ele estava ensinando que a salvação é oferecida igualmente a todos e que todos são semelhantes em posição espiritual. Mas tais mulheres haviam tomado tal ensino para defender que havia acabado todo e qualquer tipo de subordinação social aos homens.[55]

Então, primeiro o problema era que as mulheres que Corinto queriam exibir os belos cabelos. Em seguida, era que as irmãs coríntias desejavam imitar as profetisas pagãs. Depois, que eram antigas feministas, reivindicando os mesmos direitos de autoridade dentro da congregação que os homens. De alguma forma, a “história real” não para de mudar.

Mas isso não surpreende. Conforme disse, minha experiência mostra que a “história dos bastidores” apresentada pelos comentaristas quase sempre é inventada. Afinal, como alguém que viveu quase dois mil anos depois em uma parte diferente do mundo teria condições de saber o que se passava dentro da igreja coríntia do primeiro século? O texto em 1 Coríntios 11 não nos revela nada sobre por que Paulo precisou lembrar os coríntios da prática de toda a igreja. Creio que é razoável inferir que ou os homens estavam orando com a cabeça coberta, ou as mulheres com a cabeça descoberta — ou ambos. Mas isso é o máximo que a passagem deixa transparecer.

Os comentaristas deixam a impressão de que têm acesso a algum escrito adicional dos tempos de Paulo que revelam o que estava acontecendo de verdade. Mas tais escritos não existem. Não há nada. *Nadinha!*

Os únicos escritos cristãos úteis que temos são os da igreja primitiva, concluídos após a morte dos apóstolos. Descobrimos, com base neles, que a ordem do Novo Testamento sobre cobrir a cabeça

era praticada no mundo cristão inteiro, em todos os países e todas as culturas.[56] Não era algo peculiar a Corinto. Em segundo lugar, ficamos sabendo que a cobertura era de *tecido* e o estilo variava entre as diversas culturas.[57] A cobertura não era o cabelo longo, como algumas pessoas tentam defender nos tempos modernos.

No entanto, os primeiros autores cristãos não pretendem saber os acontecimentos dos bastidores na igreja coríntia do primeiro século — mesmo tendo vivido apenas cerca de um século depois. Já nossos comentaristas modernos, nascidos por volta de dois mil anos depois, professam saber exatamente o que se passava ali dentro!

Escritos dos rabinos

Uma tendência nova dos tempos modernos é criar informações contextuais para o Novo Testamento referindo-se a coisas ditas na "literatura rabínica". Os comentaristas atuais passam a impressão de possuírem riqueza de conhecimento íntimo daquilo que os rabinos ensinavam nos tempos de Jesus e que tal conhecimento esclarece os ensinos e as ações de Cristo de maneira significativa.

Mas a verdade da questão é que não existe esse tipo de escrito do primeiro século. Temos sim uma ou outra obra judaica do primeiro século, mas não se tratam de escritos rabínicos — e elas esclarecem muito pouco os ensinos de Jesus. As três principais fontes judaicas que temos do primeiro século são Josefo, Filo e os escritos sectários dos essênios.

Josefo

Josefo foi um historiador judeu do primeiro século. Ele nos proporciona informações históricas valiosas sobre o cenário político judaico no primeiro século e nos que vieram logo antes dele. Conta sobre a guerra judaica contra Roma e a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Também apresenta uma breve descrição dos fariseus, saduceus e essênios. Por fim, relata o martírio de Tiago, irmão de Jesus.

Todas as informações são extremamente valiosas. Todavia, nada há em Josefo que revele qualquer coisa sobre a vida da igreja no primeiro século ou acerca dos ensinos dos rabinos. As informações judaicas “dos bastidores” nos comentários não provêm de Josefo.

Filo

Filo foi um judeu alexandrino que viveu na mesma época de Jesus, embora seus caminhos nunca tenham se cruzado. Filo era um homem culto, altamente respeitado pela comunidade judaica de Alexandria. Mas era também um judeu totalmente helenizado. Em seus escritos, interpreta boa parte do Antigo Testamento de maneira alegórica, a fim de encaixá-lo melhor no pensamento grego. Seus escritos quase não têm valor para esclarecer qualquer ponto do Novo Testamento.

A comunidade de Qumran

Os escritos sectários da comunidade de Qumran, os quais foram encontrados entre os manuscritos do mar Morto, ajudam ainda menos que os de Josefo e Filo. Isso acontece porque os sectários de Qumran — provavelmente essênios — haviam se separado da vida judaica normal e criado uma comunidade isolada na região do mar Morto. Seus escritos consistem primariamente de obras apocalípticas e regras especializadas para sua comunidade. Tanto quanto sabemos, nem Jesus, nem seus discípulos tiveram qualquer interação com essas pessoas.

Deve haver algum erro!

Não posso culpá-lo se você estiver pensando: “David, com certeza você está equivocado. Sem dúvida há muito mais escritos judaicos relevantes do primeiro século do que esse. Afinal, existem todos os escritos rabínicos aos quais os comentaristas fazem diversas referências.

Bem, você não precisa acreditar em minha palavra. Vá em frente e procure com diligência esses escritos desaparecidos. Veja por si

mesmo se consegue encontrar qualquer escrito judaico do primeiro século além dos que já mencionei.

Mas e os escritos rabínicos judaicos, dos quais tanto ouvimos falar? A verdade é que não temos nenhum escrito rabínico do primeiro século. Os primeiros escritos rabínicos que temos se encontram na Mishná. Mas esta não foi escrita no primeiro século. Em vez disso, data do início do terceiro século. A Mishná é um conjunto de diversas interpretações rabínicas de mandamentos específicos da lei, como o sábado. Inclui interpretações que supostamente foram transmitidas de maneira oral pelos escribas que viveram no primeiro século.

Os exemplos que usei no início deste livro sobre como os escribas interpretavam a lei vêm da Mishná. Não temos certeza se essas interpretações específicas eram ensinadas nos dias de Jesus, mas elas se encaixam na descrição que Cristo fez dos ensinos dos escribas, isto é, que coavam o mosquito, mas engoliam um camelo. A Mishná também revela que os rabinos tinham ensinos e interpretações conflitantes em quase todas as áreas da lei. No terceiro século d.C., foi compilado um suplemento à Mishná, conhecido como Toseftá. Sua forma é muito semelhante à da Mishná.

Embora a Mishná e a Toseftá estejam disponíveis na atualidade, as supostas “informações confidenciais” que encontramos nos comentários surpreendentemente quase nunca provêm dessas fontes.

O Talmude

A obra rabínica mais influente de todos os tempos é o Talmude.[I] No entanto, ela só foi escrita por volta de 500 d.C. O Talmude é formado pela Mishná acrescida dos comentários rabínicos sobre a Mishná feitos entre os anos 200 a 500 d.C. Logo, ele tem pouco valor em lançar luz sobre as crenças e práticas dos judeus do primeiro século. Trata-se apenas de um registro das discussões e

dos ensinos rabínicos lembrados quatrocentos anos após o fim do Novo Testamento.

Seria bem desonesto os comentaristas citarem o Talmude como se representasse as crenças e práticas judaicas do primeiro século. Pois reflete o pensamento rabínico de séculos após o Novo Testamento ter sido escrito. E, assim como a Mishná, o Talmude contém opiniões contraditórias de diversos rabinos.

Mais uma vez, porém, as supostas “informações judaicas confidenciais” dos comentaristas cristãos raramente se baseiam em algo do Talmude. Ou vem de alguma fonte rabínica medieval, como um livro de orações, ou — na maioria dos casos — é totalmente inventado. Os comentaristas fantasiam coisas não só sobre as crenças e práticas dos judeus, mas dos gregos e romanos também.

Reconheço que pode parecer difícil acreditar no que estou dizendo, por isso, permita-me dar alguns exemplos.

-21-
Quando a ficção é apresentada como fato

É possível que nenhuma outra passagem das Escrituras seja envolta por tanta história forjada quanto a que estamos debatendo em 1Coríntios 11 sobre a cobertura de cabeça. Conforme já abordamos, os comentaristas agem como se soubessem o que estava se passando nos bastidores da igreja de Corinto. Na realidade, ninguém sabe de nada.

Os teólogos também pretendem ter diversos *insights* sobre o mundo pagão no qual esses cristãos coríntios viviam. Por exemplo, Adam Clarke, comentarista do século 19, disse o seguinte acerca dessa passagem:

> A única diferença salientada pelo apóstolo era que os homens deveriam descobrir a cabeça, pois representavam a Cristo, ao passo que as mulheres deveriam cobrir a delas, pois foram colocadas, por ordem divina, em um estado de sujeição aos homens *e* porque era costume, tanto entre gregos quanto entre romanos, bem como uma lei expressa dos judeus, que nenhuma mulher deveria ser vista fora de casa sem véu. Este era e continua a ser um costume comum em todo o oriente. Somente as prostitutas andam seu véu (itálico acrescentado).[58]

Não é preciso ir além da Bíblia para conseguir identificar a primeira invenção de Clarke. Ele alega que o apóstolo orientou as mulheres a cobrirem a cabeça ao orar e profetizar porque “foram colocadas, por ordem divina, em um estado de sujeição aos homens e porque era costume, tanto entre gregos quanto entre romanos, bem como uma lei expressa dos judeus, que nenhuma mulher deveria ser vista fora de casa sem véu”.

Todavia, o que Paulo disse foi:

Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu. O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos (1Co 11:5–10).

Paulo apresenta dois motivos para sua instrução: (1) autoridade e (2) “por causa dos anjos”. Em nenhum lugar ele menciona qualquer coisa sobre os costumes romanos, gregos ou judaicos. Isso foi algo imaginado por Adam Clarke. Infelizmente, essa não foi a única de suas invenções. Vejamos algumas outras.

Costumes gregos e romanos

Clarke afirma que era costume grego e romano “que nenhuma mulher deveria ser vista fora de casa sem véu”. No entanto, como acontece com a maioria dos comentaristas, ele não oferece nenhuma prova para sua declaração. Certamente não sou autoridade nenhuma sobre a vida pública grega ou romana, mas já li muitos escritos antigos dessas duas civilizações. E nunca me deparei com nada que indicasse que as mulheres gregas e romanas só podiam aparecer em público com véu. Também já vi diversas esculturas e pinturas gregas e romanas da era do Novo Testamento. E elas em nada validam e afirmação de Clarke.

O que de fato aprendemos com base na literatura e arte grega e romana da era do Novo Testamento é que algumas mulheres desses dois povos usavam véus transparentes em diversas ocasiões. Ao que tudo indica, eles eram colocados mais como adorno do que qualquer outra coisa. Também sabemos que era típico das mulheres gregas e romanas usar um xale, conhecido

como *palla*, em volta dos ombros. Às vezes, elas o colocavam sobre a cabeça também. Contudo, não há nada na literatura grega e romana que conecte o uso da *palla* a qualquer ensino sobre autoridade.

As mulheres judias e o véu

Em seguida, Clarke proclama ousadamente que, entre os judeus, havia "uma lei expressa" segundo a qual "nenhuma mulher deveria ser vista fora de casa sem véu". Mas a única "lei expressa" que os judeus do primeiro século tinham era a mosaica. E qualquer cristão que ler a lei verá que não existe esse mandamento.

"Sim, mas talvez os rabinos tenham criado alguma lei adicional sobre o véu" — você pode responder. Conforme já mencionei, porém, não temos nenhum escrito rabínico do período do Novo Testamento. A coleção mais antiga de ensinos rabínicos que temos é a Mishná (c. 200 d.C.) e não há nada nela que exija o uso de véu para as mulheres judaicas que saíam em público.

Aliás, consegui encontrar apenas uma breve referência ao véu na Mishná. Encontra-se na seção que discute o que homens e mulheres podem usar em público no sábado. Diz o seguinte: "A mulher pode sair com laços no cabelo [...] e usando uma faixa, adornos costurados para a cabeça, rede para cabelo ou cabelos postiços... As mulheres árabes podem sair de véu. As mulheres da Média podem sair com capas enroladas sobre os ombros".[59]

Portanto, não havia nenhuma lei expressa na Mishná de que as mulheres *deveriam* usar véu. Na verdade, a Mishná proíbe as mulheres de usar véu no sábado, a menos que morassem na Arábia — onde se esperava que todas as mulheres usassem véu em público. Isso indica que o véu judaico era usado principalmente como adorno. É justamente isso que as Escrituras nos revelam. Isaías profetizou acerca das mulheres israelitas:

Diz ainda mais o Senhor: Visto que são altivas as filhas de Sião e andam de pescoço emproado, de olhares impudentes, andam a

passos curtos, fazendo tinir os ornamentos de seus pés, o Senhor fará tinhosa a cabeça das filhas de Sião, o Senhor porá a descoberto as suas vergonhas. Naquele dia, tirará o Senhor o enfeite dos anéis dos tornozelos, e as toucas, e os ornamentos em forma de meia-lua; os pendentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os sinetes e as joias pendentes do nariz (Is 3:16–21).

Logo, fica evidente que as mulheres judias tinham o costume de usar véu. Mas era um ornamento, não um símbolo de autoridade.

Aliás, uma das fontes mais reveladas de evidências sobre as mulheres judias e o véu se encontra na obra de um dos primeiros escritores cristãos, Tertuliano. Ele disse: “Entre os judeus, é tão comum suas mulheres andarem com véu na cabeça que podem ser reconhecidas por ele”.[60] Trata-se de uma evidência histórica significativa. Não só confirma que as mulheres judias tinham o costume de usar véus (como indicam as Escrituras), mas também revela que a maioria das mulheres gentias da época da Tertuliano *não tinha esse hábito.* Se uma mulher judia podia ser reconhecida por usar véu, então é óbvio que as mulheres romanas não usavam a peça normalmente. E os cristãos para quem Paulo escreveu em Corinto eram principalmente gregos e romanos — não judeus.

Um costume oriental?

Em seguida, Clarke alega que usar véu “era e continua a ser um costume comum em todo o oriente”. Clarke afirmou algo semelhante à declaração de Matthew Henry sobre essa passagem: “A fim de compreendê-la, é preciso observar que era símbolo de vergonha ou sujeição as pessoas usarem véu ou se cobrirem nos países orientais”.[61] A maioria dos comentários atuais diz coisas semelhantes.

Mais tais alegações são verdadeiras? Para começar, não é verdade que o véu fosse símbolo de “vergonha ou sujeição”, conforme afirma Matthew Henry. É justamente o contrário. Conforme

vimos, Isaías mostra que o véu era sinal de orgulho e ornamento para as mulheres judias. É por isso que a Mishná proíbe as mulheres de usar véu no sábado.

É claro que a maioria das pessoas de hoje sabe que é um costume atual no Oriente Médio as mulheres usarem véu ou lenço. Por isso, quase todos os cristãos aceitam sem questionar que as mulheres orientais usavam véu nos dias de Paulo. Mas será que isso é verdade? Veja bem, as mulheres usam véu na maioria dos países do Oriente Médio hoje porque são países muçulmanos. Mas o Islã só surgiu no sétimo século d.C., centenas de anos depois que o Novo Testamento foi escrito. O Islã exportou a cultura árabe para os países que conquistou. Conforme já mencionei, as mulheres árabes tinham o hábito de usar véus nos tempos antigos.[62]

A pergunta não é “O que as mulheres do Oriente Médio vestem *hoje*?”, mas, sim, “Quais eram os hábitos de vestuário no Oriente Médio nos dias de *Paulo*, antes do Islã?”. Em outras palavras, como os egípcios, sírios, gálatas, persas, caldeus, elamitas e outros povos do Oriente Médio se vestiam no primeiro século? Não é fácil descobrir. Não existem enciclopédias, livros ilustrados, nem diários de viagens dessa época.

No entanto, temos pinturas, estátuas e artefatos do antigo Egito, Síria, Pérsia, Assíria e Babilônia. Sem dúvida, você já viu figuras de mulheres egípcias antigas encontradas em túmulos e outros lugares. Normalmente, as mulheres egípcias das pinturas não estão de cabeça coberta, não é mesmo? Em alguns países do Oriente Médio, como a Síria, as estátuas e pinturas indicam que era mais comum as mulheres usarem xales que poderiam colocar sobre a cabeça. Contudo, em outros lugares, as pinturas e esculturas revelam que as mulheres não usavam nenhum tipo de cobertura para a cabeça, da mesma forma que no antigo Egito.[63]

Identificar os costumes atuais dos países do Oriente Médio lá nos dias de Paulo é sinal de um guia cego. Mas a cegueira dos teólogos e comentaristas vai ainda mais longe nesse sentido. Até mesmo uma criança é capaz de olhar um atlas mundial e perceber

que Corinto não se situa no Oriente. A cidade se localizava na Grécia e esta é conhecida como o "berço da civilização *ocidental*". A antiga Corinto não era uma cidade oriental. Logo, no fim das contas, mesmo se todas as observações dos comentaristas sobre as civilizações orientais estivessem corretas, ainda assim seriam completamente irrelevantes.

Prostitutas e Corinto

A afirmação final de Clarke — repetida com frequência na atualidade — é que somente prostitutas andavam em público sem véu. A maioria dos comentaristas modernos, como William Barclay, alega que Corinto era uma cidade vulgar cheia de prostitutas. Dizem que era importante as mulheres cristãs usarem véus para que não fossem confundidas com prostitutas.

Para começar, Paulo não menciona nada do tipo como motivo para cobrir a cabeça. As únicas razões que ele apresenta são autoridade e "por causa dos anjos". Ademais, os comentaristas parecem esquecer que a cobertura da cabeça é uma ordem com duas partes: uma para os homens e outra para as mulheres. Se o problema fossem prostitutas, por que Paulo diria aos *homens* para descobrir a cabeça ao orar ou profetizar? O que os comentaristas nos dirão a seguir — que os únicos homens em Corinto que cobriam a cabeça eram prostitutos?

E mais do que isso, tais comentaristas estão interpretando 1Coríntios 11 erroneamente, como se fosse um mandamento especial dado somente aos cristãos de Corinto. No entanto, a força do argumento de Paulo é que, aparentemente, alguns dos coríntios não estavam seguindo a prática já em andamento no *restante* da igreja. A ordem não tem nada que vem com Corinto. O único motivo para ela ser encontrada na carta de Paulo aos coríntios é o fato de alguns daquela igreja aparentarem estar se rebelando contra ela.

Além disso, onde se encontra a evidência de que somente as prostitutas saíam em público sem véu?[l] Conforme já vimos, com

base na citação anterior de Tertuliano, as mulheres judias eram reconhecidas por usarem véu. Logo, fica evidente que a maioria das mulheres gregas e romanas em sua época não usava véu. Portanto, é falso afirmar que somente as prostitutas não usavam véu. Esse apenas mais um fato de pseudo-história fabricado pelos comentaristas. Há um motivo para nenhum deles prover qualquer evidência histórica para comprovar seus argumentos: é que esse tipo de evidência não existe.

Por fim, e a questão de Corinto ser uma cidade especialmente promíscua, cheia de prostitutas? Em seu comentário, Barclay a chama de “a cidade provavelmente mais licenciosa no mundo”.[64] O rumor de que Corinto era uma cidade excepcionalmente devassa talvez tenha começado por um trecho, encontrado na obra antiga *Geografia*, escrita pelo geógrafo romano Estrabão. Em seu livro, Estrabão diz o seguinte acerca de Corinto:

O templo de Afrodite era tão rico que contava com mais de mil escravos do templo, prostitutas, a quem tanto homens quanto mulheres haviam dedicado à deusa. Logo, é por causa dessas mulheres que a cidade vivia repleta de gente e enriqueceu. Por exemplo, ali o capitão de navios gastava livremente seu dinheiro. Daí vem o ditado: “Não é para todos a viagem para Corinto”.[65]

Bem, à primeira vista, o geógrafo romano Estrabão parece confirmar que pelo menos os comentaristas estão corretos ao dizer que Corinto era uma cidade licenciosa. Talvez finalmente tenham acertado um pouco da história! Mas será? Continuemos lendo para ver o que Estrabão tem a dizer:

Os coríntios, quando súditos de Filipe, não só se aliaram a ele em sua contenda contra os romanos, como também tinham um comportamento individual tão cheio de desprezo em relação aos conquistadores que algumas pessoas se arriscavam a derramar sujeira sobre os embaixadores romanos, quando este passavam por sua casa. No entanto, logo pagaram o preço por essas e outras ofensas. Pois um exército de tamanho considerável foi enviado para lá e a cidade foi arrasada.

Depois que Corinto permaneceu deserta por um bom tempo, foi reconstruída por César por causa de sua localização favorável. Ele a colonizou com pessoas que faziam parte, em sua maioria, da classe dos libertos.[66]

Logo, a verdade é que a cidade grega de Corinto e o templo a Afrodite, bem como seus mil prostitutos e prostitutas, foram completamente destruídos e o local continuou desolado por muito tempo. Em 44 a.C., Júlio César edificou uma nova Corinto. Esta não tinha templo em honra a Afrodite e era uma colônia romana, significando que cidadãos romanos (neste caso, libertos) se estabeleceram ali. Logo, a Corinto que existia nos dias de Paulo era a Corinto romana, sem nenhuma reputação de muitas prostitutas ou imoralidade. Aliás, Estrabão conclui sua discussão sobre a Corinto romana dizendo:

A cidade de Corinto, então, sempre foi grande e rica, bem equipada com homens capacitados tanto nas questões políticas quanto nas artes manuais. Pois tanto ali quanto em Sicião, floresciam sobremaneira a pintura, a escultura e todas as artes a elas relacionadas. No entanto, a terra da cidade não era muito fértil, mas, sim, acidentada e dura. Por causa disso, todos dizem que Corinto foi projetada para fora, usando o provérbio: “Corinto tanto se projeta para fora quanto está cheia de buracos”.[67]

Logo, nos dias de Paulo, Corinto não era mais conhecida pelas prostitutas, mas, sim, pelos artesãos habilitados e pela terra estéril.

Acabei de dar apenas um exemplo da história forjada que os teólogos usam para distorcer aquilo que as Escrituras realmente ensinam. Eu poderia preencher volumes com exemplos da história forjada encontrada em comentários, Bíblias de estudo e outras obras teológicas. Deixe-me dar mais alguns exemplos.

-22-

Homens não falavam com mulheres — e outras mentiras

Infelizmente, em vez de diminuir, a pseudo-história dos teólogos só proliferou nas últimas décadas. Entretanto, muitas vezes os cristãos não precisam ir além da própria Bíblia a fim de desmascarar esses mitos históricos. Permita-me compartilhar três exemplos desse tipo com você.

Homens não falavam com mulheres?

Uma das afirmações mais absurdas que se faz hoje é que os homens judeus desdenhavam as mulheres e, por isso, se recusavam a conversar com elas. Em geral, tal alegação é feita quando os comentaristas abordam o encontro de Jesus com a mulher samaritana, narrado no quarto capítulo de João. Enquanto seus discípulos compravam comida em uma cidade próxima, Cristo conversou com uma mulher junto a um poço. Quando retornaram, as Escrituras contam: “Maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher” (Jo 4:27).

“Aha!” — dizem nossos teólogos. — “Vejam só! Os homens nos dias de Jesus menosprezavam as mulheres e se recusavam a falar com elas em público”. Logo, de acordo com os comentaristas modernos, Jesus estava fazendo algo revolucionário meramente por conversar com uma mulher. Então argumentam que foi Cristo quem iniciou o movimento feminista.

Mas o que os fatos revelam? Fora do contexto, essa frase — “Maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher” — deixa transparecer que os homens não conversavam com as mulheres nos dias de Jesus. No entanto, quando lemos a passagem inteira, percebemos imediatamente que esse não era, de modo nenhum, o problema.

O contexto é que Jesus e seus discípulos estavam passando por Samaria. Enquanto estes foram comprar alimentos na cidade próxima de Sicar, Jesus esperou do lado de fora, perto de um poço. Quando uma mulher samaritana se aproximou para pegar água, Jesus lhe pediu um pouco para beber. A samaritana ficou surpresa por Cristo lhe dirigir a palavra.

Mas por que ela se surpreendeu? Por que os homens judeus não falavam com mulheres? Nada disso! As Escrituras nos contam exatamente por que: “Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)” (Jo 4:9). Agora sim, temos a resposta! Ela não disse: “Porque os homens não se comunicam com as mulheres”, mas, sim, “os judeus não se comunicam com os samaritanos”. O incomum não era um homem estar falando com uma mulher, mas, sim, um judeu dirigir a palavra a uma samaritana.

Quando os discípulos voltaram da cidade, também ficaram surpresos ao ver Jesus conversando com uma mulher samaritana. Mas o espanto nada tinha que ver com o sexo. A questão era sua nacionalidade. Isso fica evidente com base no que acontece em seguida. Quando a mulher deixou Jesus, “foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo?” (Jo 4:28–29). Fica claro que a mulher samaritana se sentia livre para conversar com os homens da cidade. Não havia barreira de gênero para esse diálogo. Os homens desconsideraram a mulher em atitude de escárnio quando ela falou com eles? Nem um pouco. Foram e fizeram exatamente aquilo que ela havia pedido.

Qualquer um que já leu a Bíblia sabe que homens conversaram com mulheres ao longo de todo o Antigo e Novo Testamento. Cristo não fez nada incomum. Em Gênesis, encontramos uma situação muito semelhante à da samaritana junto ao poço. O servo de Abraão estava descansando em um poço fora da cidade de Naor. Quando uma jovem chegou para tirar água, ele disse essencialmente a mesma coisa que Jesus dissera à mulher

samaritana: “Então o servo correu-lhe ao encontro, e disse: Peço-te, deixa-me beber um pouco de água do teu cântaro” (Gn 24:17). Essa mulher por acaso se retraiu e disse: “Como você, um homem, me dirige a palavra, sendo eu mulher?”. É claro que não. Sua resposta foi: “Bebe, meu senhor” e deu de beber ao homem (Gn 24:18).

Não, nada havia de incomum em homens falarem com mulheres. Jacó conversou com Raquel antes que eles se casassem, os homens de Israel iam até a profetisa Débora para ouvir seus juízos, Boaz falou com Rute e Eli com Ana (Gn 29:11–12; Jz 4:3–5; Rt 2:5–11; 1Sm 1:13–17). Um episódio notável da época de Davi mostra que os homens judeus olhavam para as mulheres com estima, não desdém. O general de Davi, Joabe, estava perseguindo um rebelde chamado Seba, o qual havia fugido para a cidade de Abel. Então Joabe cercou a cidade. As Escrituras nos contam o que aconteceu em seguida: “Então uma mulher sábia gritou de dentro da cidade: Ouvi, ouvi, peço-vos que digais a Joabe: Chega-te aqui, para que eu te fale. Chegando-se a ela, a mulher lhe disse: Tu és Joabe? E disse ele: Eu sou. E ela lhe disse: Ouve as palavras da tua serva. E disse ele: Ouço” (2Sm 20:16–22).

O relato continua contando que Joabe explicou a quem estava procurando e a mulher lhe disse que a cidade entregaria para o general a cabeça do culpado. Depois que fizeram isso, Joabe se retirou. Então os homens não só falavam com as mulheres, como também ouviam seus conselhos, quando estes se mostravam cheios de sabedoria.

Elias conversou com a viúva de Sarepta e até se hospedou em sua casa.[68] De maneira semelhante, Eliseu falou com a viúva de um dos filhos dos profetas e realizou um milagre para ajudá-la. Fica evidente que Jesus não fez nada de revolucionário ao conversar com uma mulher.

“Mas” — você pode dizer — “já ouvi falar que os rabinos ensinavam que um homem não deveria falar nem com a própria esposa caso a encontrasse em público”. Sim, já ouvi esse tipo de afirmação também. Mas você viu alguém mostrar uma citação que

comprove essa hipótese? Eu nunca. Já examinei a Mishná e ela não dá esse tipo de instrução. Conferi até mesmo o Talmude, muito embora só tenha sido compilado quinhentos anos depois de Cristo. E ele não contém nenhuma declaração dessa natureza. Há instruções e restrições no Talmude acerca da mistura entre os sexos. Mas isso tem que ver com o comportamento adequado para ambos, não com desdém em relação às mulheres.

Será possível que algum rabino da idade média ou de alguma época posterior tenha dito algo relacionado a homens não deverem conversar com as mulheres? Claro que sim. Mas qual é a relação disso com a questão? Posso conseguir citações de bispos cristãos da idade média sobre toda espécie de assunto. Mas isso quer dizer que os cristãos do primeiro século defendiam os mesmos pontos de vista? Dificilmente.

Medo de dizer “Deus”

Como você já deve ter adivinhado, parei de consultar comentários e Bíblias de estudo há muitos anos, quando descobri que eles contêm tantas informações equivocadas. No entanto, durante a pesquisa para este livro, comprei ou peguei emprestados diversos comentários e várias Bíblias de estudo para ver o que andam dizendo atualmente. Em geral, só preciso ler algumas páginas dessas obras para me deparar com histórias forjadas ou com algum outro erro óbvio.

Por exemplo, nas primeiras páginas do *New International Bible Commentary on Matthew* [Comentário sobre Mateus da nova Bíblia internacional], encontrei esta afirmação: “Mateus usa o termo ‘reino dos céus’ (em lugar de reino de Deus) por causa da relutância semita em pronunciar o nome divino”.[69] Ao falar sobre a relutância semita, presumo que o comentarista se refere ao fato de que Mateus escreveu seu evangelho com leitores judeus em mente.[70]

É verdade que *hoje* os judeus ortodoxos nunca pronunciam o nome divino YHWH e, com frequência, evitam até mesmo falar Deus.[71] Mas o comentarista cometeu o mesmo erro que os vários

analistas de 1Coríntios 11. Isto é, presume que podemos enxergar uma prática moderna ou medieval lá nos tempos do Novo Testamento.

Devo dizer que seria irônico Mateus usar a expressão “reino dos céus” para evitar falar Deus, uma vez que ele usa a palavra “Deus” 53 vezes ao longo do evangelho. Marcos, por sua vez, usa o termo “Deus” apenas 50 vezes, enquanto escrevia de maneira especial para os romanos.

Além disso, a leitura do Novo Testamento deixa claro que os judeus da época de Jesus não hesitavam em usar a palavra Deus. Por exemplo, os judeus descrentes disseram a Cristo: “Nós não somos nascidos de prostituição; temos um Pai, que é Deus”. De igual modo, quando Jesus curou um cego no sábado, os fariseus falaram: “Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado”. Novamente, os judeus disseram a Pilatos: “Nós temos uma lei e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus” (Jo 8:41; 9:16; 19:7).

A verdade é que a Mishná não proíbe os judeus de pronunciar o nome divino YHWH, muito menos de dizer a palavra Deus. Pelo contrário, até incentiva os judeus a “saudarem seus conhecidos com o nome de Deus”.[72] Logo, fica claro que Mateus não usou a expressão “reino dos céus” para evitar ofender os judeus.

Mais histórias forjadas

Boa parte da pseudo-história escrita pelos teólogos atuais consiste em um esforço para promover o feminismo. O problema é que Jesus nunca ensinou diretamente nada que apoie seus planos. Por isso, feministas e seus aliados teólogos pegam cada situação da vida de Jesus envolvendo as mulheres e tentam transformá-la em algum tipo de acontecimento revolucionário. Vimos um exemplo disso com o caso da mulher samaritana já mencionado.

Em outro exemplo, os feministas conseguem encontrar algo extraordinário na genealogia de Jesus mencionada em Mateus. O

New International Bible Commentary diz o seguinte acerca da genealogia de Jesus: “[Outra] irregularidade diferencia este registro familiar de todos os outros: ele faz referência a cinco mulheres... Isso é de fato admirável”.[73]

A mesma afirmação é encontrada em diversos comentários e em várias Bíblias de estudo. Entretanto, não há nada de realmente extraordinário no fato de a genealogia de Jesus incluir o nome de várias mulheres. Embora seja fato que as genealogias de Números citam apenas o nome dos cabeças das casas, não é esse o caso em todas as genealogias do Antigo Testamento. Por exemplo, as genealogias de Abraão, Isaque, Jacó e Esaú incluem o nome de várias mulheres. Além disso, são citadas mais mulheres na genealogia de Esaú (Gn 36) do que na de Jesus.

Na verdade, o livro do Antigo Testamento com o maior número de genealogias não é Números, nem Gênesis, mas, sim, 1Crônicas. E ele inclui o nome de mais de cinquenta mulheres em suas genealogias. Veja alguns exemplos:

“O nome de sua mulher era Meetabel, filha de Matrede, filha de Me-Zaabe” (1:50).

“E Jessé gerou a Eliabe, seu primogênito, e [...] Davi, o sétimo. E foram suas irmãs Zeruia e Abigail... E Abigail deu à luz a Amasa” (2:13–17).

“E Calebe, filho de Hezrom, gerou filhos de Azuba, sua mulher, e de Jeriote... E morreu Azuba; e Calebe tomou para si a Efrate, da qual lhe nasceu Hur” (2:18–19).

“E estes foram os filhos de Davi, que lhe nasceram em Hebrom: o primogênito, Amnom, de Ainoã, a jizreelita; o segundo Daniel, de Abigail, a carmelita; o terceiro, Absalão, filho de Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur; o quarto, Adonias, filho de Hagite; o quinto, Sefatias, de Abital; o sexto, Itreão, de Eglá, sua mulher” (3:1–3).

“E Héber gerou a Jaflete, e a Somer, e a Hotão, e a Suá, irmã deles” (7:32).

Em suma, não havia nada de incomum ou sem precedentes no fato de a genealogia de Jesus conter o nome de cinco mulheres.

Afastamento do cristianismo histórico

Dei alguns exemplos específicos de mitos históricos que os teólogos criaram. Mas a história falsa é apenas sintomática de um problema muito mais grave: seu total afastamento do cristianismo histórico.

-23-
Desconhecimento total do cristianismo histórico

Quando digo que a maioria dos teólogos desconhece totalmente o cristianismo histórico, estou querendo falar que se encontram completamente desconectados daquilo que o cristianismo representava nos primórdios. Não pensam nem remotamente parecido com os cristãos do mundo mediterrâneo antigo.

A justificativa que tenho para fazer essa acusação é que ainda temos acesso aos escritos dos primeiros cristãos. Refiro-me àqueles cristãos que viveram pouco tempo depois dos apóstolos, imersos na mesma cultura de Paulo e dos outros apóstolos, falando a mesma língua. Em outras palavras, não precisamos adivinhar como os cristãos primitivos pensavam — podemos saber, lendo seus escritos. Não temos que imaginar como eles interpretavam o Novo Testamento. Podemos ler em primeira mão o que escreveram.

O cristianismo inicial tem sido meu campo de estudo especial durante a maior parte de minha vida adulta. E posso dizer sem hesitar que ninguém conseguiria ler algo escrito pelos teólogos de hoje ou por qualquer teólogo proeminente da história e confundir com algo escrito pelos cristãos que viveram uma ou duas gerações depois dos apóstolos.

Uma das maiores evidências disso é que muitos cristãos modernos — que cresceram instruídos pelos ensinos dos teólogos — acham os escritos dos cristãos primitivos inesperadamente estranhos e desconcertantes quando entram em contato com eles pela primeira vez. Ficam chocados ao descobrir como os primeiros cristãos sabiam tão pouco sobre as estimadas doutrinas do

cristianismo atual. Ouço com frequência: “Os cristãos primitivos misturavam as coisas”. No entanto, nunca vem à mente da maioria dos cristãos modernos que a igreja primitiva acharia o cristianismo atual igualmente desconcertante e estranho. Permita-me sugerir que não foram os cristãos comuns e iletrados que viveram em uma época tão próxima aos apóstolos que confundiram as coisas. Em vez disso, é a igreja de hoje e seus teólogos que fazem isso.

Os cristãos atuais imaginam em vão que, se o apóstolo João entrasse em uma das igrejas do segundo século pastoreadas por Inácio ou Policarpo (homens a quem discipulara pessoalmente), ele se sentiria totalmente deslocado. Acham que João descobriria que aqueles cristãos defendiam uma teologia diferente, tinham práticas de culto distintas, raciocinavam de maneira estranha e até mesmo compreendiam o grego de forma diferente.

Em contrapartida, os cristãos modernos pensam que, se João entrasse em qualquer igreja conservadora hoje, ele se sentiria muito à vontade. Descobriria que os cristãos ocidentais do século 21 pensam e raciocinam da mesma forma que os cristãos do primeiro século que viviam no mundo mediterrâneo. Perceberia que os cristãos ocidentais da atualidade adoram da mesma maneira que ele o fazia e defendem todas as mesmas crenças teológicas. Reconheceria que os teólogos modernos até compreendem o grego *koiné* exatamente da mesma forma que ele.

Se você acha que essa é a realidade, a única coisa que posso dizer é: continue sonhando!

Retendo firme a fiel Palavra

As qualificações para um supervisor ou bispo na época de Paulo exigiam um homem não só “moderado, justo, santo”, mas que também retivesse “firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina” (Tt 1:8–9). Em outras palavras, na igreja do primeiro século, não havia espaço para brilhantes teólogos inovadores. A fé cristã já era

completa nos dias de Paulo. A única coisa necessária era que os cristãos retivessem aquilo que lhes fora ensinado.

E era apenas isso que os cristãos do segundo século afirmavam fazer: reter firme aquilo que os apóstolos lhes haviam ensinado. Os únicos pais da igreja que conheciam eram Jesus e seus apóstolos. Para eles, inovação teológica correspondia a erro.

Mas as coisas não são mais assim hoje. Os indivíduos que recebem a mais elevada estima da igreja atual são os teólogos inovadores. Phillip Schaff, o célebre historiador da igreja, fez a seguinte observação: “Os homens que, ao lado dos apóstolos, exerceram e continuam a exercer a maior influência teológica sobre a igreja cristã, como líderes do pensamento teológico, são Agostinho, Martinho Lutero e João Calvino, todos eles pupilos de Paulo”.[74] A intenção de Schaff era que suas palavras fossem um elogio; na verdade, porém, consistem em uma acusação, tanto desses teólogos quanto da igreja institucionalizada que os seguiu.

É interessante que, nem mesmo em sua grande admiração por esses homens, Schaff conseguiu dizer que eles foram pupilos de Jesus. Porque a verdade crua é que não foram. Aliás, não foram nem sequer pupilos de Paulo, uma vez que, na verdade, reinterpretaram seus escritos. Tiraram Paulo do contexto e fizeram dele um professor acima de seu próprio Mestre.

Mas preciso perguntar: se esses três homens meramente ensinaram a fé histórica, por que são tão proeminentes? Por que exerceram tamanha influência? Por que seus escritos se revestem de tamanha autoridade se apenas transmitiram aquilo que lhes foi ensinado desde o princípio? Veja bem, o único motivo para teólogos como Agostinho serem famosos é o fato de terem ensinado coisas que ninguém antes deles havia feito. Caso ensinassem somente a fé histórica na qual os cristãos sempre creram, então por que ninguém consegue citar os escritos de qualquer cristão que tenha ensinado as mesmas coisas antes desses teólogos?

Quando os oponentes de Lutero o acusaram de criar um novo evangelho, este tentou se defender dizendo: “Houve Ambrósio,

Agostinho e muitos outros que o disseram antes de mim".[75] Lutero estava correto ao dizer que Agostinho havia pregado um evangelho semelhante da crença fácil. Todavia, foi um ensino novo na época de Agostinho e poucos cristãos o aceitaram. Na verdade, isso mostra a fragilidade da situação de Lutero ao precisar depender dos ensinos de Agostinho como precedente. Agostinho viveu quase quatrocentos anos depois de Cristo. Conforme vimos, ele foi o exemplo típico de teólogo inovador — alguém que pensava saber mais do que todos que o antecederam. E Lutero se posicionou corretamente na mesma classe de Agostinho.

No entanto, Lutero não foi verdadeiro ao afirmar que Ambrósio (bispo do quarto século) havia ensinado o mesmo que ele. Suponho ser possível extrair declarações aqui e ali dos escritos de Ambrósio para fazer parecer que ele concordava com Lutero. No entanto, quando se lê tudo que Ambrósio diz sobre a salvação, fica bem claro que ele não chegava nem perto de ensinar o evangelho de Lutero. Por exemplo, Ambrósio escreveu:

Jesus diz: "Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue". Isso lhe parece uma pessoa que aceitou as palavras de Cristo e não mudou de vida? Sem dúvida, não. Em vez disso, aquele que endireita seus caminhos aceita a palavra de Cristo. Pois esta é sua palavra: que todos devem dar as costas ao pecado. Logo, é necessário ou rejeitar isso que ele disse, ou, caso não possa negar, é preciso aceitar. Também é necessário que quem deixa o pecado guarde os mandamentos de Deus e renuncie a seus pecados.[76]

Quem mais Lutero poderia citar como defensor de seu evangelho? A verdade é que não podia nomear ninguém. Em vez disso, simplesmente fez a falsa alegação de haver "muitos outros" que ensinaram a mesma coisa. Se de fato houvesse "muitos outros", Lutero os teria mencionado pelo nome. Em contrapartida, quando alguém defende a fé histórica, não tem dificuldade nenhuma em citar vários cristãos fiéis que ensinaram a mesma coisa. E não

precisa apelar para alguém da classe dos teólogos. Pode citar cristãos que viveram antes de os teólogos cristãos surgirem.

Uma vez que a fé recebida dos apóstolos era muito simples, devemos questionar qualquer dogma novo que vá além dela. Caso não se consiga traçar de volta a continuidade de crença até o primeiro século, dificilmente podemos defender que se trata da fé histórica.

Restaurando a fé?

As pessoas que tentam defender teólogos como Lutero e Calvino logo descobrem que não conseguem remontar a doutrina desses homens aos apóstolos. Fica claro que eles não estavam defendendo a fé histórica que sempre fora ensinada. Por isso, seus adeptos são forçados a fazer a afirmação de que tais homens estavam "restaurando" a fé. Ou seja, seus defensores fazem a declaração absurda de que os homens a quem os apóstolos confiaram a liderança da igreja rapidamente perderam tudo de vista. Perderam as doutrinas teológicas cruciais da fé, perderam a essência do cristianismo e aparentemente perderam até mesmo seu conhecimento de grego.

É uma afirmação surpreendente. Em outras palavras, os homens que Jesus escolheu a dedo para fundar e espalhar sua igreja — e a quem as Escrituras chamam de "doze fundamentos" da igreja (Ap 21:14) — fizeram um trabalho tão ruim que o verdadeiro cristianismo não durou nem por uma geração após os apóstolos. Isso é particularmente notório à luz do fato de os evangelhos de Lutero e Calvino continuarem firmes e fortes quase quinhentos anos depois que eles o pregaram. Acreditaremos que meros homens foram capazes de realizar aquilo que os apóstolos inspirados não teriam conseguido?

Jesus prometeu a seus apóstolos: "Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28:20). Quando aceitamos o evangelho do reino pregado por Jesus, não precisamos

inventar cenários fictícios de uma igreja em desaparição. Os cristãos do reino existem desde os primórdios e ainda estão por aí. Eles não precisam criar cenários falsos, nem ser inovadores em sua teologia.

O evangelho do reino era o evangelho principal e predominante no segundo e terceiro séculos. Há muitas testemunhas desse fato. Embora os teólogos tenham afastado o evangelho do reino do cristianismo institucional no quarto século, ainda havia muitos cristãos do reino.[I] Os cristãos do reino têm sido perseguidos ou marginalizados desde o quarto século, mas nunca desapareceram. Não existem teólogos famosos ligados ao cristianismo do reino e nunca haverá. O evangelho do reino pode ser traçado de volta até os primeiros, pois corresponde verdadeiramente à fé histórica.

-24-
O fruto dos teólogos

Na parábola da videira, Jesus explicou como o cristianismo funciona: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto” (Jo 15:1–2).

Assim como os teólogos judeus imaginavam que podiam agradar a Deus sem produzir frutos espirituais, os teólogos cristãos criaram diversos sistemas que oferecem a vida eterna sem a necessidade de produzir frutos do reino.

Lutero achava que o principal problema da igreja católica era que os católicos tentavam se esforçar para ganhar o céu. Na verdade, o real problema da igreja católica da época de Lutero era que ela tentava oferecer o céu sem a necessidade de produzir os frutos de Cristo. Os católicos achavam que podiam, de alguma forma, ganhar a vida eterna fazendo peregrinações, contemplando relíquias, frequentando a missa e obtendo indulgências papais. Quer essas coisas sejam rotuladas de obra ou graça falsificada, uma coisa é certa: não são frutos do reino.

E o que Lutero ofereceu no lugar do sistema católico de entrar no céu sem dar frutos? Um sistema protestante de ganhar o céu sem produzir frutos. Em vez de peregrinações e indulgências, Lutero propôs doutrinas teológicas. É só concordar mentalmente com a doutrina da salvação somente pela fé que você estará salvo, sem a necessidade de frutos.

Frutos pecaminosos

Na verdade, Lutero achava que os frutos espirituais sucederiam automaticamente depois que a pessoa aceitasse seu evangelho. Por algum motivo, porém, esse fruto nunca veio. Até mesmo Schaff,

admirador fervoroso de Lutero e firme defensor da Reforma, foi forçado a admitir:

É fato inegável que a Reforma na Alemanha foi acompanhada e sucedida por tendências antinomianistas e pela degeneração da moral pública. Isso se baseia não só no testemunho hostil de romanistas e separatistas, mas os próprios Lutero e Melâncton reclamaram amargamente e com frequência em seus últimos anos de vida sobre o abuso da liberdade do evangelho e a triste condição da moral em Wittenberg e através de toda a Saxônia.[77]

O próprio Lutero escreveu: “Desde que nossas doutrinas começaram a ser pregadas, o mundo se tornou cada vez pior, afastado de Deus e vergonhoso, mais avaro e lascivo do que sob domínio do papado. Por toda parte, só se vê ganância, desejos imoderados, luxúria, desordem vergonhosa e paixões horrendas”.[78]

Em uma carta para a esposa no fim da vida, Lutero lamentou a moral degenerada de Wittenberg — a cidade onde ele viveu e onde a Reforma começou:

Do jeito que as coisas andam em Wittenberg, talvez as pessoas contrairão não só a dança de São Guido ou São João, mas a dança dos mendigos ou a de Belzebu, já que começaram a despir mulheres e donzelas tanto na frente quanto nas costas e não há ninguém para punir ou levantar qualquer objeção. Além disso, a Palavra de Deus é alvo de zombaria. Para longe de Sodoma! [...] Estou cansado dessa cidade e não desejo retornar.[79]

Filipe Melâncton, braço direito de Lutero e seu sucessor, confessou: “A moral do povo piorou. A luxúria, a licenciosidade e o atrevimento aumentam cada vez mais”.[80] A verdade é que a Alemanha luterana não produziu mais frutos do reino que a Alemanha católica. Na verdade, produziu ainda menos. A Alemanha católica deu ao mundo séculos de guerras. A Alemanha luterana fez o mesmo, culminando com a Segunda Guerra Mundial. Como Jesus disse, “não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons” (Mt 7:18). Tanto a Alemanha católica quanto a luterana

eram árvores apodrecidas. Talvez você esteja pensando: “Bem, talvez o problema seja que a maioria das pessoas na Alemanha luterana nunca tenha aderido à teologia da Reforma. Por que você não aponta para os frutos pessoais dos próprios reformadores?”. Na verdade, o povo da Alemanha luterana aceitou *sim* a teologia da Reforma. O problema é que nunca aceitaram a Cristo. Afinal, foi o próprio Lutero quem aconselhou Melâncton: “Peque com ousadia”.[81] Contudo, olhemos para os frutos pessoais dos reformadores.

O fruto pessoal dos reformadores

Certa vez, Lutero disse que não haveria heresia pior do que um cristão crer que é bom o suficiente para merecer a salvação. Para falar a verdade, esse é um grande erro teológico. No entanto, vêm à minha mente heresias muito, muito piores. Uma heresia bem pior é matar os outros em nome de Cristo, imaginando que Deus se agrada disso.

Com base na aprovação calorosa de Agostinho, a igreja católica vinha torturando e matando cristãos, judeus e muçulmanos em nome de Cristo havia séculos. Se há algo que poderíamos esperar de uma verdadeira reforma, seria o fim desse pecado monstruoso e dessa blasfêmia contra Cristo. Mas a Reforma não fez nada disso. Na verdade, todos os principais reformadores têm as mãos manchadas de sangue.

Zuínglio, o reformador suíço, ordenou pessoalmente a morte dos cristãos inocentes que pregavam e praticavam uma reforma mais radical do que a que ele queria seguir. Calvino ordenou pessoalmente a tortura e morte de muitos que se opuseram a sua reforma em Genebra. Ele mandou prender e matar Michael Servetus tão somente porque este defendia uma visão errônea da trindade. O braço direito de Calvino, William Farel, conduziu Servetus pessoalmente até a estaca onde foi queimado vivo e assistiu com satisfação enquanto este se contorcia de dor.

Filipe Melâncton, sucessor de Lutero na Alemanha, aprovou vigorosamente a morte de Servetus e até escreveu uma carta parabenizando Calvino. Nela, disse:

Reverendo senhor e meu mais caro irmão, li a obra na qual lucidamente refutou as terríveis blasfêmias de Servetus e agradeço ao Filho de Deus, que tem sido o árbitro dessa disputa. A igreja, tanto agora quanto em todas as gerações, tem uma dívida de gratidão com sua pessoa. Concordo plenamente com seu julgamento. E digo também que seus magistrados fizeram o correto ao condenar o blasfemador à morte, após julgamento solene.[82]

No capítulo anterior, citei Schaff, que se referiu a Lutero e Calvino como “pupilos de Paulo”. Só tenho a dizer que, se esses homens e seus associados foram pupilos de Paulo, só podem tê-lo sido do Paulo não convertido, que aprovou de coração o apedrejamento de Estêvão.

Os frutos pessoais de Lutero

Basta ler os escritos de Lutero para perceber que o espírito que impulsionava esse reformador era bem diferente do espírito de Cristo. Erasmo avaliou Lutero corretamente ao escrever:

A razão humana me ensina que um homem não pode avançar honestamente a causa de Deus causando tamanho tumulto no mundo e encontrando deleite no abuso e sarcasmo, sem nunca sentir que já teve o bastante de ambos. Tamanha arrogância, como nunca vimos, não pode vir desacompanhada de certo grau de loucura. E um indivíduo tão turbulento não se encontra, de modo algum, em harmonia com o espírito apostólico.[83]

No capítulo 15, vimos alguns exemplos do abuso, sarcasmo e arrogância que Erasmo mencionou. Vez após vez, Lutero fazia ataques verbais violentos a seus oponentes, lançando escárnio e zombaria sobre eles, assolando-os com as mais duras investidas. Ele chamou Erasmo de “inimigo da verdadeira religião”, “adversário claro de Cristo”, “miserável amaldiçoado” e “canalha mais vil que já trouxe desgraça à Terra”.[84] Certa vez, Lutero disse: “Sempre que

oro, lanço uma maldição sobre Erasmo".[85] Quando este morreu, Lutero orgulhosamente o declarou perdido por toda a eternidade.[86]

No entanto, não foi somente Erasmo, o papa e os anabatistas que Lutero criticou maldosamente. Chegou a atacar com selvageria muitos de seus companheiros reformadores, tais como Zuínglio. Ele o fez porque os outros consideravam que o pão e o vinho da comunhão eram símbolos, ao passo que Lutero cria que Cristo estava verdadeiramente presente de algum modo sobrenatural no pão e no vinho. Lutero chamou esses homens de blasfemadores, hipócritas, covardes, mentirosos, hereges, assassinos de almas e pecadores até a morte.[87] Ele se alegrou com a morte de Zuínglio, classificando-a como um ato de juízo da parte de Deus.[88] Declarou: "Eu gostaria muito mais de ser despedaçado e cem vezes queimado do que ter a mesma mente e vontade de Schwenkfeld [e] Zuínglio".[89]

No entanto, o veneno de Lutero não se limitava apenas a seus rivais teológicos. Quando os camponeses insurgiram contra o tratamento cruel e perverso que recebiam das mãos da nobreza luterana, Lutero incentivou os nobres a executarem os campesinos sem misericórdia. Eles não perderam tempo em seguir essa orientação e mataram até cem mil camponeses.[90] Anos depois, Lutero se vangloriou sem nenhuma vergonha: "Eu, Martinho Lutero, matei todos os camponeses rebeldes, pois disse que deveriam ser executados. Todo o sangue deles está sobre minha cabeça. Mas eu o atribuo ao Senhor Deus, o qual me ordenou falar dessa maneira!".[91]

No início da reforma, Lutero tinha tanta certeza de ter restaurado o cristianismo original que acreditava que os judeus finalmente aceitariam a Cristo. Quando sua imaginação não se tornou realidade, Lutero se voltou com fúria contra eles. Em 1543, escreveu uma obra chamada *The Jews and Their Lies* [Os judeus e suas mentiras]. Enviou o livro aos príncipes alemães, orientando-os a tomar medidas violentas contra os judeus. Escreveu:

O que nós, cristãos, devemos fazer com este povo rejeitado e condenado, os judeus? Não devemos tolerar sua conduta, agora que estamos cientes de suas mentiras e blasfêmias. Caso o façamos, nos tornaremos participantes de suas mentiras, maldições e blasfêmias. Deixo-lhes agora meu sincero conselho:

Em primeiro lugar, ateiem fogo a suas sinagogas ou escolas, enterrando e cobrindo com terra tudo que não queimar, para que ninguém mais veja uma só pedra ou cinza delas. Isso deve ser feito para a honra do nosso Senhor e do cristianismo, a fim de que Deus veja que somos cristãos.

Segundo, aconselho que suas casas sejam demolidas e destruídas. Isso os fará reconhecer o fato de que não são os senhores em nosso país, conforme se vangloriam de ser. Terceiro, aconselho que todos os livros de oração e escritos do Talmude sejam tirados de suas mãos. Quarto, aconselho que seus rabinos sejam proibidos de ensinar, sob pena de perder a vida e os membros do corpo.

Em quinto lugar, aconselho que os judeus não tenham mais direito algum a salvo-condutos nas estradas. Pois eles não têm negócios no campo, não são *lords*, oficiais, comerciais, nem nada parecido. Que permaneçam em casa. Pois vocês não podem e não devem protegê-lo, a menos que desejem se tornar participantes de suas abominações aos olhos de Deus.

Sexto, eu aconselho que eles sejam proibidos de cobrar juros. Todo dinheiro e tesouro de prata e ouro devem ser tirados deles e guardados por segurança. Por meio da usura, furtaram e roubaram de *nós* tudo aquilo que possuem.

Sétimo, recomendo colocar um mangual, um machado, uma enxada, uma pá, um fuso ou uma roca nas mãos de judeus e judias fortes e jovens, para que ganhem o próprio pão com o suor do rosto. Pois não é adequado que eles deixem que nós, gentios amaldiçoados, labutemos com o suor do rosto enquanto eles, o povo santo, permanecem no ócio gastando o tempo no fogão, festejando e expelindo gases,[l] e, acima de tudo, se vangloriando

com blasfêmia de sua superioridade sobre os cristãos por causa do nosso suor. Não, devemos mandar para fora esses tratantes preguiçosos pela parte de trás da calça.

Por fim, imitemos o bom senso de outras nações como França, Espanha e Boêmia e os expulsemos para sempre do país.[92]

Entendi. Então nossa conduta como cristãos deve ser queimar todas as sinagogas e perseguir os judeus. Tudo isso "para que Deus veja que somos cristãos". E Lutero se denominava um *mestre* cristão? Como, se ele não compreendia nem as coisas mais básicas sobre o reino de Deus?

O espírito assassino e cheio de ódio de Lutero era fruto do próprio ensino. Ele imaginava em vão: "Nenhum pecado pode nos separar dele, mesmo que matemos ou cometamos adultério milhares de vezes por dia. Vocês acham que um Cordeiro tão exaltado pagou apenas um pequeno preço com um sacrifício insuficiente por nossos pecados?".[93] Na cabeça de Lutero, a única coisa que pode nos separar de Deus é defender uma teologia errada. O Senhor estaria mais interessado em nossa teologia do que em nossos frutos.

Esse não é o pensamento de Jesus, mas, sim, de um homem totalmente alheio ao reino de Deus. Trata-se do modo de pensar do "doutrinianismo", não do cristianismo.

Enquanto escrevo este capítulo, uma tragédia acaba de ser divulgada nos noticiários acerca de um homem chamado George Sodini, de 48 anos de idade. Ele entrou calmamente em uma academia de Pittsburg e começou a atirar ao acaso em mulheres que faziam uma aula de aeróbica. Matou três delas e feriu gravemente outras nove antes de tirar a própria vida.

Mas George Sodini não foi um assassino em série comum. Era produto da crença fácil de Lutero, a síntese de alguém que levou a sério o conselho de Lutero de "pecar com ousadia". Antes de cometer esse abominável crime, Sodini escreveu uma explicação

para o que estava prestes a fazer — um memorando que deveria ser lido após sua morte. Nele, disse o seguinte:

Logo eu verei a Deus e a Jesus. Pelo menos foi isso que me ensinaram. A vida eterna NÃO depende das obras. Caso dependesse, todos nós acabaríamos no inferno. Cristo pagou por TODOS os pecados, então como você ou eu seremos julgados POR DEUS por um pecado cuja pena JÁ foi paga? As pessoas julgam, mas isso não interessa. Eu estava lendo a Bíblia e *The Integrity of God* [A integridade de Deus] desde ontem, porque logo eu os verei.[94]

Assim como muitos outros, George Sodini tinha uma religião, mas esta não era o cristianismo. Era o “doutrinianismo”. Ele “sabia” que iria direto para o céu depois de cometer esse crime terrível, pois cria na doutrina “certa”.

-25-
A qual religião *você* pertence?

Agora permita-me fazer uma pergunta para *você.* A qual religião você pertence: ao cristianismo ou ao “doutrinianismo”? A menos que você seja uma pessoa incomum, tenho certeza de que responderá cristianismo. Nunca conheci alguém pronto para admitir que sua religião é, na verdade, o “doutrinianismo”.

Então deixe-me fazer uma pergunta diferente: suponha que você esteja nas portas do céu e Jesus lhe questione “Por que devo deixá-lo entrar?”. Qual seria sua resposta?

Talvez você reconheça que minha pergunta é a mesma que os cristãos fazem com frequência aos descrentes, quando estão testemunhando. Sem dúvida, você já tem uma resposta pronta. Então conversemos sobre sua resposta por um momento. Ela revela muito sobre você e sua religião.

Em primeiro lugar, sua resposta foca na teologia ou nos frutos? As pessoas que fazem essa pergunta durante o evangelismo costumam esperar por uma resposta teológica. Supostamente, a resposta certa seria: “Deves me deixar entrar porque eu cri somente em ti para minha salvação e não confiei em minhas próprias obras”.

Todavia, no dia do juízo, Jesus estará em busca de frutos, não de respostas teológicas. Ele já deixou isso bem claro:

Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à sua

direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes. Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos? Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna (Mt 25:31–46).

Logo, Jesus não estará em busca de respostas teológicas corretas no dia do juízo. Sua procura será por frutos. Os teólogos podem até nos garantir que é possível entrar na vida eterna sem frutos, mas Jesus diz outra coisa. E a opinião dele é a única que conta.

Isso é “salvação pelas obras”?

Isso quer dizer que Jesus ensinou a “salvação pelas obras”? Não se por essa expressão você estiver se referindo a merecer a

salvação pelos próprios esforços ou méritos. Na parábola da videira, Cristo explicou: “Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:4–5).

Portanto, nunca conseguimos ser “bons o bastante” por nossas próprias forças para ser salvos. Aquele que realmente mantém um relacionamento obediente de amor e fé com Jesus Cristo sempre reconhece como depende completamente da graça de Deus para ser salvo. Conforme Jesus disse, “sem mim nada podeis fazer”. Eu sei que não estaria em lugar nenhum sem a graça maravilhosa de Deus.

Martinho Lutero estava correto ao ensinar que não podemos merecer a entrada no céu. O problema é que Lutero agia como se a ideia principal da parábola da videira contada por Jesus fosse que não podemos fazer nada sem ele. Sem dúvida, essa é uma das mensagens transmitidas e uma verdade vital. No entanto, a lição da parábola é que *devemos* produzir frutos para permanecer na videira e herdar a vida eterna.

Lutero confundiu os meios com o fim. O fim é o fruto. O meio é o poder que provém de um relacionamento íntimo com Jesus Cristo.

Conhecimento não é fruto

Como ilustração, imagine John Smith, um homem dono da casa própria que vivia no início da década de 1970. Por anos, John lutava para cortar a grama do seu jardim com um cortador obsoleto, impulsionado apenas pela força humana. Certo dia, porém, ele descobriu que existem cortadores de grama elétricos que avançam sozinhos. Com esse tipo de cortador, a principal tarefa do dono da casa é guiar o cortador, andando por trás dele. Maravilhado, John imediatamente saiu e comprou o cortador elétrico. Ficou tão empolgado ao descobrir que é possível cortar a grama do jardim sem usar a própria força que contou de imediato a boa notícia a

seus vizinhos. Eles também saíram e compraram cortadores de grama elétricos.

No entanto, John e seus vizinhos nunca cortam a grama do jardim com os cortadores novos. Eles gastam bastante tempo mostrando os aparelhos para os outros e explicando que é possível cortar a grama do jardim sem depender da força física. Isso tudo porque o movimento vem da energia elétrica. Mas nenhum deles de fato corta a grama e logo os jardins se encontram repletos de grama alta e ervas-daninhas.

O mesmo aconteceu com Lutero e a maioria dos teólogos da Reforma. Eles se regozijaram ao descobrir que, sem Cristo, nada podemos fazer. Exultaram no conhecimento de que o poder para viver a vida cristã vem por intermédio de Jesus. Espalharam animados as boas-novas a esse respeito. Mas ignoraram o que Cristo disse acerca de produzirmos frutos.

Entender como um cortador de grama elétrico funciona não faz a grama ser cortada. De igual modo, entender como a Videira funciona não equivale a produzir frutos. O que interessa é se de fato produziremos frutos ou não — não se sabemos explicar corretamente como funciona todo o processo.

“Sem mim nada podeis fazer” não significa: “você não desempenha nenhum papel na produção de frutos”. A ideia central da parábola da videira é que devemos gerar frutos, caso contrário seremos cortados fora da videira. Caso os frutos fossem produzidos de maneira automática, a parábola de Jesus não faria sentido.

Então que papel nós desempenhamos? Jesus explica: “Como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim” (Jo 15:4). Logo, nosso papel é estar em Cristo Jesus.

À primeira vista, pode parecer que desempenhamos apenas um papel passivo na produção de frutos. Só precisamos estar em Jesus. Mas o que seria estar? Outras versões usam termos mais

específicos como “permanecer” ou “continuar unido”.[95] E o que é necessário para permanecer em Cristo ou continuar unido a ele? Ele próprio esclarece essa dúvida ao fim da parábola, quando diz: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor” (Jo 15:10).

Logo, para estar ou permanecer em Cristo, devemos guardar seus mandamentos. Ou, em outras palavras, para permanecer em Jesus devemos amá-lo de verdade. E se o amarmos de verdade, guardaremos seus mandamentos. Para entrar no céu, devemos ter um relacionamento obediente de amor e fé com Jesus. Conforme William Law expressou: “A única prova verdadeira de que somos membros vivos da igreja de Cristo na Terra nada mais é do que ter a natureza interior e o comportamento exterior que Cristo manifestou ao mundo”.[96]

Entretanto, os teólogos querem nos convencer de que o mais importante para Deus são nossas doutrinas. Já convenceram milhões de professos cristãos que não podemos crer naquilo que Jesus disse sobre o dia do juízo. Segundo eles, Cristo não estará em busca de frutos do reino. Em vez disso, procurará as respostas teológicas corretas. Sem dúvida, os teólogos fizeram um bom trabalho ao convencer George Sodini, o assassino em série, disso.

Assim como seus antecessores, os escribas e fariseus, os teólogos cristãos perderam de vista repetidas vezes a essência da mensagem de Deus à humanidade. Em vez de lançar luz sobre a Palavra de Deus, com muito mais frequência, eles a ocultaram na escuridão com seus livros teológicos, Bíblias de estudo e comentários. Anulam a maioria dos mandamentos de Cristo, usando a intimidação linguística, história forjada e a alegação de que são eles que conhecem verdadeiramente a fé histórica.

Livre-se das algemas

É tempo de aqueles que amam verdadeiramente a Jesus Cristo se livrarem das algemas do “doutrinianismo”. Ao falar isso, não

quero dizer que devemos jogar fora as doutrinas teológicas da fé histórica. De maneira nenhuma!

Em vez disso, é hora de deixar Jesus falar por meio das páginas dos evangelhos, sem filtrar seus ensinos de acordo com as negações, a ginástica mental e as reinterpretações dos teólogos. Chegou o momento dos filhos do reino se levantarem em prol do reino e do evangelho que ele pregou. E é tempo dos teólogos se assentarem.

Notas de fim

CAP. 1: "DOUTRINIANISMO" *VERSUS* "CRISTIANISMO"

[1]Esta é uma narrativa dramatizada de uma história verídica, testemunhada por registros de tribunal e relatada em *Quellen zur Geschichte der Wiedertüufer, 1. Band Herzogtum Württemberg*, ed. Gustav Bossert (Leipzig, 1930), 216 p.

CAP. 2: OS PRIMEIROS TEÓLOGOS

[2]"Rabbi". *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. <http://en.wikipedia.org>, acesso em 19 de março de 2009.

[3]Shabbat 11:3. *The Mishnah*, trans. Jacob Neusner (New Haven: Yale University Press, 1988), p. 193.

[4]As versões alternativas vêm, respectivamente, da versão Almeida Revista e Atualizada e da Nova Versão Internacional.

CAP. 5: O REINO DOS PEQUENINOS

[5]Justin Martyr, *Address to the Greeks*, cap. 35. *The Ante-Nicene Fathers*, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, vol. 1 (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, Inc., 1996), p. 288.

[6]Tatian, *Address to the Greeks*, cap. 29. *ANF*, vol. 2, p. 77.

[7]Origen, *Against Celsus*, livro 6, cap. 2. *ANF*, vol. 4, p. 573.

[8]Origen, *Against Celsus*, livro 7, cap. 59. *ANF*, vol. 4, p. 634.

[9]Origen, *Against Celsus*, livro 7, cap. 60. *ANF*, vol. 4, p. 635.

[10]Arnobius, *Against the Nations*, livro 1, caps. 58–59. *ANF*, vol. 6, p. 429–430.

CAP. 7: A GERAÇÃO DEPOIS DOS APÓSTOLOS

[11]Confira, por exemplo, Eusebius, *Ecclesiastical History*, livro 3, cap. 24.

[12]Justin Martyr, *First Apology*, cap. 14. *ANF*, vol. 1, p. 167.

[13]Tertullian, *On the Veiling of Virgins*, cap. 1. *ANF*, vol. 4, p. 27.

[14]Richard Hooker, "A Learned Discourse of Justification", citado por *New World Encyclopedia*, <http:// www.newworldencyclopedia.org/ entry/Richard_ Hooker>, acesso em 11 de abril de 2009.

CAP. 9: A PRIMEIRA DISPUTA TEOLÓGICA

[15]Eusebius, *Life of Constantine*, livro 2, cap. 69.

CAP. 10: O MAIOR PONTO DE VIRADA DA HISTÓRIA CRISTÃ

[16]*The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *Second Series*, eds. Philip Schaff e Henry Wace, vol. 14 (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, Inc., 1996), p. 3.

[17]Por exemplo, *ousia* é traduzido por "bens" ou "herança" em Lucas 15:12–13: "O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da *herança'*. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus *bens* vivendo irresponsavelmente" (NVI).

CAP. 12: O QUE ACONTECEU ENQUANTO OS TEÓLOGOS SE DESENTENDIAM

[18]O décimo segundo dos Cânones Nicenos diz: "Todos aqueles que foram chamados pela graça e demonstraram o primeiro zelo, colocando de lado seus uniformes militares, mas depois voltaram como cães ao próprio vômito (alguns deles gastando dinheiro e obtendo por meio de presentes suas posições militares), após passarem três anos como ouvintes [isto é, excomungados], sejam submissos por dez anos" (*The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *Second Series*, vol. 14, p. 27).

[19]Augustine, *Reply to Faustus*, livro 22, cap. 76. *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *First Series*, ed. Philip Schaff, vol. 4, p. 301.

[20]Idem, cap. 74.

[21]Idem, cap. 75.

CAP. 13: O QUE MAIS ACONTECEU POR CAUSA DE NICEIA

[22]Augustine, *Heresies* 56. A citação pode ser encontrada em <http://www.catholic.com/library/Mary_Ever_Virgin.asp>.

[23]Augustine, *Sermons* 186:1. A citação pode ser encontrada em <http://www.catholic.com/library/Mary_Ever_Virgin.asp>.

[24]Augustine, *On Nature and Grace*, cap. 42.

[25]Augustine, *Our Lord's Sermon on the Mount*, livro 1, cap. 17; *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *First Series*, vol. 6, p. 22.

[26]Augustine, *Lord's Sermon on the Mount*, livro 1, cap. 20.

CAP. 14: O PROBLEMA DO "DOUTRINIANISMO"

[27]William Law, *You Will Receive Power* (New Kensington, Pa: Whitaker House, 1997), p. 57.

CAP. 15: LUTERO: TEÓLOGO EM PELE DE CORDEIRO.

[28]Law, p. 29–30.

[29]Martin Luther, "Preface to New Testament", *Works of Martin Luther*, vol. 6 (Grand Rapids: Baker Book House, 1982), p. 439.

[30]Luther, "Preface to Hebrews", *Works*, vol. 6, p. 476.

[31]Luther, "An Open Letter on Translating", citado por Project Guttenberg, <http://infomotions.com/ etexts/gutenberg/dirs/etext95/ltran11.txt>, acesso em 31 de agosto de 2009.

[32]Law, p. 30.

[33]Por exemplo, Menno Simons, um anabatista proeminente, escreveu: “A verdadeira fé evangélica é de tal natureza que não pode permanecer dormente, mas se manifesta em toda justiça e em obras de amor; morre para a carne e o sangue; destrói toda a lascívia e os desejos proibidos; cordialmente busca, serve e teme a Deus; veste os nus; alimenta os famintos; consola os aflitos; abriga os miseráveis; auxilia e consola os oprimidos; paga o mal com o bem; serve aqueles que o ferem; ora por quem o persegue; ensina, admoesta e reprova com a Palavra do Senhor; busca o perdido; ata os feridos; cura os doentes e salva os que se permitem tocar” (*Complete Writings of Menno Simons*, trad. Leonard Verduin. Scottsdale, Pa: Herald Press, 1956, p. 307).

[34]Roland Bainton, *The Reformation of the Sixteenth Century* (Boston: Beacon Press, 1952), p. 101.

[35]Bainton, p. 101–102.

[36]Martin Luther, citado por **Johannes Janssen,** *Geschichte des deutschen Volkes seit dem Ausgang des Mittelalters* (8 vols., Freiburg, 1878—1894). Esta citação pode ser encontrada em inglês em: “Why Did the Protestant Reformers Have No Toleration for Anyone After the Reformation?”, em <http://answers.yahoo.com/ question/index?qid= 20080727084322AAOUDcs>.

[37]Ibid.

[38]Martin Luther, “Commentary on 82nd Psalm”, *Works of Martin Luther*, vol. 4, p. 309–311.

CAP. 16: COMO OS TEÓLOGOS SE FORTALECERAM

[39]Martin Luther, “Commentary on 82nd Psalm”, p. 312–313.

[40]Luther, *Preface to the New Testament*.

[41]Por exemplo, confira as notas da Bíblia de Genebra sobre Mateus 5:19 e 7:24.

CAP. 17: COMENTÁRIOS QUE ABAFAM A PALAVRA DE DEUS

[42]John Calvin, *Calvin’s Commentaries*, trad. Joseph Haroutunian, Christian Classics Ethereal Library, <http:// http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom31.html>, acesso em 20 de abril de 2009.

[43]Idem.

[44]Idem.

CAP. 18: APRENDENDO A CONFRONTAR OS VALENTÕES TEOLÓGICOS

[45]"Bullying." *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. <http://en.wikipedia.org/wiki/Bullying>, acesso em 21 de abril de 2009.

[46]"The Serial Bully", <www.bullyonline.org/workbully/ serial.htm>.

CAP. 19: EXPONDO A CEGUEIRA DOS TEÓLOGOS

[47]https://www.dicio.com.br /.

[48]Webster's New World College Dictionary, 3 ed., verbete "Literal."

[49]F. C. Conybeare e St. George Stock, *Grammar of Septuagint Greek*, (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, Inc., 1995), p. 20. A citação foi ligeiramente modernizada.

[50]"God's Love—Agape", <http://www.shalomindia.com agape.php>.

[51]É chamado de 2Reis na Septuaginta.

CAP. 20: HISTÓRIA FORJADA

[52]John Calvin, *Calvin's Commentaries.*

[53]William Burkitt, ***Expository Notes with Practical Observations on the New Testament, reproduzido em SwordSearcher [CD-ROM].***

[54]Robert Jameison, A. R. Faucett e David Brown, ***Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*****, reproduzido em Bible Explorer 4.0 (Austin: WORDSearch, 2006).**

[55]*A Commentary on the Whole Bible*, ed. J. R. Dummelow (New York: The Macmillan Co., 1942), p. 909.

[56]"Por toda a Grécia e em algumas de suas províncias bárbaras, a maioria das igrejas mantinha as virgens cobertas. Há lugares também debaixo deste céu africano onde esta prática se mantém, para que ninguém atribua o costume a gentios gregos ou bárbaros" (Tertullian, *On the Veiling of Virgins*, cap. 2. *ANF*, vol. 4, p. 28).

[57]"Pois algumas, com seus turbantes e suas faixas de lã, não usam *véu* na cabeça, mas a enrolam; protegidas, é certo, na frente, mas despidas na região da cabeça propriamente dita. Outras cobrem, até certo ponto, a região do cérebro com toucas de linho de pequena dimensão... Mas como merecerão um castigo igualmente severo aquelas que, durante o recitar dos Salmos e em qualquer menção do nome de Deus, continuarem descobertas! E que, mesmo ao passar tempo em oração, com a maior agilidade colocam um enfeite ou topete, ou qualquer outro pedaço de pano no topo da cabeça, considerando-se assim cobertas! (Tertullian, *On the Veiling of Virgins*, cap. 17. *ANF*, vol. 4, p. 37).

[58]O fato de muitas irmãs cristãs usarem um véu de tecido durante o momento de oração é confirmado por muitas das pinturas nas catacumbas.

CAP. 21: QUANDO A FICÇÃO É APRESENTADA COMO FATO

[59]Adam Clarke, *Adam Clarke's Bible Commentary*, <http://www.godrules.net/library/clarke/ clarke1cor11.htm>, acesso em 5 de junho de 2009.

[60]Shabbat 6.5, 6.6. *The Mishnah*, p. 186.

[61]Tertullian, *De Corona*, cap. 4. *ANF,* vol. 3, p. 95.

[62]Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible*, ***reproduzido em SwordSearcher [CD-ROM].***

[63]"As mulheres árabes pagãs serão suas juízas, pois cobrem não só a cabeça, mas também o rosto" (Tertullian, *On the Veiling of Virgins*, cap. 17. *ANF*, vol. 4, p. 37).

[64]Por exemplo, confira *The New Testament World in Pictures* (Nashville: Broadman Press, 1987).

[65]William Barclay, *The Letters to the Corinthians* (Philadelphia: Westminster Press, 1975), p. 99.

[66]Strabo, *Geography*, 8.6.20–23.

[67]Strabo, 8.6.23.

[68]Ibid.

CAP. 22: HOMENS NÃO FALAVAM COM MULHERES — E OUTRAS MENTIRAS

[69]1Reis 17:8–24.

[70]Robert H. Mounce, *New International Biblical Commentary on Matthew* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1991), p. 22.

[71]Por exemplo, Papias sugeriu que Mateus escreveu seu evangelho especialmente para os judeus. *ANF*, vol. 1, p. 155.

[72]Berakhot 9:5.

[73]Robert H. Mounce, p. 8.

CAP. 23: DESCONHECIMENTO TOTAL DO CRISTIANISMO HISTÓRICO

[74]Philip Schaff, *History of the Christian Church*, 2 ed., vol. 7 (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985), p. 736.

[75]Martin Luther, "An Open Letter on Translating," trad. Gary Mann de: "Sendbrief von Dolmetschen" em *Dr. Martin Luthers Werke* (Weimar: Hermann Boehlaus Nachfolger, 1909), Band 30, Teil II, p. 632–646.

[76]Ambrose, *Concerning Repentance*, livro. 1, caps. 55–56. *The Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*, vol. 10, p. 338.

CAP. 24: O FRUTO DOS TEÓLOGOS

[77]Philip Schaff, p. 23.

[78]Johann Joseph von Dollinger, *The Reformation*, vol. 1, p. 289. Citado por Schaff.

[79]Martin Luther, *Letter* ***312 To Mrs. Martin Luther*** **[Zeitz] (28 de julho de 1545; <http://beggarsallreformation.blogspot.com /2009/04/luther-on-wittenberg-away-from-this.html>).**

[80]Dollinger, p. 97.

[81]Martin Luther, *Letter to Melanchthon*, *Letter 99* (1º de agosto de 1521).

[82]Phillip Melanchthon, conforme citado por Philip Schaff, *History*, vol. 7, p. 62.

[83]Dollinger, p. 97.

[84]Extraído de *Table Talk*, publicação da Lutheran Publication Society [Sociedade de publicações luteranas].

[85]Ibid.

[86]Ibid.

[87]Schaff, p. 656.

[88]Ibid.

[89]Ibid.

[90]"Peasants' War", *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. <http://en.wikipedia.org>, acesso em 22 de abril de 2009.

[91]Dollinger, p. 96.

[92]Martin Luther, *The Jews and Their Lies*.

[93]Martin Luther, *Letter to Melanchthon*, *Letter 99* (1º de agosto de 1521).

[94]Blog de George Sodini. <http://raincoaster.com/2009/08/05/ george-sodinis-blog-the-plan>, acesso em 3 de setembro de 2009.

CAP. 25: A QUAL RELIGIÃO VOCÊ PERTENCE?

[95]Estas traduções se encontram nas versões Almeida Revista e Atualizada e na Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

[96]Law, p. 151.